

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGÜÍSTICOS

A Tradução Automática nas Redes Sociais

Estudo sobre perceções de utilizadores portugueses

Cláudia Mendes

M

2023



Cláudia Mendes

A Tradução Automática nas Redes Sociais Estudo sobre perceções de utilizadores portugueses

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientada pela Professora Doutora Elena Galvão

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023



Sumário

Declaração de honra	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract	VI
Índice de Figuras	VII
Índice de Tabelas.....	VIII
Índice de Gráficos	IX
Lista de abreviaturas e siglas.....	XI
Introdução	1
1.Enquadramento teórico	3
1.1. Literacia digital.....	3
1.2. Tradução automática e literacia em tradução automática.....	10
1.2.1. Tradução automática baseada em regras	11
1.2.2. Tradução automática estatística.....	12
1.2.3. Tradução automática neuronal	12
1.2.4. Sistemas híbridos.....	13
1.2.5. Literacia em tradução automática.....	13
1.3. Redes sociais	17
1.4. A tradução automática nas redes sociais	21
2.Metodologia	27
2.1. Conceção do questionário.....	27
2.1.1. Dificuldades na conceção do questionário.....	31
2.2. Escolha da plataforma de questionários	33
2.3. Descrição do questionário	34
2.4. Disseminação do questionário	36
3.Análise e Discussão de Resultados	37
3.1. Uso da funcionalidade de tradução automática nas redes sociais e caracterização dos utilizadores	37
3.1.1. Uso da funcionalidade de TA nas redes sociais	49
3.1.1. Opiniões sobre a funcionalidade de TA nas redes sociais	54
3.2. Tradução automática (ferramentas independentes): uso e literacia	60
3.3. Conclusões.....	71
3.4. Limitações e pontos de melhoria	72

3.4.1. “Piping logic” na secção C.....	72
3.4.2. Formulação da questão B8.....	72
3.4.3. Formulação da questão C6.....	73
3.4.4. Formulação da questão D11	73
3.4.5. Proficiência em inglês/L2	74
3.4.6. Situação profissional	74
3.4.7. Literacia em tradução automática.....	75
3.4.8. Número de participantes e resposta condicionada.....	75
Conclusão	77
Referências Bibliográficas	81
Apêndices	91
Apêndice 1 – Respostas dos participantes a questões abertas.....	92
Apêndice 2 – Formulário do questionário.....	109

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2023

Cláudia Mendes

Agradecimentos

À Professora Doutora Elena Galvão, por todo o apoio e compreensão ao longo deste projeto e de todos os percalços que foram ocorrendo.

Ao Professor Doutor Félix do Carmo, que tão amavelmente deu conselhos e *feedback* a uma aluna que não conhece pessoalmente.

Aos meus colegas de curso, especialmente aqueles que me ouviram no meu maior momento de desespero e se ofereceram como revisores do meu rascunho – prometo devolver o favor.

E finalmente, aos meus pais, pelo interesse, encorajamento e apoio a todos os níveis.

Resumo

As ferramentas de tradução automática (TA) são agora muito conhecidas e o seu uso encontra-se bastante popularizado, ao ponto de algumas redes sociais incorporarem funcionalidades de TA diretamente nas suas interfaces. Contudo, ao contrário das ferramentas independentes, como Google Translate ou DeepL, e excluindo a recolha de dados puramente numéricos por parte das próprias plataformas, o uso mais específico das funcionalidades de TA em redes sociais não tem recebido tanta atenção. Este projeto de investigação pretende explorar o uso e perceção destas funcionalidades por parte de internautas da comunidade portuguesa: se o uso da funcionalidade de TA nas redes sociais é frequente ou não e porquê; qual a opinião geral sobre esta funcionalidade incorporada; qual o nível estimado de literacia em TA da amostra; e se existe alguma correlação entre certos dados demográficos e uma maior frequência de uso de TA. O método de recolha de dados escolhido foi a distribuição de um questionário *online*, através de endereço eletrónico e das redes sociais. Esta investigação concluiu que o uso da funcionalidade é relativamente frequente, sendo a principal razão oferecida para não usar a funcionalidade a falta de necessidade; a maioria dos utilizadores consideram-na útil para compreender a generalidade da mensagem nas publicações feitas por utilizadores estrangeiros, classificando a qualidade do seu desempenho como “suficiente”. Não foram encontradas evidências de uma relação entre a idade ou certos interesses pessoais/*hobbies* e um maior uso da funcionalidade de TA nas redes sociais. Por fim, o inquérito parece revelar que o nível de literacia em TA dos participantes apresenta debilidades em termos de perceção das vantagens e desvantagens do uso da TA, dos tipos de texto em que a TA oferece melhor desempenho, e da possibilidade da existência de erros de tradução ‘mascarados’ pela fluência dos textos gerados pelos sistemas de TA.

Palavras-chave: redes sociais, tradução automática, literacia em tradução automática

Abstract

Machine translation (MT) tools are now well known and popularised, to the point where some social media now include MT features in their interfaces. However, unlike independent tools such as Google Translate or DeepL, and excluding the collection of purely numerical data by the platforms themselves, the more specific use of MT features on social networks has not received as much attention. This research project aims to explore the use and perception of these features by Internet users in the Portuguese community: whether or not they use the MT feature on social networks frequently and why; what their general opinion is of this built-in feature; what the estimated MT literacy level of the sample is; and whether there is any correlation between certain demographic data and a higher frequency of MT use. The chosen method of data collection was an *online* questionnaire, the link to which was distributed through e-mail and social media. This research concluded that use of the feature is relatively frequent, with the main reason offered for not doing so being lack of interest; most users find the MT feature useful for understanding the gist of the message in posts made by foreign users, rating the quality of its performance as "sufficient". No evidence was found of a relationship between age or certain personal interests/hobbies and a greater use of the MT feature in social media. Finally, the results reveal weaknesses in participants' MT literacy, namely when it comes to their perception of the advantages and disadvantages of using MT, of the types of text in which MT performs best, and of the ability of current MT systems' fluency to mask translation errors.

Key-words: social media, machine translation, machine translation literacy

Índice de Figuras

FIGURA 1 – EXEMPLO DE LISTA DE REDES SOCIAIS	18
FIGURA 2 – TIPOS DE DOCUMENTOS PARA OS QUAIS OS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DE QUATRO UNIVERSIDADES SUÍÇAS USAM A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA	24
FIGURA 3 – FREQUÊNCIA DE USO DE DIFERENTES FERRAMENTAS DE TRADUÇÃO AUTOMÁTICA PELOS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DE LEIDEN.....	25
FIGURA 4 - DISPONIBILIZAÇÃO DA FUNCIONALIDADE DE TA NO YOUTUBE: VERSÃO <i>DESKTOP</i>	52
FIGURA 5 – DISPONIBILIZAÇÃO DA FUNCIONALIDADE DE TA NO YOUTUBE: VERSÃO MÓVEL ..	52

Índice de Tabelas

TABELA 1 – LISTA DE PRINCIPAIS REDES SOCIAIS CONSIDERADAS	29
TABELA 2 – PARTICIPANTES NESTE ESTUDO	39
TABELA 3 - PERCEÇÃO DA QUALIDADE RELATIVA DO DESEMPENHO DA TA DAS REDES SOCIAIS	58
TABELA 4 - FERRAMENTA DE PREFERÊNCIA ENTRE PROFISSIONAIS/ESTUDANTES DE TRADUÇÃO	63
TABELA 5 - SITUAÇÕES EM QUE NÃO SE DEVE UTILIZAR A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA	66
TABELA 6 - SITUAÇÕES EM QUE SE “DEVE” UTILIZAR A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA.....	68

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – ACESSO À INTERNET DOS AGREGADOS FAMILIARES EUROPEUS	6
GRÁFICO 2 – FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET POR INDIVÍDUO	7
GRÁFICO 3 – CLASSIFICAÇÕES DO IDES DE 2022.....	9
GRÁFICO 4 – USO DE REDES SOCIAIS.....	37
GRÁFICO 5 – CONHECIMENTO PRÉVIO DA EXISTÊNCIA DA FUNCIONALIDADE DE TA NAS REDES SOCIAIS	38
GRÁFICO 6 – USO DA FUNCIONALIDADE NO FUTURO.....	38
GRÁFICO 7 – USO DA FUNCIONALIDADE DE TA NAS REDES SOCIAIS.....	39
GRÁFICO 8 – MOTIVOS PARA NUNCA TER USADO TA NAS REDES SOCIAIS	40
GRÁFICO 9 – GÊNERO.....	41
GRÁFICO 10 – IDADE	41
GRÁFICO 11 – NATURALIDADE	42
GRÁFICO 12 – DISTRITO DE RESIDÊNCIA ATUAL	42
GRÁFICO 13 – GRAU ACADÉMICO (A REALIZAR OU CONCLUÍDO).....	42
GRÁFICO 14 – DOMÍNIOS PROFISSIONAIS/DE ESTUDO.....	43
GRÁFICO 15 – GRAU DE CONTACTO COM A ÁREA DE TRADUÇÃO	44
GRÁFICO 16 – PORTUGUÊS COMO L1	44
GRÁFICO 17 – FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS PARA ALÉM DA L1	44
GRÁFICO 18 – OUTRAS LÍNGUAS FALADAS (UTILIZADORES).....	45
GRÁFICO 19 – LÍNGUA DE CHEGADA DE PREFERÊNCIA.....	45
GRÁFICO 20 – LÍNGUAS DE PARTIDA.....	46
GRÁFICO 21 – OUTRAS LÍNGUAS FALADAS (NÃO UTILIZADORES)	46
GRÁFICO 22 – INTERESSES PESSOAIS POR LÍNGUA ASSOCIADA – NÃO UTILIZADORES	48
GRÁFICO 23 – INTERESSES PESSOAIS POR LÍNGUA ASSOCIADA – UTILIZADORES	49
GRÁFICO 24 – REDES SOCIAIS DOS UTILIZADORES	50
GRÁFICO 25 – FREQUÊNCIA DE USO DE REDES SOCIAIS – UTILIZADORES	50
GRÁFICO 26 – RAZÕES DE USO DE REDES SOCIAIS – UTILIZADORES.....	50
GRÁFICO 27. – REDES SOCIAIS EM QUE FOI USADA TA.....	51
GRÁFICO 28 – PROPÓSITOS PARA OS QUAIS OS UTILIZADORES CONSIDERAM A TA ÚTIL	53
GRÁFICO 29 – PROPÓSITOS PARA OS QUAIS OS NÃO UTILIZADORES CONSIDERAM A TA ÚTIL ...	53
GRÁFICO 30 – AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA TA NAS REDES SOCIAIS.....	54
GRÁFICO 31 – AVALIAÇÃO DA FRASE: “A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DAS REDES SOCIAIS AJUDA- ME A PERCEBER O CONTEÚDO DE PUBLICAÇÕES NOUTRAS LÍNGUAS.”	55

GRÁFICO 32 – AVALIAÇÃO DA FRASE: “A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DAS REDES SOCIAIS É MUITO ÚTIL.”	55
GRÁFICO 33 – PERCEÇÃO DA FREQUÊNCIA DE ERROS GRAMATICAIS NA TA DAS REDES SOCIAIS	56
GRÁFICO 34 – PERCEÇÃO DA FREQUÊNCIA DE OUTROS TIPOS DE ERROS NA TA DAS REDES SOCIAIS	56
GRÁFICO 35 – PERCEÇÃO DA FREQUÊNCIA DA MISTURA DE VARIANTES DO PORTUGUÊS NA TA DAS REDES SOCIAIS.....	56
GRÁFICO 36 – PERCEÇÃO DA FREQUÊNCIA DE ERROS DE MUDANÇA DE SENTIDO NA TA DAS REDES SOCIAIS	57
GRÁFICO 37 – DIFERENÇAS NO DESEMPENHO DA TA ENTRE REDES SOCIAIS	57
GRÁFICO 38 – USO DE TA PARA CRIAR PUBLICAÇÕES NOUTRAS LÍNGUAS DE PARTIDA	59
GRÁFICO 39 – FREQUÊNCIA DE USO DE FERRAMENTAS INDEPENDENTES DE TA	60
GRÁFICO 40 – PERCEÇÃO DO CONHECIMENTO DAS VANTAGENS E DESVANTAGENS ASSOCIADAS À TA	61
GRÁFICO 41 – CONHECIMENTO DAS QUESTÕES DE CONFIDENCIALIDADE ASSOCIADAS À TA ...	61
GRÁFICO 42 – DESEMPENHO DA TA PARA DIFERENTES PARES LINGÜÍSTICOS	62
GRÁFICO 43 – CONHECIMENTO DOS TIPOS DE ERROS FREQUENTES DA TA.....	62
GRÁFICO 44 – USO DA MESMA/DIFERENTES FERRAMENTAS DE TA	63
GRÁFICO 45 – FERRAMENTA DE TA PREFERIDA	64
GRÁFICO 46 – REFLEXÃO SOBRE ADEQUAÇÃO DO USO DE TA À SITUAÇÃO.....	64
GRÁFICO 47 – PERCEÇÃO DA QUALIDADE “ENGANADORA” DO <i>OUTPUT</i> DA TA ATUAL.....	65

Lista de abreviaturas e siglas

IDES.....ÍNDICE DA DIGITALIDADE DA ECONOMIA E DA SOCIEDADE

TA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

TIC TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

NLP NATURAL LANGUAGE PROCESSING (PROCESSAMENTO DE
LINGUAGEM NATURAL)

Introdução

A presente dissertação explora o tema geral da literacia em tradução automática, focando-se em particular nas redes sociais. Atualmente, muitas redes sociais disponibilizam uma funcionalidade de tradução automática integrada nas suas plataformas, tipicamente para facultar o acesso à tradução de publicações feitas por outros utilizadores.

Foram estabelecidos quatro objetivos para este projeto: averiguar até que ponto, de facto, a funcionalidade é utilizada; caracterizar a população utilizadora da funcionalidade; averiguar opiniões sobre a funcionalidade, como nível de desempenho, utilidade, etc.; e estimar o nível médio de literacia em tradução automática.

Foram também definidas duas hipóteses preliminares. De acordo com a primeira hipótese, e em linha com estudos prévios, a maioria dos utilizadores portugueses de redes sociais não usaria a funcionalidade de tradução automática. Já a segunda hipótese referia-se a *quem* seriam estes utilizadores, afirmando que pertenceriam essencialmente a dois grupos: aqueles que, devido à sua idade, provavelmente teriam um nível de inglês algo básico (demasiado jovens ou pertencentes a uma geração em que o francês, e não o inglês, era ainda a principal língua estrangeira lecionada), e aqueles com interesses pessoais cujos conteúdos são tipicamente disponibilizados originalmente em línguas que não o português ou o inglês (filmes estrangeiros e séries de televisão que não sejam em inglês, anime e manga, etc.).

O método de recolha de dados selecionado foi a realização de um questionário *online*, constituído por questões de resposta múltipla e de resposta aberta, que foi aplicado a utilizadores de redes sociais ativos na esfera da Internet falante de português.

Esta dissertação divide-se em três capítulos: enquadramento teórico, metodologia, e análise e discussão de resultados.

No primeiro capítulo é feita uma breve introdução teórica dos conceitos mais relevantes para este tema, nomeadamente a literacia digital, a tradução automática (incluindo breves descrições dos diferentes tipos de abordagens à criação de sistemas informáticos desta natureza), a literacia em tradução automática e as redes sociais.

No segundo capítulo são descritos os pormenores relativos ao estudo realizado, incluindo o processo de conceção do questionário, dificuldades que surgiram no decorrer do

mesmo, a forma como a plataforma de questionários foi selecionada e o modo como o questionário foi disseminado *online*.

No terceiro e último capítulo são apresentados, analisados e discutidos os dados recolhidos. Inicialmente são abordados os dados relativos à funcionalidade de tradução automática nas redes sociais e à caracterização dos utilizadores desta, seguidos dos dados relativos às ferramentas de tradução automática independentes e à literacia em tradução automática. O capítulo termina com as conclusões relativas a estes dois pontos e uma análise das limitações e possíveis pontos de melhoria deste estudo.

1. Enquadramento teórico

Este capítulo apresenta os principais conceitos subjacentes ao projeto desenvolvido, debruçando-se em particular sobre as noções de literacia digital, tradução automática, literacia em tradução automática e redes sociais.

1.1. Literacia digital

Inquirindo aleatoriamente um qualquer indivíduo sobre o significado do termo “literacia”, é muito provável que a resposta recebida seja algo semelhante a “saber ler e escrever”. É esse o significado geral atribuído ao termo; mesmo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define “literacia” como “qualidade ou condição de quem é letrado; alfabetização; conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito; letramento”. Esta é, pelo menos, a definição tradicional. Com o passar do tempo, todavia, o termo adquiriu novas dimensões e já não designa apenas o processo de aprender a ler e escrever. A palavra é agora usada no sentido de “capacidade de compreender informação, independentemente da forma como esta é apresentada” [tradução da autora] (Lanham, 1995). Também o dicionário *online* Infopédia regista um segundo significado de “literacia” como “competência numa determinada área”.

Sendo então possível usar “literacia” para descrever as capacidades ou competências que um indivíduo tem numa área, não sendo esta limitada à alfabetização convencional, faz sentido que a palavra tenha vindo a adquirir novas variantes associadas às ferramentas tecnológicas e ao conhecimento que requerem. Com novas tecnologias, tais como os computadores pessoais, a Internet e os *smartphones*, surgem novos tipos de literacia, entre as quais a “literacia digital”.

O termo inglês “digital literacy” foi usado pela primeira vez por Paul Gilster em 1997 na obra homónima, onde é definido como:

“[...] the ability to understand and use information in multiple formats from a wide variety of sources when it is presented via computers [...]”

Ou seja, “a capacidade de compreender e usar informação em múltiplos formatos proveniente de uma vasta gama de fontes, quando apresentada através de computadores”¹. Esta capacidade de uso e compreensão de informação refere-se claramente a mais do que as capacidades técnicas necessárias para utilizar um computador. O computador é apenas o meio através do qual se acede à informação: a literacia digital é o conjunto de competências cognitivas e espírito crítico necessários para que o utilizador tire o melhor partido possível deste género de ferramentas. Afinal, segundo Gilster, a literacia digital envolve “mastering ideas, not keystrokes” (dominar ideias, não teclas).

Mas este novo conceito apresentado por Gilster não surgiu num vácuo, motivado apenas pelo advento dos computadores pessoais e da Internet; Reddy e Sharma (2020), por exemplo, descrevem toda uma evolução de termos semelhantes que foram acompanhando os desenvolvimentos tecnológicos, começando em 1960 com “literacia visual” (“visual literacy”), seguido por “literacia tecnológica” (“technological literacy”) por volta dos anos 70 e “literacia informática” (“computer literacy”) nos anos 80. Existem, contudo, muitos outros. Lucas et al. (2017) mencionam uma revisão da literatura de 2014 que apresenta “34 [termos/definições] com ligações a 6 áreas distintas de estudo, incluindo a área da comunicação, dos média, da sociologia, da documentação, da tecnologia e das ciências da educação” (Lucas et al., 2017, p. 185).

É evidente que “literacia digital” não é um termo estático, e que o seu verdadeiro significado é tão abrangente e complexo que é muito improvável encontrar uma única definição que possa ser considerada completa e ideal para qualquer contexto. Isto significa que potencialmente existem agora tantas definições de literacia digital quanto entidades interessadas em defini-la; os pormenores de cada definição irão variar conforme o entendimento de “digital”, as competências valorizadas e a extensão ou nível de complexidade desejados para a definição, entre muitos outros possíveis fatores – desde motivações políticas a áreas de estudo.

Considere-se, por exemplo, a definição da Microsoft:

¹ Tradução da autora; todas as traduções de citações apresentadas neste trabalho foram realizadas pela autora.

"Digital literacy is the ability to navigate our digital world using reading, writing, technical skills, and critical thinking."² (Digital literacy courses, programs & resources: Microsoft digital literacy, s.d.)

Uma definição bastante curta e simples, mas não muito específica. Para um total leigo, esta definição não é necessariamente informativa.

Desse ponto de vista, a definição da American Library Association oferece um pouco mais:

"the ability to use information and communication technologies to find, evaluate, create, and communicate information, requiring both cognitive and technical skills."³ (Digital literacy, s.d.)

Como último exemplo, atente-se à definição da UNESCO. Esta é mais específica, pois engloba também matizes de natureza política e económica:

"Digital literacy is the ability to access, manage, understand, integrate, communicate, evaluate and create information safely and appropriately through digital technologies for employment, decent jobs and entrepreneurship. It includes competences that are variously referred to as computer literacy, ICT literacy, information literacy and media literacy."⁴ (Law et al., 2018).

Independentemente da definição, é inegável que a literacia digital assume atualmente uma enorme importância. Em 2010, o Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia declararam a competência digital "essencial para uma inclusão social satisfatória, para a participação cívica ativa e consciente na sociedade e na economia e, ainda, para o crescimento competitivo, inteligente e sustentável da sociedade atual" (Lucas et. al., 2017, p. 182). Isto faz sentido: as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) adquiriram um papel importante no desenvolvimento económico, no aumento da

² Trad.: A literacia digital é a capacidade de navegar o nosso mundo digital recorrendo a capacidades técnicas, de escrita, de leitura e de pensamento crítico.

³ Trad.: A capacidade de usar informação e tecnologias da comunicação para encontrar, avaliar, criar e comunicar informação, o que requer capacidades tanto técnicas como cognitivas.

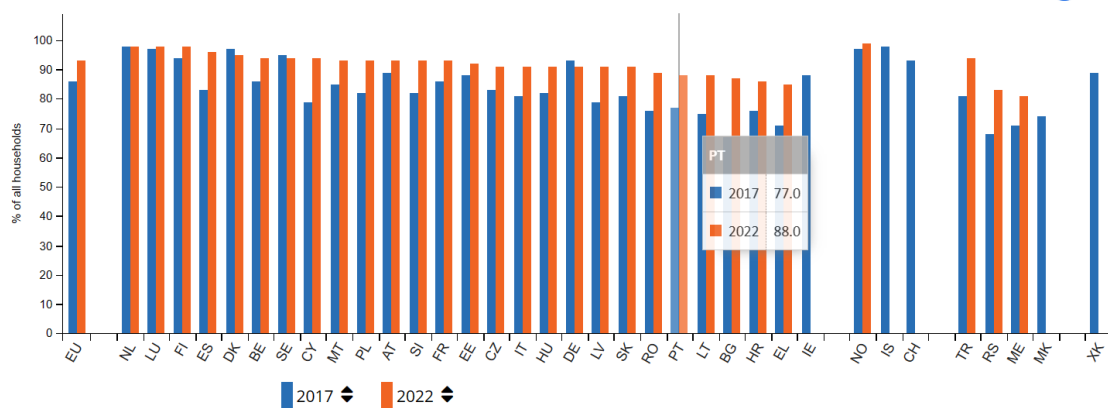
⁴ Trad.: A literacia digital é a capacidade de aceder, gerir, compreender, integrar, comunicar, avaliar e criar informação de forma segura e adequada através das tecnologias digitais para fins de emprego, trabalho digno e empreendedorismo. Inclui competências que podem ser designadas com diferentes termos, como literacia informática, literacia em TIC, literacia da informação e literacia em *media*.

qualidade e acesso à educação e no progresso social e político, e também oferecem um contributo importante no setor da saúde (Reddy & Sharma, 2020). As competências digitais são agora *essenciais* para a sobrevivência e para o crescimento de empresas em todos os setores. Cada vez mais, aumenta o risco de desemprego para os trabalhadores cujas tarefas habituais são mais dadas à automatização. Evitar o desemprego passa, em grande parte, por ter a capacidade de trabalhar com as novas tecnologias, pelo que cada vez mais os trabalhadores terão de adquirir estas competências (Comissão Europeia, 2022a).

Para além disto, o digital é também simplesmente parte do nosso quotidiano. De acordo com os dados mais recentes do Eurostat, em 2022, 93% dos agregados familiares na União Europeia tinha acesso à Internet, uma subida de 21% relativamente a 2011 (Digital Economy and Society Statistics - Households and Individuals - Statistics Explained, s.d.). Como se pode observar no gráfico 1, esta percentagem também subiu em Portugal: de 77% em 2017 para 88% em 2022 (Eurostat, 2023a).

Gráfico 1 – Acesso à Internet dos agregados familiares europeus

Internet access of households, 2017 and 2022



EU estimate

2022 not available: Ireland, Iceland, Switzerland, North Macedonia and Kosovo*

*Kosovo (XK) This designation is without prejudice to positions on status, and is in line with UNSCR 1244/1999 and the ICJ Opinion on the Kosovo declaration of independence.

Source: Eurostat (online data code: isoc_ci_in_h)

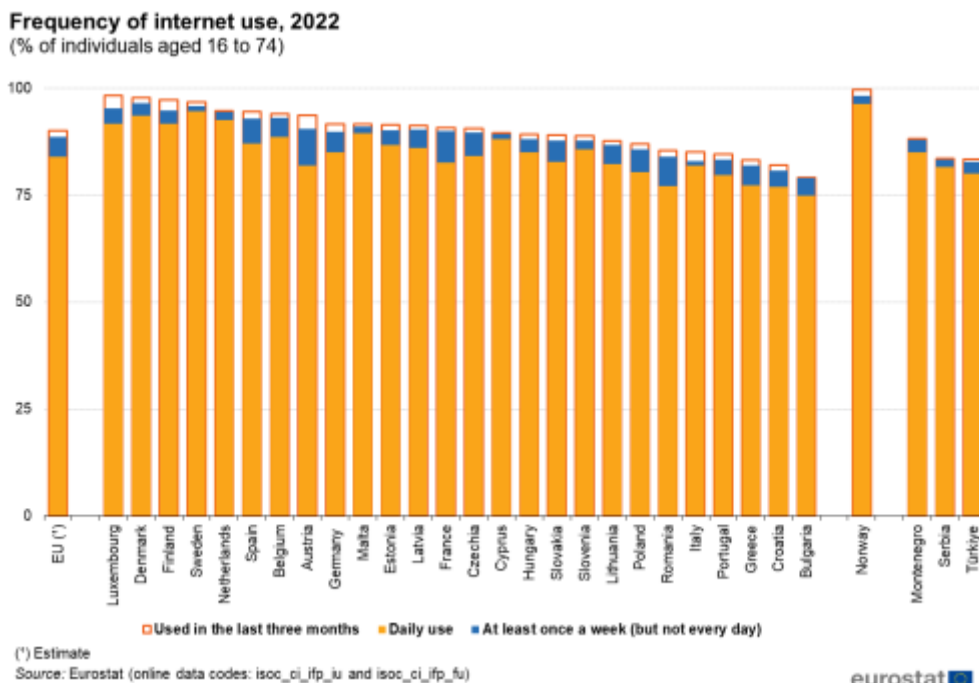
eurostat

Fonte: ec.europa.eu/eurostat

O uso da Internet também se encontra generalizado (ver gráfico 2). Em 2022, 90% dos europeus entre os 16 e os 74 anos acedeu à Internet pelo menos uma vez (Eurostat, 2023b) – e 84% fê-lo *diariamente* (Eurostat, 2023c). Portugal tem uma das maiores percentagens de pessoas que nunca acederam à Internet – 14%, comparativamente aos 7% da União

Europeia (Eurostat, 2023d) – mas mesmo em Portugal 79,6% dos indivíduos usaram a Internet diariamente em 2022 (Eurostat, 2023c).

Gráfico 2 – Frequência de uso da Internet por indivíduo



Fonte: ec.europa.eu/eurostat

O número de agregados familiares portugueses com um computador subiu cerca de 26% entre 2006 e 2017, para 71,5% (Eurostat, 2023e). Em 2021, 78,8% dos portugueses acederam à Internet num telemóvel ou *smartphone* (Eurostat, 2023f). Os níveis de acesso e utilização destas novas tecnologias são, portanto, bastante elevados entre os portugueses.

Contudo, o acesso ou uso não garantem um elevado nível de competência. É bastante comum a crença, mesmo entre docentes e decisores políticos, na existência dos chamados “nativos digitais”. O termo “nativos digitais” refere-se, de um modo geral, a indivíduos nascidos após 1984, que tiveram uma exposição intensa e constante às novas tecnologias desde a infância – o que, supostamente, os teria dotado de altas competências digitais e características nunca vistas nas gerações anteriores, como uma apetência para aprender mais facilmente através de meios digitais ou de atividades experimentais, entre outras (Kirschner & De Bruyckere, 2017; Støle, 2018).

Contudo, surgem cada vez mais estudos que questionam a existência dos nativos digitais. Um exemplo flagrante é um estudo realizado por investigadoras da universidade de Maryland, nos Estados Unidos, que envolveu 90 alunos de licenciatura (Singer & Alexander, 2017). Os alunos foram inicialmente inquiridos quanto às suas preferências de formato de leitura e depois convidados a ler artigos tanto em formato impresso como digital, e também excertos de livros físicos. Feito isto, os alunos responderam a perguntas concebidas para avaliar o seu nível de compreensão do que tinham lido. Foi ainda solicitado aos participantes que indicassem o formato em que tinham compreendido melhor o conteúdo, assim como o formato em que previam obter melhores resultados. Em ambas as questões, a maioria indicou o formato digital. Contudo, os resultados das perguntas de avaliação da sua compreensão dos textos revelaram uma outra realidade. Apesar de não terem sido detetadas diferenças entre formatos no que diz respeito à identificação da ideia principal dos textos, os alunos demonstraram recordar-se melhor dos pontos-chave relacionados com a ideia principal e de outras informações relevantes quando utilizaram o formato impresso – algo que vai contra as supostas características dos nativos digitais.

Um outro exemplo é um estudo de 2013 que relata os resultados de um questionário aplicado a cerca de 1000 estudantes da universidade de Hong Kong, com perguntas sobre os tipos de tecnologias a que os estudantes tinham acesso, a forma como as utilizavam e a forma como consideravam que as tecnologias poderiam ajudar os seus estudos. A investigação concluiu que os participantes, apesar de serem, tecnicamente, nativos digitais, não possuíam necessariamente a literacia digital para utilizar a tecnologia em prol da sua aprendizagem (Kennedy & Fox, 2013).

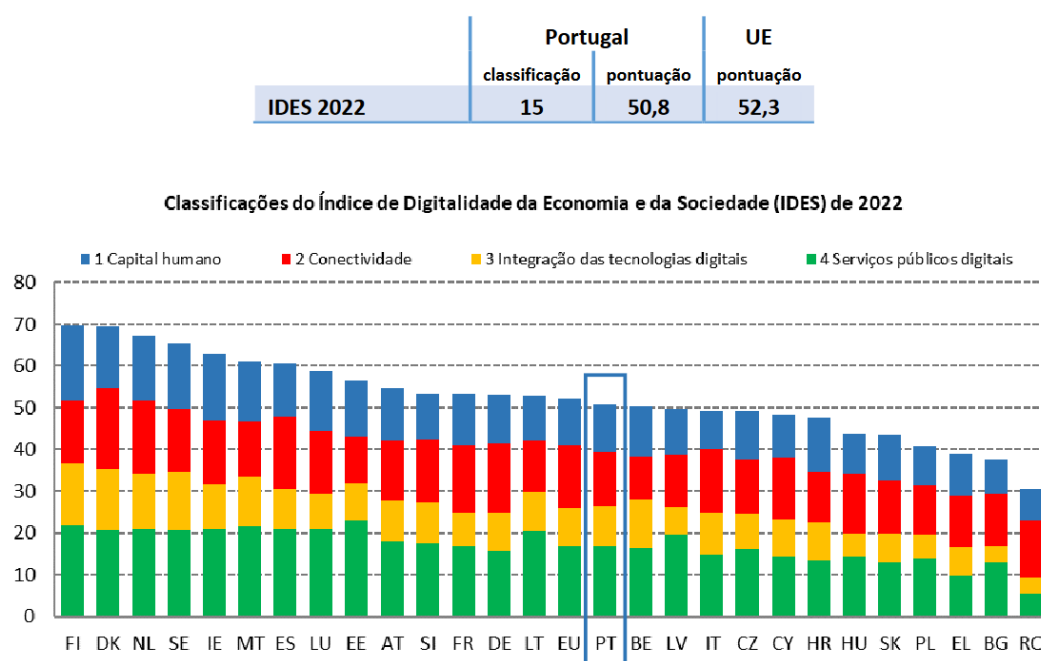
Pertencer a uma geração de supostos nativos digitais não é, portanto, garantia de um alto nível de competências digitais. Por conseguinte, se estas são desejáveis, então devem ser ensinadas de modo explícito, ou seja, não se pode confiar numa hipotética capacidade inerente nas gerações mais novas de “absorverem” estas competências de forma passiva.

De facto, pouco mais de metade (54%) dos europeus com idades entre os 16 e os 74 anos possuem, pelo menos, competências digitais básicas, de acordo com o Índice da Digitalidade da Economia e da Sociedade (IDES) de 2022. Considerando que o programa

Década Digital da Comissão Europeia estabeleceu uma meta de pelo menos 80% em 2030, há claramente ainda um longo caminho a percorrer.

Felizmente, os dados revelam uma trajetória promissora: o nível de digitalização da União Europeia tem vindo a crescer, com muitos avanços atingidos pelos Estados-Membros durante a pandemia de COVID-19 (Comissão Europeia, 2022b). No caso específico de Portugal, também se verificou uma melhoria: encontra-se agora em 15º lugar entre os 27 Estados-Membros da UE na edição de 2022 do IDES, tendo subido uma posição em relação a 2021, e cinco posições em relação a 2016, como ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Classificações do IDES de 2022



Fonte: Índice de Digitalidade da Economia e da Sociedade (IDES) de 2022 de Portugal

No entanto, é importante notar que, ainda de acordo com o IDES 2022, os progressos relativos do país são, de modo geral, “ligeiramente inferiores aos dos países homólogos”, considerando-se que o país tem potencial para “acelerar um pouco mais os seus esforços no sentido da digitalização” (Comissão Europeia, 2022b, p. 3).

1.2. Tradução automática e literacia em tradução automática

A tradução automática (TA), conhecida como “*machine translation*” em inglês, é um processo em que um programa de *software* traduz texto de uma língua natural para outra. É difícil dizer em que momento exato da História surgiram as primeiras ideias relativas à tradução automática. Alguns especialistas defendem que as primeiras ideias remontam ao século IX com o trabalho do criptógrafo árabe al-Kindi (DuPont, 2018). Contudo, tipicamente, quando se fala do início da tradução automática, é mencionado o Memorandum de 1949 de Warren Weaver, vice-presidente da Fundação Rockefeller, em que este propõe o uso de computadores para ultrapassar “the world-wide translation problem”⁵ – um problema que, supostamente, “impedes cultural interchange between the peoples of the earth, and is a serious deterrent to international understanding”⁶ – e que terá desencadeado o fervor de investigação que levou a um dos marcos históricos do início do desenvolvimento desta tecnologia: a primeira demonstração de um sistema de tradução automática na Universidade de Georgetown em 1954. O interesse nesta tecnologia manteve-se durante os anos da Guerra Fria, mas após um período inicial de investigação intensa, os avanços obtidos levaram a algum desencantamento e a um abrandamento do entusiasmo por parte da maioria das equipas de investigação (Hutchins, 2015; Kenny, 2019, p. 430).

Tornara-se óbvio que o problema era muito mais complexo do que antecipado, e que a simples substituição palavra-a-palavra não seria o suficiente para garantir resultados de qualidade. Com o otimismo antes direcionado à tradução automática a diminuir, continuaram apenas a existir projetos de desenvolvimento e investigação em TA em alguns pontos do mundo (principalmente Canadá, Europa, Japão, alguns sítios nos Estados Unidos), sobretudo em instalações governamentais ou militares, as únicas equipadas com os *mainframes* de grandes dimensões em que os sistemas tinham de ser executados (Jolley & Maimone, 2022; Kenny, 2019).

Só no início dos anos 90 do século passado é que novos avanços com resultados encorajadores desencadearam uma nova onda de interesse no assunto, em muito auxiliada

⁵ Trad.: O problema mundial da tradução.

⁶ Trad.: Impede trocas culturais entre os povos da Terra e constitui um sério obstáculo à compreensão internacional.

pela disseminação dos computadores pessoais e o início da Internet. Antes disto, o *output* dos sistemas da altura frequentemente necessitava de pós-edição (ou mesmo pré-edição) extensa por um ser humano para oferecer mais do que a “ideia” geral da mensagem (“the gist”). Mas o ponto de viragem foi em 1988, quando uma equipa de investigadores da IBM propôs uma alternativa aos sistemas baseados em regras que até então predominavam: a abordagem estatística. Esta foi ganhando cada vez mais popularidade, tendo durante muito tempo sido considerada tecnologia de ponta no que à tradução automática dizia respeito. Contudo, a tradução automática ainda não suscitava muito interesse entre tradutores profissionais, mesmo quando começaram a surgir mais sistemas de uso comercial. Uma razão para isto seria o facto de o seu *output* não alcançar os limites mínimos de qualidade para valer a pena fazer pós-edição (Kenny, 2019).

Tudo isso mudou quando surgiu a tradução automática neuronal em 2015/2016, cujos resultados eram de muito melhor qualidade, e várias empresas, tais como a Google e a Microsoft, apressaram-se a incorporar esta abordagem.

É este o ponto em que nos encontramos atualmente. Nos últimos anos, a tradução automática neuronal não só tem sido genericamente adotada (a lista de empresas que desenvolveram sistemas de TA neuronal inclui não só a Google e a Microsoft, mas também o Facebook, a Amazon, a SDL, a Yandex e muitas mais), mas ocorreu também uma verdadeira explosão do número de publicações científicas com ela relacionadas e há um elevado número de *toolkits* disponíveis *online* para a criação de sistemas de tradução automática neuronal (Stahlberg, 2020).

Atualmente consideram-se três grandes grupos de abordagens à tradução automática: tradução automática baseada em regras, tradução automática estatística e tradução automática neuronal.

1.2.1. Tradução automática baseada em regras

Também chamada *rule-based machine translation* ou RBMT em inglês. Os primeiros sistemas de tradução automática foram deste tipo (Jolley & Maimone, 2022). Funcionam com base em regras definidas por linguistas. Estão dependentes de dados linguísticos explícitos, tais como dicionários morfológicos, dicionários bilingues, gramáticas e regras de transferência estrutural. Estes sistemas estão, portanto, algo limitados pelas regras que os definem; têm tendência a produzir resultados menos fluentes, mais repetitivos, mas

mais fiéis à mensagem original do que os sistemas de tradução automática estatística (Forcada et al., 2011). Para além disto, estes sistemas são muito complicados e morosos de construir. É preciso identificar e definir todas as regras de funcionamento de duas línguas para criar um sistema – para este funcionar com mais línguas, é necessário acrescentar mais destes conjuntos de regras. Para instituições internacionais com grandes volumes de texto para tradução em diversas línguas, isto é obviamente problemático (Bowker & Ciro, 2019).

1.2.2. Tradução automática estatística

Também chamada *statistical machine translation* ou SMT em inglês, este tipo de TA baseia-se em previsões estatísticas a partir da comparação e análise de *corpora* bilingues *online* (Jolley & Maimone, 2022). Uma das debilidades deste tipo de sistemas é precisamente a dependência de *corpora*: para línguas de baixos recursos, estes muitas vezes não existem. Historicamente, a qualidade dos seus resultados também deixa algo a desejar (Kenny, 2019).

1.2.3. Tradução automática neuronal

Chamada *neural machine translation* ou NMT em inglês, é atualmente a abordagem mais popular, integrando inteligência artificial. Extensas redes neuronais são usadas para treinar o sistema de tradução. Esta estratégia alcança resultados superiores aos dos anteriores sistemas de tradução estatística, nomeadamente em aspetos de morfologia, seleção lexical e fenómenos relativos à ordem de palavras (Bentivogli et al., 2016). Mas apesar de apresentar melhores resultados, nem mesmo a tradução automática neuronal é perfeita, especialmente para alguns pares linguísticos. Por exemplo, um estudo de 2021 sobre o desempenho da ferramenta Google Translate na tradução de textos sobre a COVID-19 de inglês para árabe encontrou erros de ortografia, lexicais (incluindo a adição ou não tradução de palavras e omissões de palavras ou frases inteiras), gramaticais (desde ordem de palavras à conjugação errada de verbos) e semânticos (como a tradução errada de palavras isoladas ou de expressões idiomáticas) (Almahasees et al., 2021). Os tipos de erros e as suas frequências variam conforme o par linguístico, género textual, domínio do conhecimento e ferramenta de tradução automática escolhida (Bowker & Ciro, 2019).

1.2.4. Sistemas híbridos

Como o nome indica, sistemas híbridos tentam combinar os melhores aspetos de duas ou mais abordagens, com o objetivo de obter um motor de tradução com um melhor desempenho (Costa-jussà & Fonollosa, 2015). Atualmente, muitos optam por combinações de TA neuronal com outras (Dahlmann et al., 2017; Wang et al., 2021; Dugonik et al., 2023), mas combinações sem TA neuronal continuam ainda a ser criadas (Alqudsi et al., 2019; Thu et al., 2021).

Dada a desvantagem que a TA neuronal tem perante línguas de baixos recursos (uma vez que não existem muitos dados disponíveis para treinar os sistemas nestas línguas), não é incomum a criação de sistemas híbridos especificamente para obter um melhor desempenho na TA de línguas de baixos recursos (Mahata et al., 2020).

1.2.5. Literacia em tradução automática

Nos dias de hoje, o acesso relativamente generalizado a equipamento informático (desde computadores a *tablets* ou *smartphones*) e à Internet⁷ e a disponibilização gratuita de ferramentas *online* de tradução automática como o Google Translate significa que o acesso a tradução automática é agora uma possibilidade para todos, e já não província exclusiva de grandes instituições ou governos. Estamos perante uma tecnologia que, na sua forma atual, é de uso simples e acesso fácil.

Todavia, como mencionado anteriormente, ter acesso a ou ser capaz de utilizar uma ferramenta não implica um conhecimento aprofundado ou um uso crítico da mesma – algo fundamental quando estamos a lidar com uma tecnologia ainda longe de estar perfeita e dada a cometer erros, como é o caso da tradução automática.

Se considerarmos a vasta gama de contextos em que a TA é agora utilizada, é fácil ver como a aplicação incauta desta tecnologia poderá ser preocupante: desde contextos médicos (Patil & Davies, 2014) ou legais (Vieira et al., 2021) a académicos (Delorme Benites et al., 2021), desde situações de crise (Marlowe, 2019) ao apoio à escrita de artigos científicos ou académicos por não falantes de inglês (Bowker, 2020), entre outros.

⁷Como discutido no subcapítulo 1.1., “Literacia digital”.

Foi mencionado anteriormente como certos avanços tecnológicos levaram à evolução do termo “literacia digital” e as suas inúmeras variantes e possíveis definições. Certos especialistas admitem a existência não de "literacia digital", como entidade única, mas de "literacias digitais” (Lankshear & Knobel, 2008) – um conjunto de diferentes tipos de literacia incluídas na categoria “literacia digital”.

O conceito de “literacia em tradução automática”, enquanto parte integrante da “literacia digital”, faz todo o sentido. Este termo foi inicialmente usado por Bowker e Ciro no seu trabalho de 2019, *Towards Improved Machine Translation Literacy in the Scholarly Community*, onde os autores se concentram na problemática do uso da tradução automática no contexto da investigação académica. Devido às limitações desta tecnologia, vários estudos analisados por Bowker e Ciro indicam que muitos utilizadores não conseguem retirar o máximo valor possível do uso destas ferramentas, concluindo que, não sendo ainda possível suprimir as falhas desta tecnologia, é necessário educar os utilizadores quanto à melhor forma de a usarem na sua forma atual. Estes autores afirmam que (Bowker & Ciro, 2019, p.88):

“[...] machine translation literacy refers to a scholar’s ability to:

- comprehend the basics of how machine translation systems process texts;
- understand how machine translation systems are or can be used (by oneself or by other scholars) to find, read, and/or produce scholarly publications;
- appreciate the wider implications associated with the use of machine translation;
- evaluate how (machine) translation-friendly a scholarly text is;
- create or modify a scholarly text so that it could be translated more easily by a machine translation system; and
- modify the *output* of a machine translation system to improve its accuracy and readability.”⁸

⁸ Trad.: A literacia em tradução automática refere-se à capacidade de um académico para: compreender os conceitos básicos de como os sistemas de tradução automática processam textos; compreender como os sistemas de tradução automática são ou podem ser usados (pelos próprios ou por outros académicos) para encontrar, ler e/ou produzir publicações académicas; reconhecer as implicações mais alargadas associadas à utilização da tradução automática; avaliar o quão adequado um dado texto académico é para o uso de tradução automática; criar ou modificar um texto académico para que possa ser traduzido mais facilmente

Apesar de esta ser uma definição muito virada para o contexto académico, as suas possíveis aplicações noutros contextos são claras. É encorajada a compreensão do funcionamento da ferramenta, o que promoverá o conhecimento dos seus limites e pontos fracos.

As “implicações do uso da tradução automática” são também um aspeto de que é importante ter conhecimento, independentemente do contexto. Consideremos as questões de ética e de confidencialidade associadas à tradução automática. Por exemplo, se um texto de cariz médico for traduzido automaticamente e disponibilizado num site como o do Sistema Nacional de Saúde, e este texto contiver um erro crítico que ponha em causa a saúde de alguém, quem assumirá responsabilidade? Outro exemplo: os sistemas de tradução automática são treinados em quantidades extensas de dados, mas será correto o reaproveitamento de trabalhos de tradução feito por tradutores humanos sem a permissão destes últimos, mesmo que os clientes que encomendaram a tradução sejam, legalmente, os donos desta e especialmente quando muitos tradutores se opõem a contribuir para o melhoramento desta tecnologia, uma vez que sentem que tal vai contra os seus interesses (Moorkens, 2022). Estes são apenas dois exemplos entre muitos outros, pois trata-se de um tema complexo que envolve muitas perspetivas diferentes, mas é indiscutível que manter-se atualizado acerca deste assunto é fundamental para o uso informado destas ferramentas.

Também a análise do texto a traduzir, da sua adequação ao processo de tradução automática e das alterações poderão ser introduzidas no texto para o tornar mais adequado são elementos importantes independentemente do contexto em que se pretende usar a tradução automática – é óbvio que melhores resultados serão obtidos se esta análise for realizada, qualquer que seja o género de texto em questão.

Em último lugar estão os conhecimentos mais técnicos, “os truques” que se podem utilizar para tentar diminuir as margens de erro e aumentar a qualidade do *output* da tradução automática, como simplificar frases ou evitar expressões idiomáticas. Claramente, também estas não são recomendações cuja utilidade se limita ao contexto académico.

por um sistema de tradução automática; e modificar o *output* de um sistema de tradução automática para melhorar a sua correção e legibilidade.

Ter noção de todos estes aspetos é crucial para se ser capaz de decidir de forma informada quando, como, porque ou mesmo se a tradução automática deve ser usada— e é isto, afinal, o cerne do conceito de literacia em tradução automática (Bowker & Ciro, 2019).

1.3. Redes sociais

O termo “social media” está em uso desde, pelo menos, 1994. Ao longo do tempo, termos alternativos (como “virtual communities” ou “social networking sites”, por exemplo), foram surgindo e caindo em desuso. Também as definições atribuídas ao conceito sofreram alterações, inicialmente sendo comum um foco na sua função enquanto facilitadores/meios de interação social *online*, mas sendo agora mais frequente a ênfase na geração e partilha de conteúdo por parte dos utilizadores (Aichner et al., 2021).

Um exemplo de uma definição recente de “social media” é a definição oferecida por Kapoor et al. (2018):

“Social media is made up of various user-driven platforms that facilitate diffusion of compelling content, dialogue creation, and communication to a broader audience. It is essentially a digital space created by the people and for the people, and it provides an environment that is conducive for interactions and networking to occur at different levels (for instance, personal, professional, business, marketing, political, and societal).”⁹

Torna-se claro, ao analisar esta definição, que a expressão “social media” abrange muito mais do que apenas um tipo de website. Aichner et al. (2021) oferecem uma lista extensa das possibilidades:

In research, [social media] is generally used as an umbrella term that describes a variety of *online* platforms, including blogs, business networks, collaborative projects, enterprise social networks (SN), forums, microblogs, photo sharing, products review, social bookmarking, social gaming, [social networks], video sharing, and virtual worlds.¹⁰

⁹ Trad.: As redes sociais são constituídas por várias plataformas centradas no utilizador que permitem a disseminação de conteúdos interessantes, a criação de diálogo e a comunicação com um público mais vasto. Trata-se essencialmente de um espaço digital criado pelas pessoas e para as pessoas, que proporciona um ambiente propício à interação e ao estabelecimento de redes a diferentes níveis (por exemplo, pessoal, profissional, empresarial, de marketing, político e societal).

¹⁰ Trad.: Em investigação, [“social media”] é geralmente utilizado como um termo genérico que descreve uma variedade de plataformas *online*, incluindo blogues, redes empresariais, projetos colaborativos, redes sociais empresariais (SN), fóruns, microblogues, partilha de fotografias, análise de produtos, “bookmarking social”, jogos sociais, [redes sociais], partilha de vídeos e mundos virtuais.

Portanto, as “redes sociais” (“social networks”) são um tipo específico de “social media”, que é um termo mais genérico. Contudo, qualquer pesquisa *online* rápida revela que, fora dos círculos acadêmicos, os termos são usados como sinónimos (Auxier & Anderson, 2021).

O que é, então, tipicamente entendido como sendo uma rede social? Recorrendo mais uma vez a um motor de pesquisa, neste caso o *Google*, os resultados da pesquisa por “top social media” apresentam listas de plataformas frequentemente semelhantes. Temos um exemplo na figura seguinte:

Figura 1 – Exemplo de lista de redes sociais

— The top 21 social networking sites of 2023

1. Facebook — 2.96 billion MAUs
2. YouTube — 2.2 billion MAUs
3. WhatsApp — 2 billion MAUs
4. Instagram — 2 billion MAUs
5. WeChat — 1.26 billion MAUs
6. TikTok — 1 billion MAUs
7. Sina Weibo — 573 million MAUs
8. QQ — 538.91 million MAUs
9. Telegram — 550 million MAUs
10. Snapchat — 557 million MAUs
11. Kuaishou — 573 million MAUs
12. Qzone — 553.5 million MAUs
13. Pinterest — 444 million MAUs
14. Twitter — 238 million MAUs
15. Reddit — 430 million MAUs
16. LinkedIn — 424 million MAUs
17. Quora — 300 million MAUs

Fonte: [Buffer.com](https://buffer.com)

Muito tem sido dito sobre o impacto que as redes sociais têm nos seus utilizadores, tipicamente relacionando um uso mais frequente destas com uma maior probabilidade de problemas de saúde mental ou autoestima (Lee, 2014; Plackett et al., 2023; Tandoc et al., 2015). Isto para não mencionar os problemas associados a fenómenos de “câmaras de ressonância” (“echo chambers”) (Cinelli et al., 2020) e os processos de radicalização e adoção de posições extremistas devido à exposição a discurso de ódio, rumores, desinformação e teorias de conspiração por meio dos algoritmos de algumas redes sociais (Shaw, 2023).

Independentemente destes impactos mais negativos, a realidade é que o uso frequente, se não mesmo diário, das redes sociais está a tornar-se cada vez mais comum, especialmente entre os mais jovens (Auxier & Anderson, 2021; Marktest, 2022). É preciso reconhecer também que as redes sociais não exercem apenas uma influência negativa. Pela sua própria natureza, representam um espaço privilegiado de expressão política, mobilização e ativismo *online* (Abbas et al., 2022). Para indivíduos pertencentes a minorias, por exemplo, a participação em ativismo nas redes sociais pode ser parte de uma estratégia de *coping* para lidar com a discriminação que enfrentam, o que contribuirá para aliviar o *stress* associado a esta situação (Tao et al., 2022).

Talvez mais relevante ainda é o papel que as redes sociais desempenharam durante a pandemia da COVID-19, não só como fonte de informação ou forma de passar o tempo, mas sobretudo como pontes seguras que permitiram o contacto e a interação social durante os confinamentos (Vaterlaus et al., 2022). Em termos de produção, disseminação e consumo de informação, algo tão desejado durante uma situação global tão preocupante, as redes sociais rapidamente se tornaram um instrumento essencial. Estudos demonstraram que a publicação de informações exatas e fiáveis através das plataformas das redes sociais pode ser extremamente importante na luta contra a infodemia¹¹, a desinformação e os rumores. Além disso, a monitorização em tempo real de uma doença pandémica como a COVID-19 nas redes sociais pode ser uma ferramenta importante no

¹¹ Do site da Organização Mundial da Saúde: “An infodemic is too much information including false or misleading information in digital and physical environments during a disease outbreak. It causes confusion and risk-taking behaviours that can harm health.” Trad.: Uma infodemia é um excesso de informação que inclui informação falsa ou enganadora, em ambientes tanto digitais como físicos, durante um surto de doença. Isto provoca confusão e comportamentos de risco que podem ser prejudiciais para a saúde.

arsenal de estratégias de intervenção das organizações de saúde pública (Tsao et al., 2021). Em situações de crise, como pandemias, desastres naturais (Pignone et al., 2022) ou outras catástrofes, as redes sociais desempenham um papel importante.

Mesmo no quotidiano ‘normal’, as redes sociais podem fornecer contribuições relevantes para a educação (Dzogbenuku et al., 2022; Noori et al., 2022) ou num contexto mais profissional, podem servir como principal meio de marketing, vendas e publicidade para proprietários de pequenas empresas (Silaban et al., 2022). E mesmo a sua função como mero entretenimento não deve ser descurada.

Em suma: as redes sociais são uma ponte de ligação entre indivíduos, potencialmente disponível a qualquer momento de qualquer dia e em qualquer situação¹² – com todas as consequências, positivas e negativas, que isso acarreta.

¹² Isto está, é claro, dependente da posse de um telemóvel ou outro dispositivo móvel com possibilidade de acesso à Internet e da presença de uma rede à qual se possa aceder.

1.4. A tradução automática nas redes sociais

Dada a natureza social e internacional das redes sociais, a possibilidade de uma funcionalidade de tradução automática que permitisse a troca livre de informação independentemente das línguas faladas pelos utilizadores terá sempre sido atraente. Não surpreende, portanto, que ao longo do tempo diversas redes sociais tenham anunciado a incorporação de TA nas suas plataformas, e que tenham continuado a tentar obter melhorias no seu desempenho (Guzman & Husa, 2018; Ott & Lample, 2018; Sidorov, 2017; Sorrentino, 2021).

Contudo, a própria natureza das redes sociais representa um dos grandes obstáculos que a TA ainda enfrenta. Isto deve-se ao registo maioritariamente informal e coloquial dos textos a traduzir nestas plataformas. São textos criados pelos utilizadores e muitas vezes não obedecem às regras convencionais de escrita. O conteúdo gerado por utilizadores (*user-generated content* ou UGC em inglês) inclui erros tipográficos, estruturas gramaticais incorretas, abreviações, calão e linguagem coloquial, assim como *emojis* e *hashtags*. Tudo isto é de difícil processamento para a tradução automática e resulta em erros frequentes (Al Sharou & Specia, 2022). Em particular, o número de erros críticos (definidos por Al Sharou e Specia como “traduções em que o significado no texto de chegada se desvia drasticamente do texto de partida, de tal forma que as traduções podem ser enganadoras e ter implicações médicas, legais, financeiras, religiosas ou para a segurança ou reputação” [tradução da autora]) parece ser maior neste tipo de conteúdo comparativamente a outros tipos de texto (Specia et al., 2021).

Exemplos destes erros têm alguma tendência a receber atenção *online*, como o erro de tradução do *tweet* da seleção nacional de futebol da Argentina, cujo anúncio de vitória “somos finalistas” em muitas línguas se tornou “estamos acabados” (Staff, 2022), ou o *tweet* inspirador do presidente de uma empresa de telecomunicações canadiana que, em vez de “respira fundo, acalma-te. Vai-te a ele”¹³ (no sentido de “vai-te ao dia”, “aproveita o dia”) em francês disse algo mais semelhante a “respira fundo, esmaga-te. Vai matá-lo”¹⁴ (The Canadian Press, 2018). Trata-se, claramente, de situações embaraçosas, mas

¹³ Tradução do original “Take a deep breath, ground yourself. Go kill it.”

¹⁴ Tradução do original “Take a deep breath, grind yourself. Go kill him.”

com poucas consequências. No entanto, os erros podem ter repercussões bem piores. Por exemplo, em Beitar Illit, perto de Jerusalém, um homem palestino foi preso e interrogado durante horas pela polícia israelita devido a um erro da TA do Facebook. Este indivíduo, trabalhador de construção civil, tinha publicado uma foto de si próprio em frente a um trator de esteira com a legenda “bom dia”. O motor de TA da rede social traduziu esta legenda como “hurt them” em inglês ou “atacá-los” em hebraico. No seguimento de uma denúncia desta publicação, com a suspeita de que a fotografia indicava planos de um ataque com o dito trator, a polícia israelita apreendeu o palestino no mesmo dia e apenas se apercebeu do erro horas mais tarde (Hern, 2017).

Para já, a funcionalidade de TA nas redes sociais continua a ser simplesmente uma opção e não uma imposição – apesar de empresas como o Twitter¹⁵ já terem ventilado esta possibilidade (Humphries, 2020). Por outras palavras, em vez de existir a opção de utilizar a TA para um *tweet* individual na forma de um botão posicionado estrategicamente na publicação, todos os *tweets* na *timeline* do utilizador do Twitter apareceriam automaticamente na sua língua. Não há qualquer indício, para já, de que este plano tenha prosseguido, mas a possibilidade em si, dado o estado atual da tecnologia, é deveras preocupante. Assim, torna-se cada vez mais evidente que a literacia em tradução automática poderá ser um benefício para todos os utilizadores das redes sociais.

No âmbito da revisão da literatura para esta dissertação foram realizadas pesquisas por artigos relevantes para este tema nas bases de dados *online* JSTOR, CrossRef, Google Scholar, BITRA, Science.gov e Taylor & Francis *online* com as seguintes palavras-chave:

- “social media” + “machine translation”
- “social networks” + “machine translation”
- “social media” + “machine translation literacy”
- “social networks” + “machine translation literacy”

Em todas as bases de dados, as pesquisas realizadas com as palavras-chave “machine translation literacy” devolveram um menor número de resultados comparativamente a pesquisas com “machine translation”. A base de dados que ofereceu mais resultados, para

¹⁵ A decisão recente desta rede social relativa à mudança de nome de Twitter para X será ignorada em favor de manter a nomenclatura atualmente mais conhecida.

qualquer combinação de palavras-chave, foi a base de dados Google Scholar, onde pesquisas que envolveram as palavras-chave “machine translation” devolveram números de resultados na ordem dos milhares.

Foram analisados os títulos (e, quando disponibilizados, excertos) dos artigos apresentados por cada base de dados – no caso da Google Scholar, para as combinações de palavras-chave mais frutíferas, apenas foram consultadas as primeiras cinco a sete páginas de resultados. Para verificar se seriam, de facto, de interesse para esta revisão da literatura, foram inspecionados os resumos, palavras-chave e conclusões de todos os artigos cujos títulos sugeriram relevância para o tema desta dissertação.

No final desta fase de pesquisa foram apenas identificados dois estudos como particularmente relevantes. Em ambos são descritas investigações sobre o nível de literacia em TA de estudantes universitários, em que a TA das redes sociais é abordada tangencialmente.

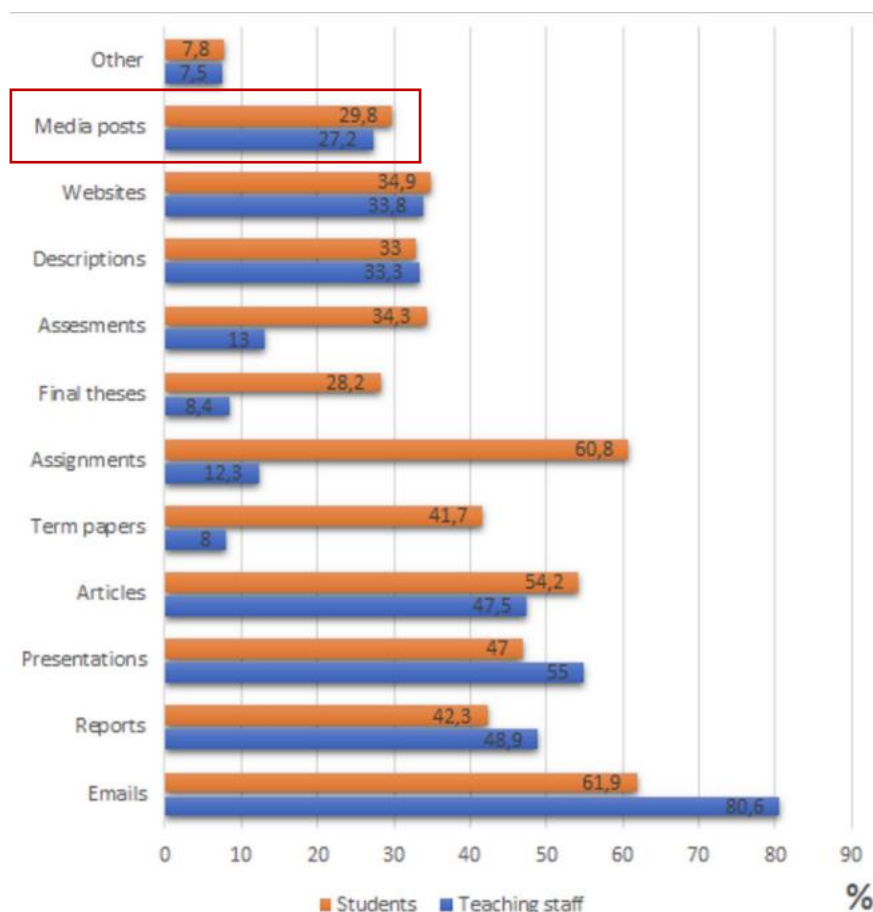
Assim, é possível concluir que existem muito poucos estudos de literacia em tradução automática que se debruçam sobre a funcionalidade de TA integrada nas redes sociais, pois o foco tem estado sobretudo nas ferramentas “clássicas”, independentes, como Google Translate ou DeepL (Almahasees et al., 2021), ou motores de TA privados desenvolvidos para propósitos específicos (Specia et al., 2021) – mesmo quando o texto traduzido é recolhido de redes sociais (Sabtan et al., 2021). Para além disto, os grupos de utilizadores em foco têm sido sobretudo estudantes universitários, investigadores académicos ou profissionais de tradução (Bowker & Ciro, 2019; Bowker, 2020; Delorme Benites et al., 2021; Dorst et al., 2022; Taira et al., 2021).

Há, portanto, ainda muito a explorar e descobrir quanto a este uso específico da tradução automática e são inúmeras as perguntas que podem surgir. Por exemplo, entre os utilizadores portugueses de redes sociais, quem usa a funcionalidade de TA e porquê? Estes utilizadores têm noção de que a TA comete erros e da frequência destes erros? Qual o nível de literacia em tradução automática da população portuguesa?

A maior parte dos artigos científicos publicados centra-se em análises dos próprios sistemas de tradução e os seus erros, a construção de novos sistemas de tradução automática, possíveis usos dos dados das redes sociais em NLP ou outros aspetos.

Um estudo focado na literacia em tradução automática entre alunos universitários na Suíça (Benites et al., 2021) abordou superficialmente o assunto, ao incluir uma questão sobre os tipos de documentos em que os participantes teriam usado a tradução automática, em que uma das respostas era “media posts” (assinalada a vermelho na figura 2).

Figura 2 – Tipos de documentos para os quais os alunos universitários de quatro universidades suíças usam a tradução automática



Fonte: Benites et al., 2021

Neste gráfico, “media posts” provavelmente inclui ou refere-se especificamente a redes sociais, mas não é especificado se o uso de TA se refere à funcionalidade integrada ou ferramentas independentes.

Por outro lado, um estudo, realizado na Universidade de Leiden e focado, mais uma vez, nos estudantes universitários, incluiu especificamente a TA das redes sociais nas suas ferramentas em estudo (Dorst et al., 2022). O objetivo deste estudo era analisar a

utilização da tradução automática pelos alunos de Humanidades da universidade através da aplicação de um questionário, tendo abrangido um universo de 293 alunos.

Curiosamente, participantes que nunca ou praticamente nunca tinham usado a tradução automática das redes sociais compunham entre mais de 60 a 94% da amostra (ver os dados relevantes assinalados na figura 3). A maior parte destes alunos afirmou que não estava familiarizada com o uso de TA em redes sociais.

Figura 3 – Frequência de uso de diferentes ferramentas de tradução automática pelos alunos universitários de Leiden

Leiden University (molenid/1) IP: 132.229.92.100 On: Fri, 07 Jan 2022 15:11:55

Table 2. Usage frequency of free machine translation software

	1. Never	2. Hardly ever	3. Every now and then	4. Often	5. On a daily basis
Facebook automatic translations	155 (54.8%)	73 (25.8%)	77,8%	15 (5.3%)	3 (1.1%)
Instagram automatic translations	117 (41.3%)	78 (27.6%)	66,5%	23 (8.1%)	4 (1.4%)
LinkedIn automatic translations	259 (91.5%)	17 (6.0%)	94,2%	1 (0.4%)	2 (0.7%)
Twitter automatic translations	202 (71.4%)	33 (11.7%)	80,2%	14 (4.9%)	6 (2.1%)
Google Translate	1 (0.4%)	10 (3.5%)	78 (27.6%)	131 (46.3%)	63 (22.3%)
Bing/Microsoft Translate	258 (91.2%)	18 (6.4%)	5 (1.8%)	1 (0.4%)	1 (0.4%)
DeepL	241 (85.2%)	17 (6.0%)	7 (2.5%)	12 (4.2%)	6 (2.1%)
Reverso	192 (67.8%)	17 (6.0%)	33 (11.7%)	35 (12.4%)	6 (2.1%)
Mobile Phone App	160 (56.5%)	22 (7.8%)	42 (14.8%)	39 (13.8%)	20 (7.1%)

Fonte: Dorst, Valdez & Bouman, 2022

Mesmo entre os alunos suíços, apenas cerca de 30% recorriam à TA para *media posts*. Os resultados destes dois estudos parecem indicar que muito provavelmente a maioria das pessoas *não usa* a funcionalidade integrada nas redes sociais – ou que, pelo menos, a maioria dos alunos universitários não o faz.

Sendo o uso diário de redes sociais algo agora tão frequente (Eurostat, 2023c), estas representam, talvez, o ponto de contacto mais provável entre membros do público geral (ou seja, não profissionais ou estudantes de tradução) e a tradução automática; para utilizadores sem outras necessidades de uso de tradução automática, este será o principal contexto em que usam esta tecnologia.

É neste contexto que surge o estudo realizado no âmbito desta dissertação de mestrado, que teve como propósito principal estudar a utilização da tradução automática nas redes sociais pelos portugueses.

Foram definidos quatro objetivos principais:

- averiguar até que ponto, de facto, a funcionalidade é utilizada;
- caracterizar a população utilizadora da funcionalidade;
- averiguar opiniões sobre a funcionalidade: nível de desempenho, utilidade;
- estimar o nível médio de literacia em tradução automática.

Foram também estabelecidas duas hipóteses preliminares:

1. Em linha com os resultados do estudo de Leiden (Dorst et al., 2022), a maioria dos utilizadores portugueses de redes sociais não usa a funcionalidade de tradução automática;
2. Os poucos utilizadores pertencem essencialmente a dois grupos: aqueles que não têm um nível de inglês suficientemente avançado – por serem ainda demasiado jovens ou, alternativamente, de uma geração em que o francês era ainda a principal língua estrangeira lecionada; e aqueles com interesses pessoais cujos conteúdos são tipicamente disponibilizados originalmente em línguas que não o português ou o inglês (filmes estrangeiros e séries de televisão que não sejam em inglês, anime e manga, etc.).

Com este estudo, espera-se verificar a validade destas duas hipóteses e possivelmente encorajar estudos futuros com um foco semelhante.

2. Metodologia

O estudo da utilização da funcionalidade de TA das redes sociais por falantes de português europeu foi realizado através da distribuição de um questionário *online*.

Este método de recolha de dados foi escolhido porque permite obter uma quantidade considerável de dados de forma eficiente e dentro de um período de tempo razoavelmente curto, para além de, em princípio, permitir alcançar uma maior variedade de indivíduos (comparativamente a métodos como entrevistas, por exemplo).

O questionário esteve disponível na plataforma LimeSurvey durante dois meses, de 4 de maio a 5 de julho de 2023. No total, foram recebidas 304 respostas, 215 completas e 89 incompletas. Estas 89 respostas incompletas foram descartadas, não tendo sido incluídas nos cálculos deste estudo.

O questionário pode ser consultado no Apêndice I, e as respostas dadas pelos participantes às questões de resposta aberta podem ser consultadas na sua íntegra no Anexo I.

2.1. Conceção do questionário

Uma vez delimitado o objeto de estudo, determinados os objetivos e escolhido o método de investigação, foi necessário conceber o questionário em si, nomeadamente, as secções em que os diferentes tipos de questões deveriam ser agrupados.

Naturalmente, uma secção dedicada aos dados demográficos seria fundamental, pelo que esta foi a primeira secção definida. Nem todos os participantes no questionário seriam utilizadores de redes sociais, tornando necessário fazer uma filtragem de acordo com este parâmetro – determinou-se assim que seria incluída uma secção sobre o uso de redes sociais. As questões principais do questionário, relativas à funcionalidade de TA nas redes sociais, teriam, logicamente, de ocupar uma secção própria, pelo que esta foi a terceira secção definida. Por último, para evitar a confusão com as perguntas relativas à funcionalidade de TA nas redes sociais, foi criada uma quarta secção para as ferramentas independentes e perguntas mais gerais de literacia em tradução automática.

A secção dos dados demográficos foi colocada em último lugar para que os participantes pudessem começar com as questões “mais interessantes”, uma medida para evitar a fadiga e o abandono do questionário.

Uma vez que as respostas às perguntas sobre o uso das redes sociais determinariam a exclusão de alguns participantes, esta secção foi colocada em primeiro lugar (secção A). As duas secções restantes, sobre a funcionalidade de TA (secção B) e as ferramentas de TA independentes (secção C), foram colocadas em segundo e terceiro lugares, respetivamente. A recolha de dados demográficos (secção D) foi remetida para quarto e último lugar.

Por último, relativamente à secção A, foi ainda necessário considerar que redes sociais teriam mais relevância para a presente investigação.

Aquelas que não disponibilizam a funcionalidade de tradução automática, como Reddit, 4Chan ou Tumblr, por exemplo, não apresentam qualquer relevância. Por outro lado, há redes sociais mais focadas em áudio ou vídeo, como TikTok, nas quais a funcionalidade de TA, apesar de existir, não é muito utilizada devido à natureza da própria plataforma, que não leva à inclusão de muito texto nas publicações feitas pelos utilizadores¹⁶. Por último, existem plataformas que podem ser consideradas redes sociais, mas que não são muito conhecidas como tal, como é caso das plataformas Yelp e Google Reviews.

A Tabela 1 apresenta uma listagem das redes sociais com maior número de utilizadores, de acordo com a maioria dos artigos *online* sobre o assunto¹⁷. Foram estas as redes sociais consideradas para serem apresentadas como opções de resposta na secção A do questionário. A informação recolhida sobre cada uma e disponibilizada na coluna “Observações”, relativa à existência de uma funcionalidade de TA na respetiva rede social, foi também considerada relevante para potencialmente excluir das estatísticas dos resultados da secção B quaisquer participantes que indicassem utilizar exclusivamente redes sociais sem qualquer funcionalidade de TA.

¹⁶ Uma nota mais detalhada sobre o funcionamento da TA no TikTok: a funcionalidade não é disponibilizada em todos os vídeos do TikTok; isto parece estar dependente da ativação desta pelo utilizador que publica o vídeo. Para além disto, a TA aplica-se apenas ao conteúdo do próprio vídeo – a secção de comentários não apresenta esta funcionalidade.

¹⁷ Rever subcapítulo 1.3., “Redes sociais”.

Tabela 1 – Lista de principais redes sociais consideradas

Rede Social	Observações
4Chan	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Deviantart	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Dreamwidth	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Facebook	a Meta tem seu próprio sistema de TA neuronal desde 2017 (Sidorov, 2017) e anunciou planos para introduzir TA neuronal não supervisionada em 2018 (Ott et al., 2018). A última atualização, mais tarde no mesmo ano, parece referir-se a um aumento do número de línguas disponíveis (Guzman & Husa, 2018).
Google Reviews	parte da Google, tem tradução automática. Tipicamente não considerada uma rede social; logo, não é muito relevante para o propósito desta dissertação.
Instagram	também pertence à Meta; presumivelmente tem o mesmo sistema de TA que o Facebook.
LinkedIn	não tem tradução automática disponível para publicações, mas para o site em geral. Propriedade da Microsoft – presumivelmente usa o mesmo sistema que o Microsoft Translate.
Pinterest	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Reddit	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Snapchat	tem uma funcionalidade de tradução automática “em tempo real” (Sorrentino, 2021). Enquanto plataforma de troca instantânea de mensagens (não só texto, mas vídeo e áudio; originalmente apenas permitia a troca de fotografias), não é muito relevante para o propósito desta dissertação.
TikTok	adicionaram legendagem automática e tradução automática de legendas, descrições de vídeos e “stickers” em 2022 (TikTok, 2022).

	Propriedade da empresa chinesa ByteDance, presumivelmente têm um sistema de TA próprio.
Tumblr	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Twitter	aparenta usar o Google Translate; rumores (datados de pelo menos junho de 2023) parecem indicar que a funcionalidade de tradução automática foi desativada para pelo menos alguns utilizadores (Udin, 2023).
Whatsapp	tem uma funcionalidade de tradução automática (propriedade da Meta, tal como o Facebook e o Instagram). Dado ser uma plataforma de troca instantânea de mensagens, não muito relevante para o propósito desta dissertação.
Wordpress	não parece ter uma funcionalidade de tradução automática.
Yelp	tem uma funcionalidade de tradução automática na app desde 2014 (Yelp Editorial Team, 2021). Usa o Bing Translator. O site também tem tradução automática agora, mas não foi encontrado um anúncio da empresa relativamente a este desenvolvimento.
Youtube	tradução automática de legendas, possivelmente também de títulos de vídeos e/ou hashtags, e em formato móvel também disponibiliza a tradução automática de comentários; parte da Google, logo, presumivelmente usa o Google Translate.
Weibo	redes sociais principalmente usadas por utilizadores asiáticos, logo, não muito relevantes para o propósito desta dissertação.
QQ	
KaKao	
LINE	

Para garantir a validade dos dados recolhidos, era importante que todos os participantes fossem utilizadores de redes sociais consideradas relevantes para este estudo. Assim, ao conceber a pergunta A2, relativa às redes sociais utilizadas, foram selecionadas quatro entre as elencadas na Tabela 1: **Facebook**, **Youtube**, **Instagram** e **Twitter**. Foram

selecionadas porque são as redes sociais mais utilizadas pelos portugueses (Marktest, 2022; Kepios, 2022) que se adequam aos propósitos deste estudo. As quatro plataformas apresentam uma funcionalidade de tradução automática e a sua natureza incorpora texto em quantidades suficientes para garantir alguma frequência de uso de tradução automática. Por outro lado, dada a sua popularidade, é também altamente provável que muitos dos participantes no questionário tenham uma conta em pelo menos uma destas plataformas.

2.1.1. Dificuldades na conceção do questionário

Para evitar que os participantes abandonassem o questionário antes de o concluírem, as questões incluídas foram de resposta rápida, tipicamente na forma de escolha múltipla. Foi incluído o número mínimo possível de respostas abertas e, com exceção de duas, estas foram marcadas como não obrigatórias, também com o intuito de evitar o abandono do questionário por parte dos participantes.

A secção C, relativa à literacia em tradução automática, poderia ter contido um maior número de perguntas e examinado o nível de literacia dos respondentes em maior pormenor. Contudo, dada a já longa extensão do questionário, no final foi apenas incluído o número mínimo de questões julgadas necessárias para obter a informação desejada.

Antes de ser disponibilizado publicamente, e para assegurar que a formulação das questões era clara e que o tempo de preenchimento não era excessivo, o questionário foi testado por voluntários. Estes voluntários cronometraram o tempo de preenchimento e ofereceram comentários no final, explicitando as dificuldades com que se tinham deparado. Os voluntários receberam explicações relativamente às questões ou termos que tinham dificultado a sua compreensão e sugeriram formulações alternativas. O *feedback* assim obtido foi utilizado para rescrever o enunciado de certas questões de forma que estas fossem o mais acessíveis possível ao público geral, evitando terminologia específica ou alusões a conceitos apenas conhecidos por especialistas. Também surgiram algumas dúvidas entre os voluntários quanto à clareza da linguagem utilizada em certos pontos do

questionário, como questões com termos absolutos que podem induzir ambiguidade na resposta¹⁸ ou formuladas de forma demasiado coloquial e potencialmente menos clara¹⁹.

¹⁸ Por exemplo, para uma pergunta com um termo absoluto como "A tradução automática nunca comete erros?" há duas formas de interpretar a resposta "não": "*não*, a tradução automática *nunca* comete erros" e "*não*, a tradução automática *comete* erros". Para além da ambiguidade, o esforço necessário para interpretar a questão e as opções de resposta aumenta a probabilidade de abandono do questionário.

¹⁹ Um exemplo disto seria a formulação inicial da questão C7, que era originalmente: "pensas duas vezes antes de usar tradução automática?" Para além de o registo ser demasiado informal, não é claro porque é que seria necessário "pensar duas vezes".

2.2. Escolha da plataforma de questionários

Devido à natureza do questionário - nomeadamente os diferentes possíveis perfis de respondentes, que exigiriam que existissem diferentes linhas de questões – foram considerados determinados requisitos no momento da escolha da plataforma para a distribuição *online* do questionário.

O primeiro requisito relacionou-se, como mencionado acima, com a possibilidade de criar diferentes linhas de questões conforme as respostas a questões anteriores, algo normalmente chamado "*piping logic*" ou simplesmente "*piping*", em alguns casos (Surveyking, s.d.). Esta funcionalidade raramente é disponibilizada nas versões gratuitas das plataformas de questionários.

O segundo requisito foi a possibilidade de incluir, entre as possíveis respostas em perguntas de escolha múltipla, uma opção "outro" que permitisse que o respondente inserisse a sua própria resposta num pequeno campo de texto.

O terceiro requisito foi a possibilidade de incluir imagens/GIFs em questões ou entre questões. Isto permitiria incluir capturas de ecrã de funcionalidades de TA em diferentes redes sociais para garantir que os respondentes reconhecessem corretamente a funcionalidade em questão, ou para ilustrar um uso mais atípico de ferramentas de TA independentes.

Foi também tido em consideração o custo, uma vez que as funcionalidades desejadas são geralmente disponibilizadas apenas em planos pagos destas plataformas.

No final, foi escolhida a versão paga da ferramenta LimeSurvey, uma vez que cumpria todos os requisitos e oferecia o melhor preço.

2.3. Descrição do questionário

O questionário consiste em quatro secções (A, B, C e D) e contém um total de 41 perguntas.

A **secção A** tem o título “**Utilização de redes sociais**” e contém 4 perguntas de escolha múltipla relativas ao uso de redes sociais. Participantes que afirmem não utilizar redes sociais são redirecionados para a secção C, saltando a secção B por completo.

Para os restantes participantes, as questões seguintes procuram obter mais informações, nomeadamente, acerca das redes sociais específicas utilizadas, a frequência deste uso e os motivos para a participação nestas redes sociais.

A **secção B** intitula-se “**Utilização da tradução automática nas redes sociais**”. Na introdução desta secção foram incluídas imagens ilustrativas da funcionalidade de TA para evitar mal-entendidos e garantir que os participantes identificavam corretamente a funcionalidade em questão antes de começarem a responder às perguntas.

Foram concebidas 16 perguntas para esta secção, mas dependendo das suas respostas, os participantes veem um número diferente de perguntas.

Os participantes que não têm conhecimento prévio da existência da funcionalidade de tradução automática nas redes sociais veem apenas mais duas perguntas nesta secção, uma questão de escolha múltipla a inquirir quanto ao seu interesse em experimentar a funcionalidade no futuro e uma questão opcional de resposta aberta onde poderão comentar a sua resposta à questão anterior. Feito isto, estes participantes avançam imediatamente para a secção seguinte.

Os participantes que afirmam nunca terem usado a funcionalidade de tradução também recebem apenas mais duas questões nesta secção, ambas de escolha múltipla com uma opção de resposta aberta (“outro”): uma sobre a razão para nunca o terem feito e outra para partilhar a sua perceção da utilidade (ou não) da TA nas redes sociais.

Aos restantes participantes aparecem 13 perguntas: 10 de escolha múltipla, 2 questões que solicitam a avaliação de frases numa escala de 5 valores, e uma questão opcional de resposta aberta.

Por motivos de clareza, no enunciado da última questão desta secção foi incluído um GIF animado ilustrativo da situação mencionada.

A secção B é a secção fulcral do questionário, pois são aqui recolhidos os dados relativos ao uso da funcionalidade automática das redes sociais. As questões colocadas têm a ver com a frequência de uso da funcionalidade, as redes sociais em que foi usada e os pares linguísticos envolvidos. Em termos da avaliação deste uso, surgem questões sobre os motivos para esse uso, percepção da qualidade do *output* da TA, e aspetos mais concretos: conhecimento das vantagens e desvantagens do uso de tradução automática, especificamente as questões de confidencialidade; conhecimento dos tipos de erros a que a tradução automática é dada; etc.

A **secção C**, “**Tradução automática - uso e literacia**”, contém 10 perguntas, 8 de escolha múltipla e 2 perguntas opcionais de resposta aberta. Esta secção dedica-se à questão da literacia em tradução automática *em geral*, não se limitando à funcionalidade nas redes sociais. Nesta secção encontram-se questões sobre o uso de ferramentas de tradução automática independentes e questões que procuram averiguar informação sobre o nível de literacia em tradução automática dos respondentes.

A **secção D** (“Informação pessoal”) recolhe dados demográficos (idade, género, etc.), dados sobre a(s) língua(s) faladas, sobre o nível de envolvimento com a área de Tradução e sobre certos interesses e *hobbies* associados a línguas específicas. A secção D é, em grande parte, a típica secção de recolha de dados demográficos, com apenas a adição de algumas perguntas atípicas para recolher dados relativos a certos objetivos definidos para este estudo.

2.4. Disseminação do questionário

O questionário foi distribuído principalmente de duas formas: por correio eletrónico e através de redes sociais. O *link* para o questionário, acompanhado por um texto explicativo com um pedido de colaboração, foi enviado por e-mail para todos os alunos e docentes da Universidade do Porto e da Universidade do Minho, e foi também disponibilizado *online* em várias redes sociais, incluindo o Reddit, o Twitter e o Facebook, e enviado diretamente a conhecidos e familiares.

Por último, foi também criado um código QR para o *link* do questionário, que foi impresso em papel em grandes quantidades e distribuído pessoalmente em várias localizações, incluindo durante uma conferência na universidade de Coimbra, onde foi realizada uma apresentação sobre o presente estudo.

Dada a importância de faixas etárias extremas numa das hipóteses preliminares, foi também planeada a distribuição do questionário em escolas básicas e secundárias, idealmente através dos endereços de correio eletrónico institucional que todas as escolas agora atribuem aos seus alunos e docentes. Infelizmente, tal não foi possível. A realização de estudos em escolas do ensino básico e secundário, mesmo apenas através da aplicação de questionários *online*, está sujeita a aprovação pela DGE. O processo de requisição desta aprovação foi iniciado e concluído com sucesso, mas a data desta aprovação coincidiu com o final do ano letivo, o que diminuiu bastante a probabilidade de serem obtidas respostas ao questionário por esta via. Assim sendo, não pareceu justificável a tentativa, pelo que este questionário não foi aplicado em escolas básicas ou secundárias.

3. Análise e Discussão de Resultados

Conforme foi explanado no capítulo introdutório, foram estabelecidos quatro objetivos para este estudo:

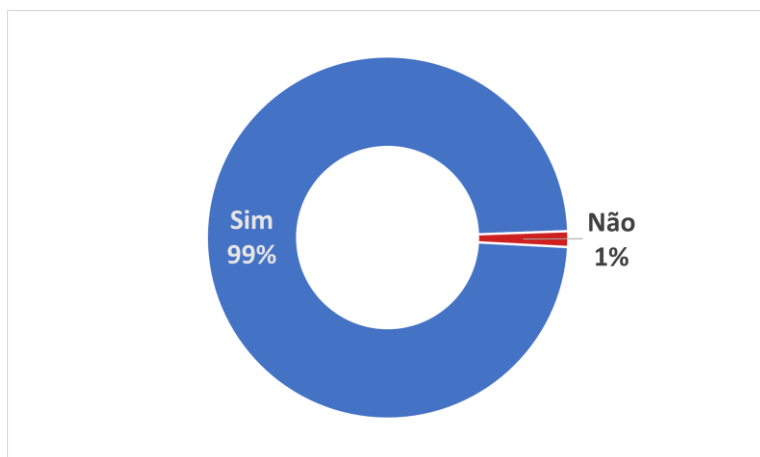
1. Averiguar até que ponto, de facto, a funcionalidade de tradução automática nas redes sociais é utilizada;
2. Caracterizar a população utilizadora da funcionalidade;
3. Aferir opiniões sobre a funcionalidade: nível de desempenho, utilidade;
4. Estimar o nível médio de literacia em tradução automática.

O primeiro subcapítulo (3.1.) aborda os objetivos 1 e 2, assim como as hipóteses preliminares estabelecidas no capítulo 1, enquanto no segundo subcapítulo (3.2.) são discutidos os objetivos 3 e 4. O terceiro subcapítulo (3.3.) contém conclusões relativas aos dois subcapítulos anteriores e o quarto e último subcapítulo (3.4.) foca-se nas limitações e possíveis pontos a melhorar neste estudo.

3.1. Uso da funcionalidade de tradução automática nas redes sociais e caracterização dos utilizadores

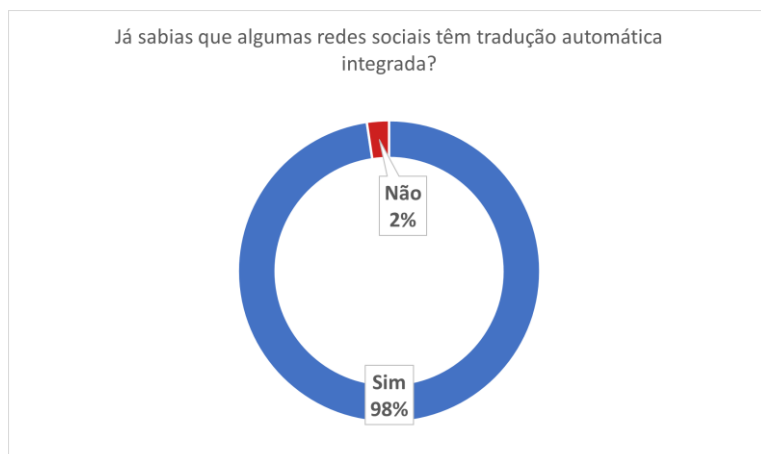
Um total de 304 pessoas participaram no questionário, mas apenas 215 o completaram na sua totalidade. Foram estas as respostas contabilizadas (ver a Tabela 2 para uma descrição mais pormenorizada). Dos restantes 215 participantes, como se pode ver no Gráfico 4, a vasta maioria (98,6%) usa redes sociais.

Gráfico 4 – Uso de redes sociais



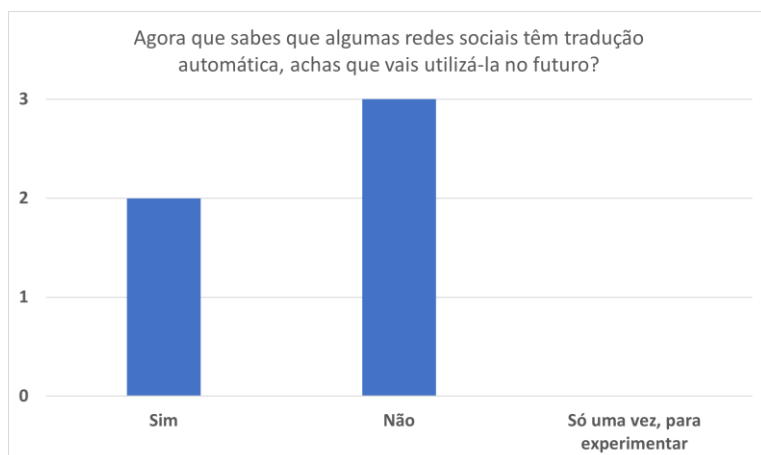
Apenas 3 participantes afirmaram não utilizar redes sociais. Para além disto, 5 participantes não tinham conhecimento prévio da existência da funcionalidade de tradução automática nas redes sociais, como se pode ver no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Conhecimento prévio da existência da funcionalidade de TA nas redes sociais



O Gráfico 6 mostra que apenas dois destes respondentes afirmaram ter intenções de vir a TA nas redes sociais no futuro, com os restantes três manifestando desinteresse.

Gráfico 6 – Uso da funcionalidade no futuro



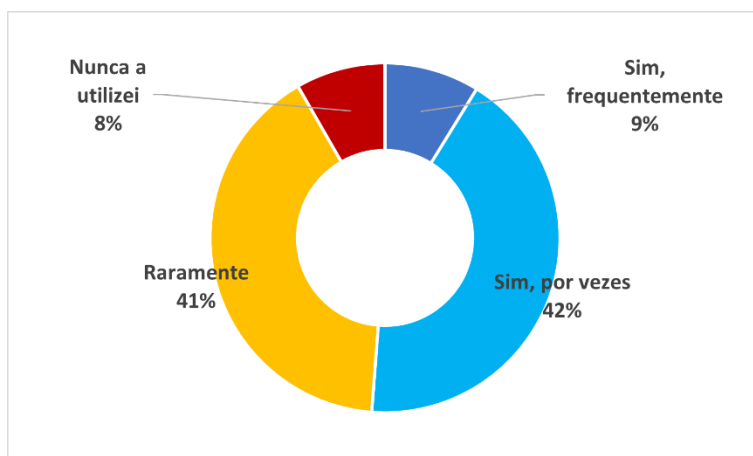
Estes 8 participantes (os 3 participantes que não usam redes sociais e os 5 que não tinham conhecimento da funcionalidade de TA) foram redirecionados para a secção C do questionário – relativa à literacia em tradução automática e o uso de ferramentas de TA independentes – e as suas respostas não foram contabilizadas para este subcapítulo, que se dedica exclusivamente à tradução automática nas redes sociais. Na Tabela 2 é possível ver quantos participantes foram incluídos e excluídos e para que secções as suas respostas foram contabilizadas.

Tabela 2 – Participantes neste estudo

Total de participantes	304
Participantes que não completaram o questionário (excluídos totalmente):	89
Participantes restantes, considerado o total efetivo:	215
Excluídos da secção B por não usarem redes sociais:	3
Excluídos da secção B por não terem conhecimento prévio da existência da funcionalidade:	5
Participantes restantes (contabilizados para secção B):	207
Considerados utilizadores:	105
Considerados não utilizadores:	102

Os restantes 215 participantes dividem-se quase perfeitamente em dois grupos iguais: 51% usam a funcionalidade com alguma ou bastante frequência (42 e 9%, respetivamente), e 49% nunca ou raramente a usaram (8 e 41%, respetivamente), como ilustrado no Gráfico 7.

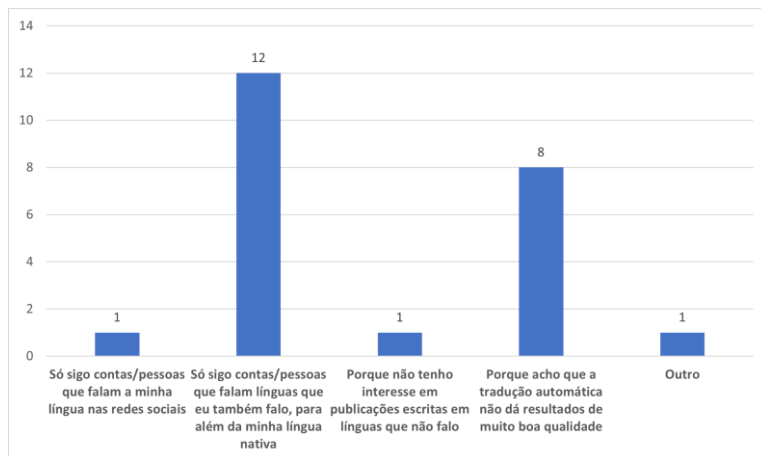
Gráfico 7 – Uso da funcionalidade de TA nas redes sociais



Ao primeiro grupo foi atribuída a categoria de “utilizadores” e será neles que se focará a análise deste subcapítulo. O segundo grupo é constituído pelos “não utilizadores” (os participantes que raramente usam a funcionalidade foram incluídos neste grupo dada a incerteza da fiabilidade das suas respostas).

Antes de passarmos à análise do grupo de utilizadores, é relevante mencionar que os participantes que afirmaram nunca ter usado a funcionalidade (cerca de 8% da amostra, correspondendo a 17 indivíduos), antes de serem remetidos para a secção seguinte do questionário, foram questionados quanto às suas razões para nunca terem recorrido à TA (cf. Gráfico 8).

Gráfico 8 – Motivos para nunca ter usado TA nas redes sociais



Maioritariamente, as respostas recebidas mencionam a falta de necessidade do uso da funcionalidade – estes participantes apenas seguem contas de falantes das mesmas línguas, incluindo a(s) sua(s) L2. A falta de confiança na qualidade dos resultados da TA foi a segunda razão mais apontada (8 menções em 17 respostas). Só uma pessoa afirmou seguir apenas contas de falantes da sua língua nativa – algo que faz sentido, uma vez que a esfera em língua inglesa da Internet é tão mais vasta que a esfera portuguesa, e muitos portugueses têm pelo menos alguns conhecimentos de inglês ou outra língua.

É assim possível afirmar que a primeira hipótese preliminar definida para este estudo não se confirma: o uso da funcionalidade de TA é muito mais frequente do que esperado com base nos resultados do estudo em Leiden (onde, é de lembrar, entre 78 a 94% dos estudantes universitários nunca ou raramente tinham usado a tradução automática nas redes sociais mencionadas).

Talvez esta discrepância possa ter origem na diferença entre o tipo de populações questionadas – este estudo foi distribuído, para além de outros meios, nas redes sociais, abertas a qualquer participante falante de português e não se limitando a estudantes universitários, mas se investigarmos a população de utilizadores na amostra, rapidamente

se verifica que há uma grande tendência para se enquadrarem em certas categorias²⁰, como se passará agora a demonstrar.

Os gráficos que se seguem abordam os dados demográficos dos utilizadores. Destes 105 respondentes, a grande maioria são indivíduos do género feminino (Gráfico 9) entre os 20 e os 24 anos (Gráfico 10), portugueses (Gráfico 11), atualmente residentes em Braga ou no Porto (Gráfico 12) e estão a realizar ou concluíram uma licenciatura ou mestrado (Gráfico 13).

Gráfico 9 – Género

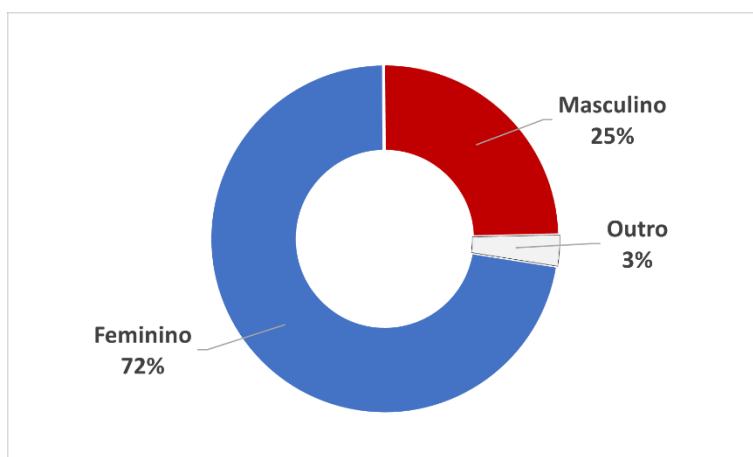
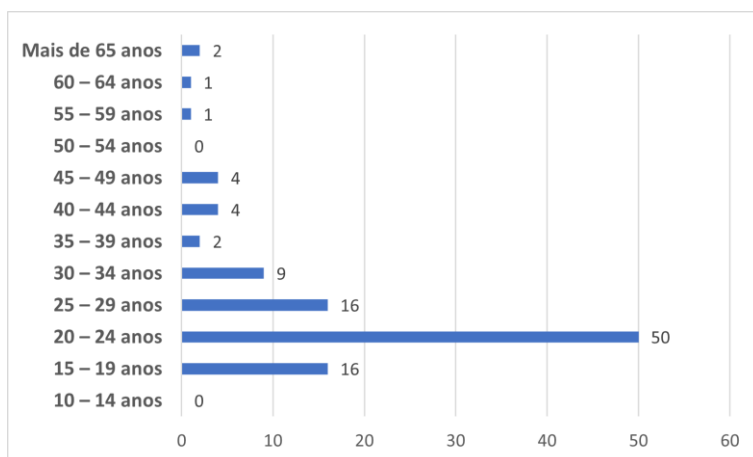


Gráfico 10 – Idade



²⁰ Ver o ponto 3.4.8., “Número de participantes e resposta condicionada”.

Gráfico 11 – Naturalidade

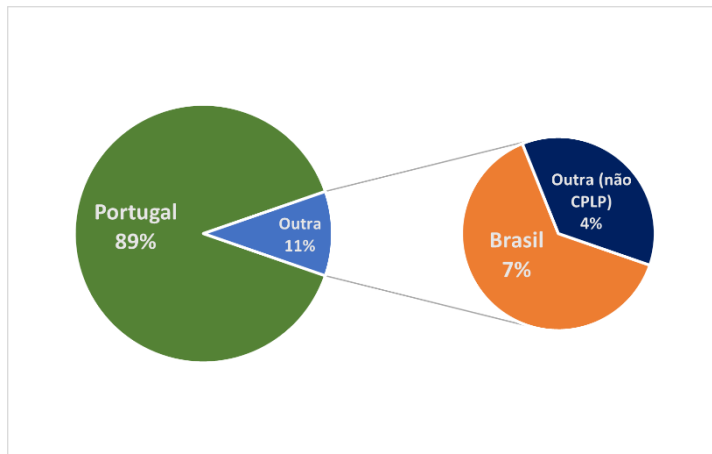


Gráfico 12 – Distrito de residência atual

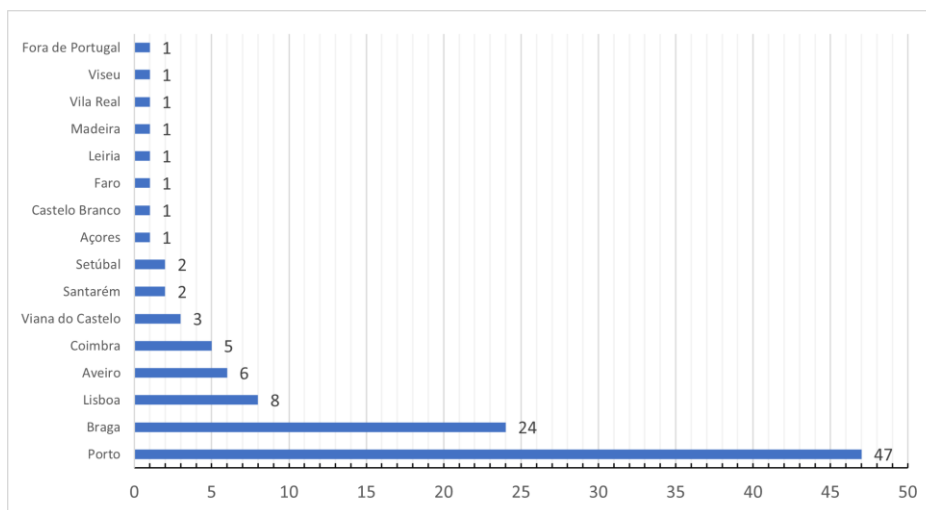
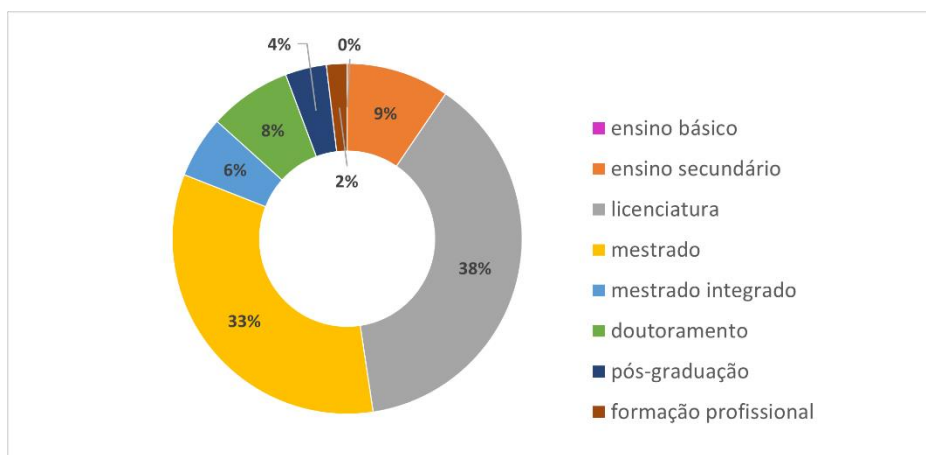


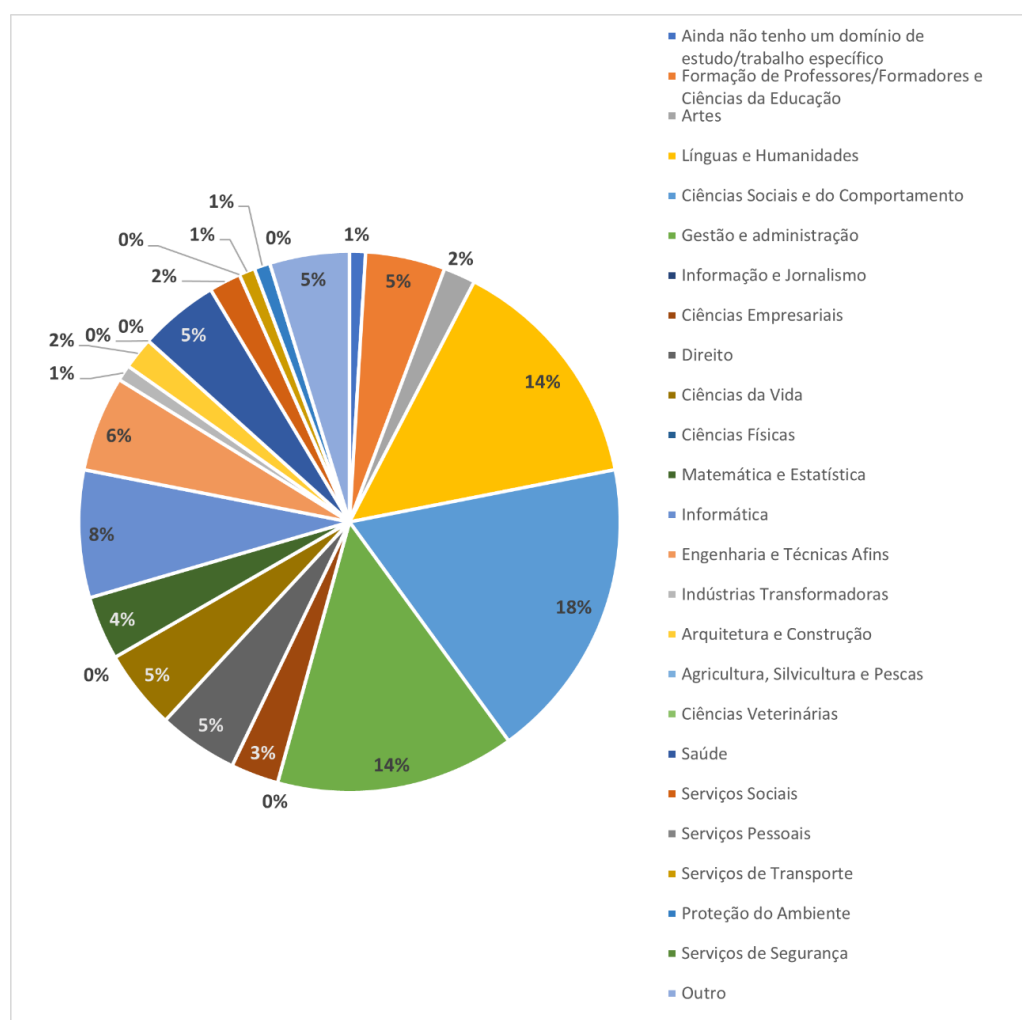
Gráfico 13 – Grau académico (a realizar ou concluído)



Há, portanto, uma certa coincidência com o tipo de população analisada no estudo em Leiden: muitos dos participantes considerados utilizadores são certamente²¹, também eles, estudantes universitários – algo provavelmente ligado à forma principal de disseminação deste questionário.

Contudo, ao contrário do estudo de Leiden, que se focou nos alunos de Humanidades, os domínios profissionais/de estudo dos participantes neste questionário são muito mais variados, como se pode observar no Gráfico 14. Os três grupos mais representados provêm das áreas de Ciências Sociais e do Comportamento, Línguas e Humanidades, e Gestão e Administração.

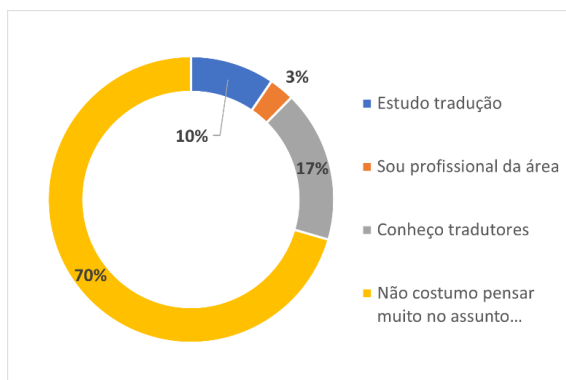
Gráfico 14 – Domínios profissionais/de estudo



²¹ Ver o ponto 3.4.6., “Situação profissional”.

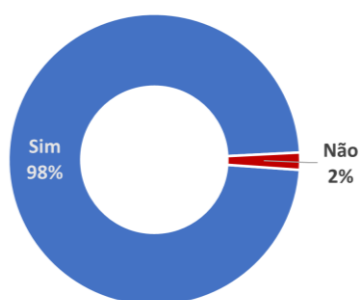
Além disto, a grande maioria tem pouco ou nenhum contacto com a área de Tradução: apenas 13% são tradutores ou estudantes de tradução, e os restantes 87% apenas conhecem tradutores ou “não costumam pensar muito no assunto” (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Grau de contacto com a área de Tradução



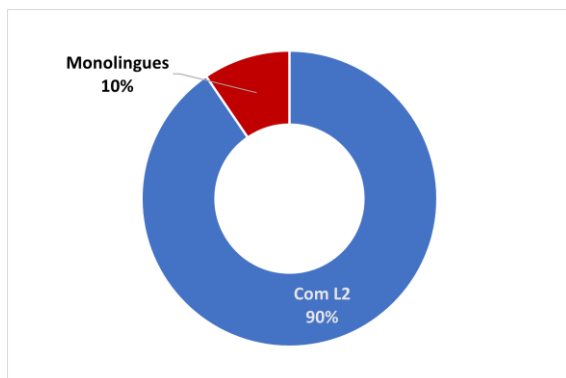
São sobretudo falantes nativos de português, algo que se pode ver no Gráfico 16.

Gráfico 16 – Português como L1



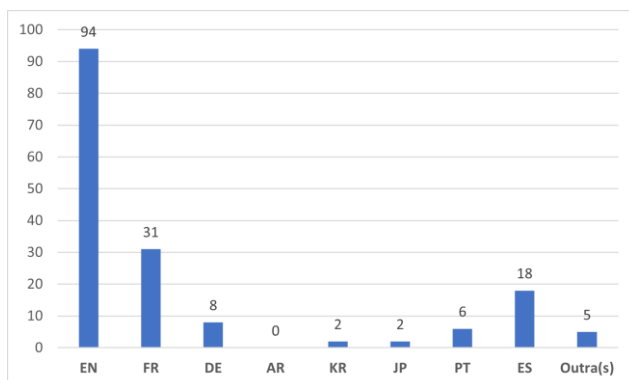
Apenas 10 indivíduos (num total de 105) são monolíngues, todos falantes de português. Portanto, como ilustra o Gráfico 17, temos aqui uma maioria de indivíduos com uma L2 e/ou L3 para além da sua L1.

Gráfico 17 – Falantes de outras línguas para além da L1



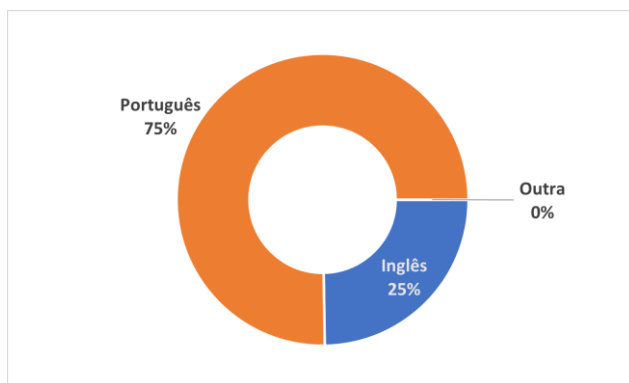
Como seria de esperar, a língua estrangeira mais falada é a língua inglesa (94 dos 105 utilizadores afirmam falar inglês), com o francês em segundo e o espanhol/castelhano em terceiro lugar, como se pode observar no Gráfico 18.

Gráfico 18 – Outras línguas faladas (utilizadores)



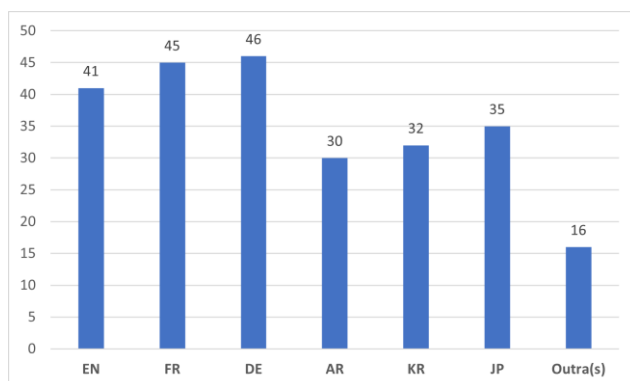
Com esta predominância do inglês, e a supremacia desta língua na Internet, faz sentido que seja esta muitas vezes a língua de chegada escolhida aquando da utilização da funcionalidade de TA. Como mostra o Gráfico 19, um quarto dos participantes prefere-a ao português.

Gráfico 19 – Língua de chegada de preferência



Enquanto falantes de inglês como L2, estes utilizadores provavelmente não precisam de recorrer à TA para traduzir o inglês, mas sim outras línguas. Contudo, a questão relativa às línguas de partida para as quais os utilizadores sentem a necessidade de utilizar a TA das redes sociais revela uma informação contraditória a esta conclusão, visível no Gráfico 20: o inglês é a terceira língua mais frequentemente mencionada (41 em 105 respostas).

Gráfico 20 – Línguas de partida

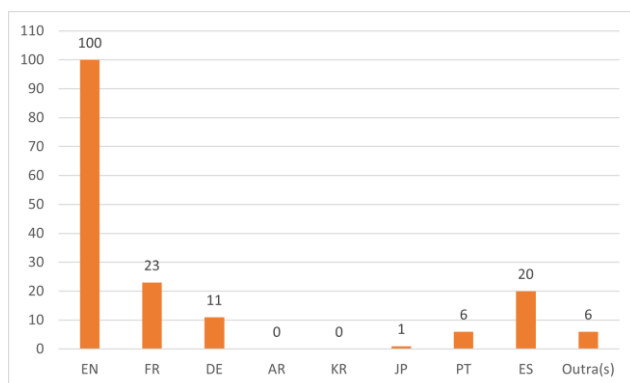


Como é possível que esta língua seja a terceira língua de partida mais frequente quando 90% deste grupo considera ser falante da mesma? Sugerem-se duas possíveis explicações: ou a formulação da questão B8, relativa às línguas de partida, é pouco clara e induziu respostas erradas; ou talvez, mais provavelmente, isto deve-se a uma falta de proficiência na língua – levando a que, por vezes, estes utilizadores recorram à TA para compreender mensagens em inglês que ultrapassam o seu nível de conhecimento.

É claro, para se confirmar a hipótese da correlação entre a proficiência em inglês e o uso da funcionalidade, não só devíamos encontrar um baixo nível de proficiência entre os utilizadores, o oposto deveria ser verdade para os não utilizadores – entre estes, esperaríamos encontrar altos níveis de proficiência na língua.

Sem estes dados podemos apenas notar que a percentagem de falantes de inglês entre os não utilizadores é ligeiramente superior, com 100 em 102 participantes afirmando falar a língua – o que corresponde a 98% deste grupo, comparativamente aos 89,5% de falantes de inglês entre os utilizadores. Os dados relativos às L2 dos não utilizadores encontram-se no Gráfico 21:

Gráfico 21 – Outras línguas faladas (não utilizadores)



Outro facto potencialmente interessante é a maior variedade de línguas segundas faladas entre os utilizadores comparativamente aos não utilizadores. Entre os utilizadores encontram-se falantes de coreano, japonês, mandarim, russo e ucraniano. Entre os utilizadores, para além de línguas europeias, temos um único falante de japonês e outro de mandarim.

A segunda hipótese preliminar deste estudo referia-se a possíveis ligações entre certas características dos participantes e a sua frequência de uso da funcionalidade de tradução automática nas redes sociais. Esta hipótese pode ser desdobrada em duas partes. A primeira parte está ligada à idade dos participantes. O raciocínio por detrás desta hipótese seria que indivíduos de faixas etárias mais extremas – ou demasiado novos para terem ainda atingido um alto nível de proficiência em inglês, ou de uma época em que o francês, e não o inglês, era a língua estrangeira mais ensinada nas escolas – teriam um nível de proficiência em inglês mais baixo. Dada a hegemonia do inglês na Internet, isto significaria que estes utilizadores provavelmente recorreriam mais frequentemente à tradução automática do que o internauta português médio, e o grupo de utilizadores seria composto maioritariamente por respondentes pertencentes a estas faixas etárias.

Uma vez que não foi possível disseminar o questionário em ambiente escolar – onde certamente teria alcançado tanto os grupos etários mais baixos, com os alunos, como os mais elevados, com os docentes e auxiliares – e a disseminação através de redes sociais foi limitada, não houve um número suficiente de participantes pertencentes a estas faixas etárias mais extremas para se poder retirar qualquer conclusão quanto à relação idade-uso de TA nas redes sociais.

Aliás, o uso relativamente frequente da funcionalidade (50% dos utilizadores de redes sociais que participaram neste estudo, cf. Gráfico 7) dentro de um grupo que se encontra sobretudo entre os 15 e os 29 anos (portanto, sobretudo jovens/jovens adultos), com o inglês como terceira língua de partida mais frequente para estes utilizadores, parece ser um forte indício de que a idade terá uma correlação com o uso de TA muito menor do que a proficiência em inglês. Para verificar isto, deveria ter sido incluída uma questão

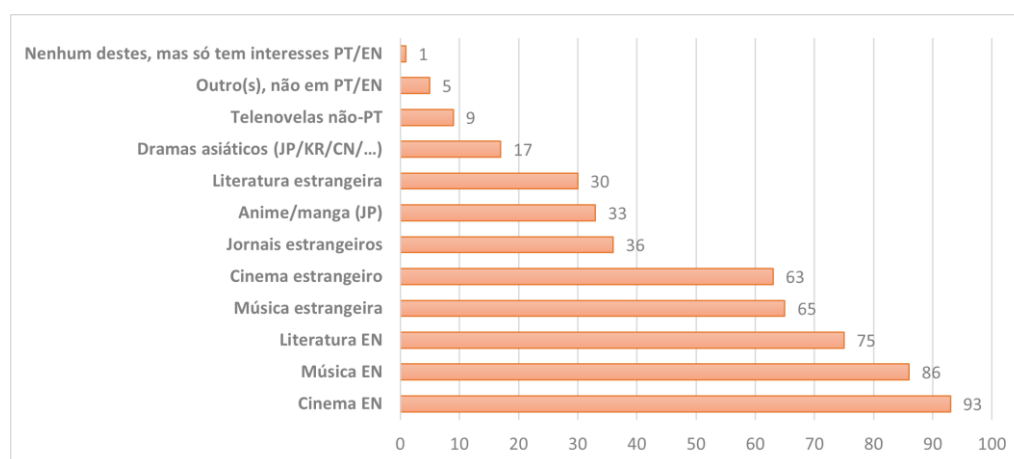
sobre a proficiência em inglês – um possível ponto de melhoria deste estudo que surgiu no decorrer desta análise.²²

Por outras palavras, a primeira parte da segunda hipótese preliminar é, de certo modo, invalidada pelos dados recolhidos; a idade parece ter pouca influência na utilização de TA. Para aferir isto corretamente seria necessário investigar mais a fundo a questão do nível de proficiência na língua inglesa.

A segunda parte da segunda hipótese preliminar referia-se aos interesses pessoais dos participantes. Aqui o raciocínio seria que indivíduos com interesses específicos para os quais é menos provável encontrar conteúdos em português ou inglês – como anime/manga (Japonês), K-Pop (coreano), cinema estrangeiro (francês ou alemão, por exemplo, ou indiano) – teriam de recorrer mais frequentemente à TA. De acordo com esta hipótese, a categoria de utilizadores da funcionalidade seria composta por uma parcela considerável de indivíduos que se encaixassem neste perfil, mesmo que não pertencessem a uma das faixas etárias extremas da primeira parte desta hipótese preliminar. Em contraste, os não utilizadores teriam interesses muito mais associados a português e/ou inglês, desfavorecendo claramente os interesses mais associados a outras línguas.

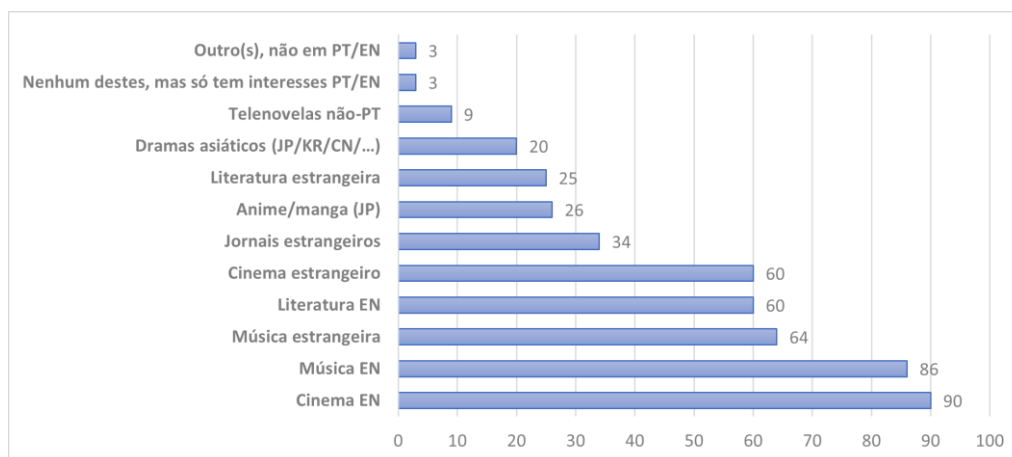
Isto não se verifica: como se pode ver nos dois gráficos que se seguem (Gráficos 22 e 23) a distribuição de interesses entre utilizadores e não utilizadores, pelo menos nesta amostra, é *extremamente* semelhante.

Gráfico 22 – Interesses pessoais por língua associada – não utilizadores



²² Ver ponto 3.4.5., “Proficiência em L2/inglês”.

Gráfico 23 – Interesses pessoais por língua associada – utilizadores



Tirando um interesse um pouco mais marcado por literatura em inglês do que por música em inglês entre os não utilizadores, não há muita diferença entre os dois grupos – cada interesse foi selecionado em números semelhantes por ambos.

Como referido anteriormente, entre os utilizadores nota-se um maior nível de interesse em línguas não-europeias, mas isso não se parece refletir especificamente nos interesses associados a estas línguas.

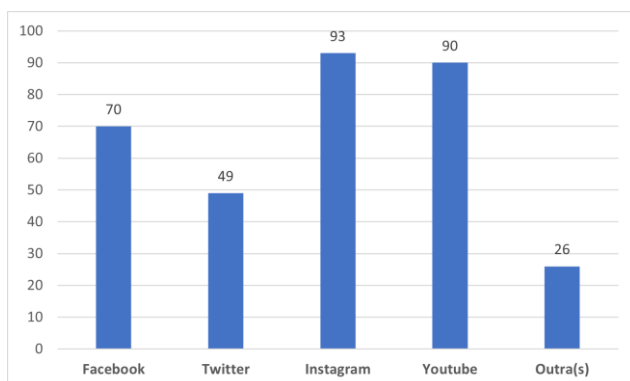
Talvez num grupo maior, com maior variedade de indivíduos²³, se evidenciasse uma maior diferença; contudo, neste estudo é impossível concluir que os interesses pessoais dos participantes têm alguma influência na sua frequência de uso da TA nas redes sociais.

3.1.1. Uso da funcionalidade de TA nas redes sociais

Em termos de redes sociais usadas, o Instagram e o Youtube são claramente as plataformas de preferência, com o Facebook em terceiro lugar e o Twitter em último, como demonstra o Gráfico 24. Curiosamente, isto não corrobora os dados compilados por uma equipa especializada em tendências no mundo digital, que indicam o Facebook como a rede social mais utilizada em Portugal (Kepios, 2022).

²³ Ver o ponto 3.4.8., “Número de participantes e resposta condicionada”.

Gráfico 24 – Redes sociais dos utilizadores



Na opção “outras”, foram mencionados várias vezes o Whatsapp, o TikTok e o Reddit – que não são considerados relevantes para este estudo pelas razões expostas nos capítulos introdutórios desta dissertação.

O uso destas plataformas é tipicamente diário, mais do que uma vez por dia (ver Gráfico 25), sobretudo com o intuito de ver conteúdo relativo a interesses pessoais/hobbies (96 em 105 respostas), assim como manter contacto com amigos/familiares/etc. (88 em 105 respostas) (cf. Gráfico 26).

Gráfico 25 – Frequência de uso de redes sociais – utilizadores

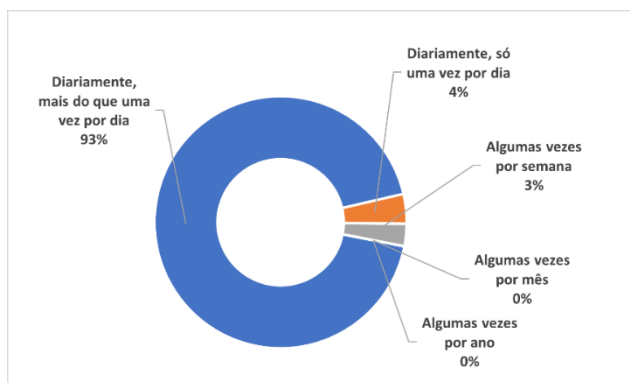
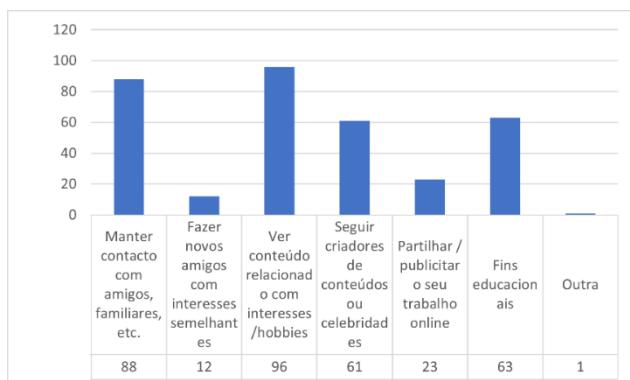


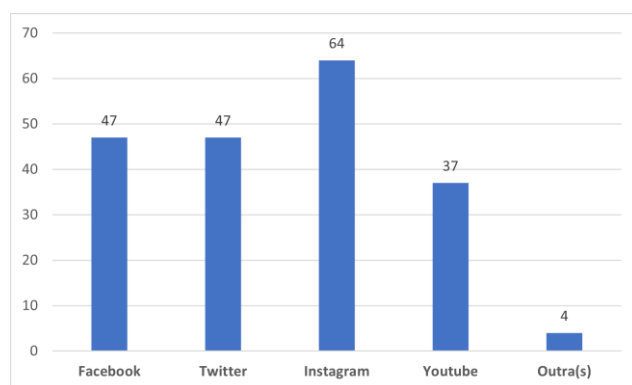
Gráfico 26 – Razões de uso de redes sociais – utilizadores



Surpreendentemente, “fins educacionais” e “seguir criadores de conteúdos ou celebridades” recebem quase igual importância (63 e 61 em 105 respostas, respetivamente). Apesar de uma das funções publicitadas por muitas redes sociais ser a possibilidade de conhecer pessoas novas, “fazer novos amigos com interesses semelhantes” é a razão menos popular, tendo sido selecionada por apenas 12 participantes. Por último, dois respondentes mencionaram na opção “outra” que usam as redes sociais para receber notícias.

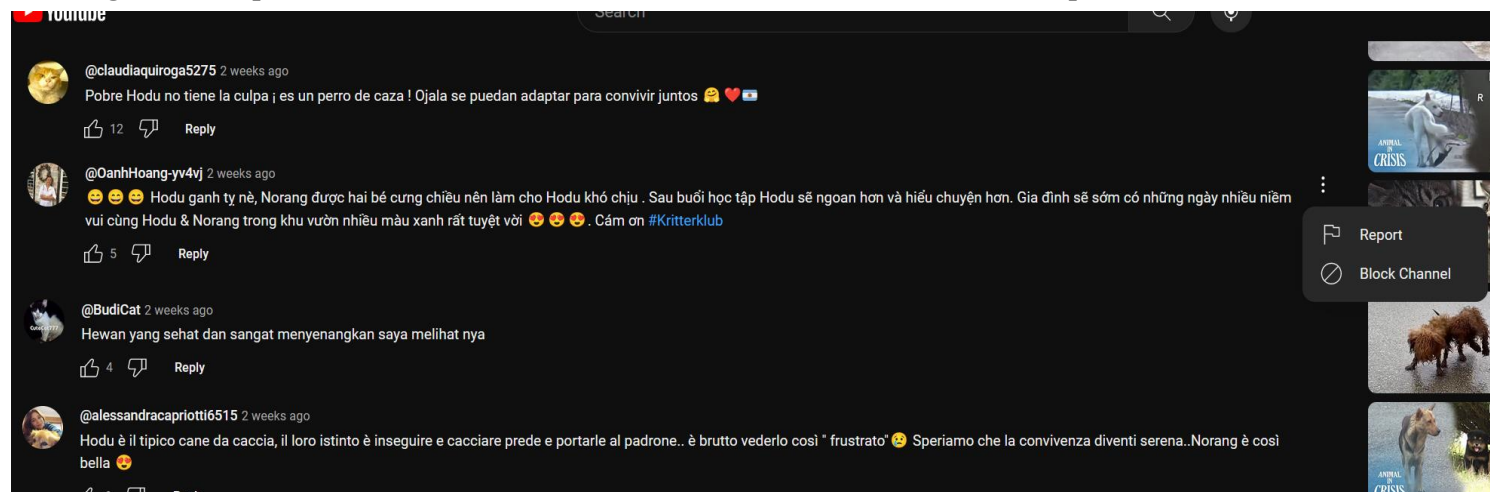
Dada a popularidade do Instagram e do Youtube entre os utilizadores, seria natural esperar que estas fossem as plataformas onde a TA é mais usada. Isto verifica-se, de facto, com o Instagram, mas não com o Youtube, como se pode ver no gráfico 27.

Gráfico 27. – Redes sociais em que foi usada TA



É possível que isto se deva à natureza das próprias plataformas: enquanto redes sociais baseadas em publicações de texto/imagem, com o botão da funcionalidade de TA em posição proeminente junto ao texto a traduzir, o Instagram, o Twitter e o Facebook possuem uma clara vantagem. O Youtube, por outro lado, é essencialmente uma plataforma audiovisual com uma secção de comentários para interação. A opção de tradução automática das legendas não só não está disponível para todos os vídeos, como a ativação na língua correta requer passos adicionais de seleção nas definições do vídeo. Para além disto, a opção de TA nos comentários parece apenas estar disponível na versão móvel da aplicação Youtube, não estando visível na versão de *desktop*, como se pode ver nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 - Disponibilização da funcionalidade de TA no Youtube: versão *desktop*



Fonte: youtube.com/@kritterklub

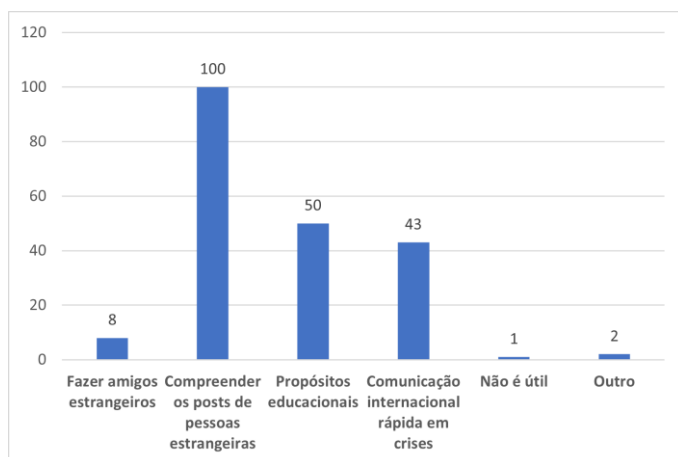
Figura 5 – Disponibilização da funcionalidade de TA no Youtube: versão móvel



Fonte: youtube.com/@kritterklub

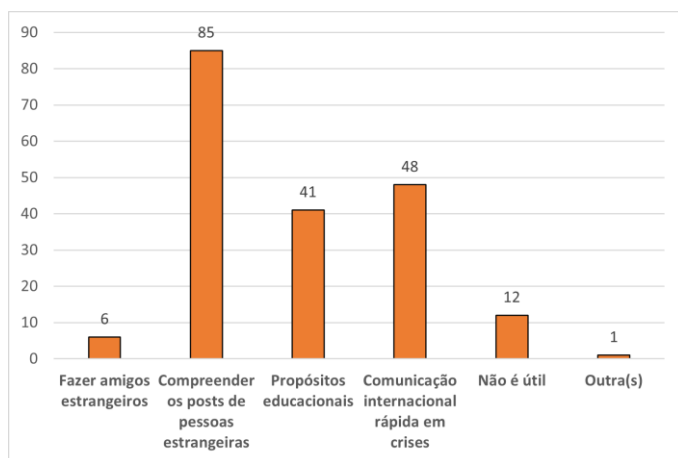
Em termos de propósitos para os quais os utilizadores consideram a TA útil (cf. Gráfico 28), é natural que a opção relativa a ser capaz de compreender as publicações feitas por utilizadores falantes de outras línguas seja a mais popular, tendo em conta as principais motivações para o uso das redes sociais, como mencionado anteriormente.

Gráfico 28 – Propósitos para os quais os utilizadores consideram a TA útil



Também é previsível que seja mais frequente a perceção, entre os não utilizadores da TA nas redes sociais, de que esta é uma funcionalidade pouco útil; esta foi, afinal, uma das principais razões dadas para não a usar. Como podemos ver no Gráfico 29, 12 não utilizadores consideram que a TA nas redes sociais não é útil, uma subida considerável em comparação com o único utilizador que selecionou a mesma opção.

Gráfico 29 – Propósitos para os quais os não utilizadores consideram a TA útil



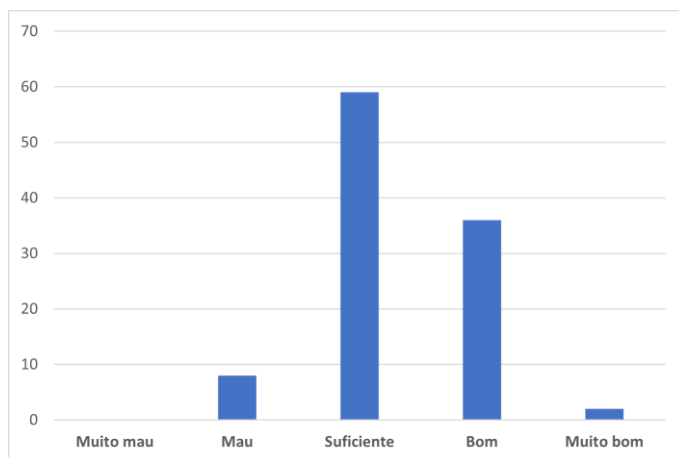
Curiosamente, os não utilizadores consideram a TA mais útil para assegurar rápida comunicação em situações de crise internacional do que para propósitos educacionais, enquanto os utilizadores preferem o inverso. A razão para esta discrepância não é clara. Dentro de cada grupo, os resultados de ambas as opções não diferem muito entre si (50-43 nos utilizadores, 41-48 nos não utilizadores, diferença de 7 menções em cada), e mesmo entre grupos os valores rondam números semelhantes (“propósitos educacionais” recebe 50 menções entre os utilizadores e 41 entre os não utilizadores, “comunicação

internacional” recebe 43 no primeiro e 48 no segundo). Para retirar conclusões mais definitivas a partir destes dados seria necessário um maior número de participantes, o que permitiria observar se esta tendência se mantém ou se outra se revela quando a amostra analisada é muito maior e mais variada, abrangendo uma maior parte da comunidade de utilizadores portugueses de redes sociais.

3.1.1. Opiniões sobre a funcionalidade de TA nas redes sociais

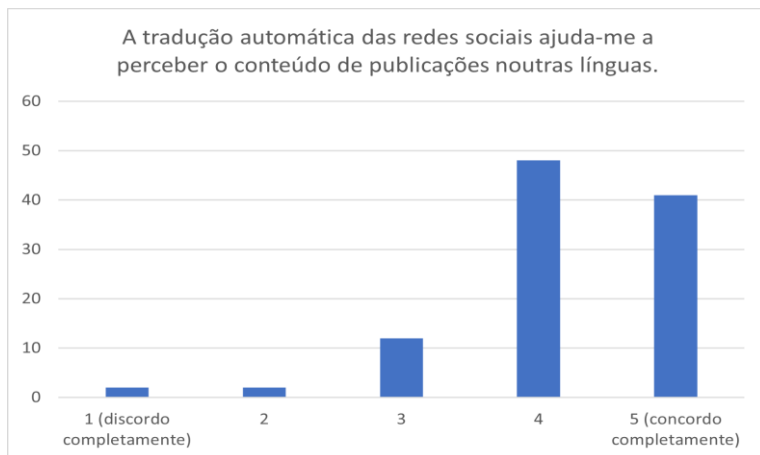
Em relação à avaliação que os utilizadores fazem da qualidade do desempenho da TA nas redes sociais, esta é considerada essencialmente “suficiente” (ver Gráfico 30), que é o ponto intermédio na escala: uma opinião algo neutra, que indica algum nível de insatisfação, mas não o suficiente para avaliar a funcionalidade com um valor negativo. Sendo a segunda opção mais escolhida “bom”, é talvez correto dizer que a perceção do desempenho da funcionalidade se inclina para um valor neutro, tendencialmente positivo.

Gráfico 30 – Avaliação do desempenho da TA nas redes sociais



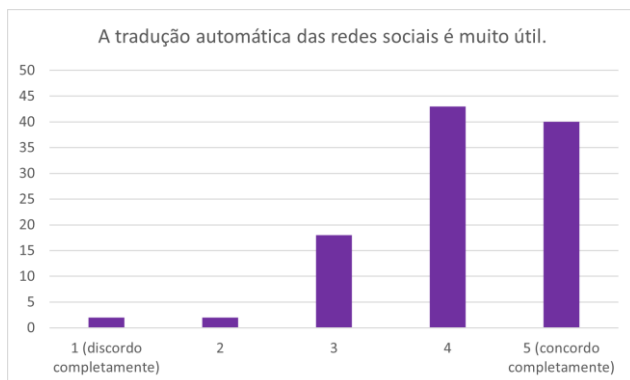
Muito mais positivos são os resultados da avaliação da frase “A tradução automática das redes sociais ajuda-me a perceber o conteúdo de publicações noutras línguas” – numa escala de 1 a 5, correspondendo 1 a “discordo completamente” e 5 a “concordo completamente”, os valores mais seleccionados foram, de forma avassaladora, 4 e 5, como mostra o Gráfico 31.

Gráfico 31 – Avaliação da frase: “A tradução automática das redes sociais ajuda-me a perceber o conteúdo de publicações noutras línguas.”



No Gráfico 32 é possível ver que esta tendência se mantém relativamente à avaliação da frase “A tradução automática das redes sociais é muito útil”: também aqui os participantes escolheram sobretudo as opções 4 e 5.

Gráfico 32 – Avaliação da frase: “A tradução automática das redes sociais é muito útil.”



Por outro lado, os utilizadores reconhecem que a TA não é infalível. Os Gráficos 33 a 36 mostram os resultados das questões relativas à perceção dos erros cometidos pela TA. Ao avaliarem a frequência da ocorrência de diferentes tipos de erros no *output* da TA, os participantes selecionaram maioritariamente as opções “às vezes” e “muitas vezes” em todas as questões – mesmo naquela que diz respeito a um erro tão crucial como o da mudança do sentido da frase original (ver Gráfico 36).

Gráfico 33 – Percepção da frequência de erros gramaticais na TA das redes sociais

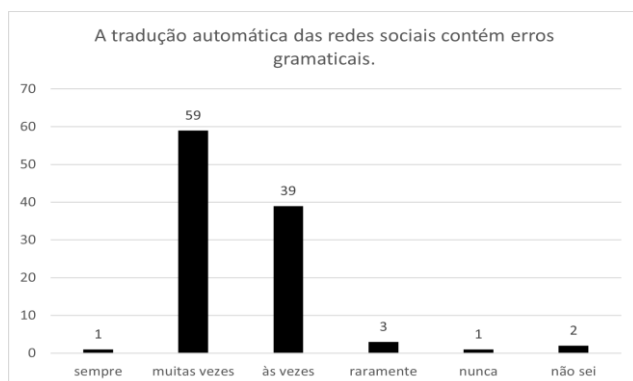
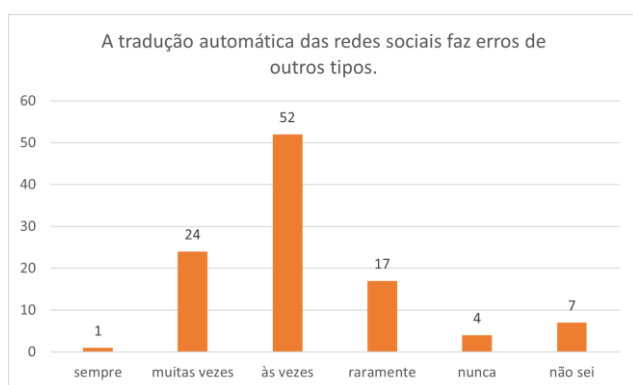


Gráfico 34 – Percepção da frequência de outros tipos de erros na TA das redes sociais



Já a dificuldade da TA em distinguir variantes do português (no Gráfico 35) recebe valores muito mais elevados nas opções “sempre” e “não sei” – o que torna difícil aferir se os utilizadores se apercebem de que certos motores de TA não fazem a distinção entre variantes, ou fazem-na incorretamente.

Gráfico 35 – Percepção da frequência da mistura de variantes do português na TA das redes sociais

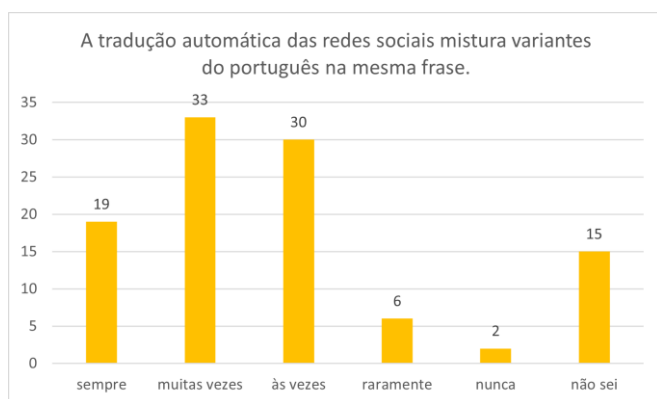
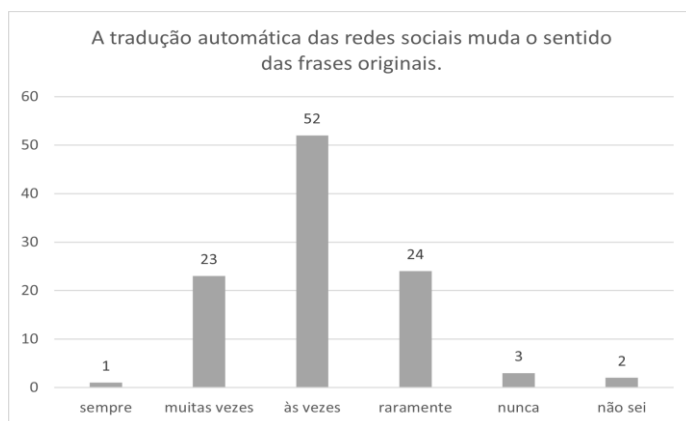


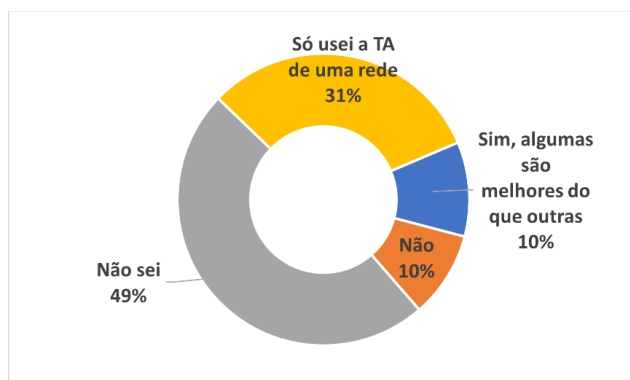
Gráfico 36 – Percepção da frequência de erros de mudança de sentido na TA das redes sociais



Portanto, há a percepção de uma certa frequência de erros por parte da TA, mas a avaliação do seu desempenho é mediana-boa e a funcionalidade é considerada útil, ou mesmo muito útil. A partir desta conjunção de resultados, é possível concluir o seguinte: apesar de a tradução automática das redes sociais não ser considerada muito fiável, tendo um desempenho variável, os utilizadores também não a utilizam com a expectativa de obter traduções 100% fiáveis; em vez disso, parece ser prioritário conseguir compreender a ideia geral veiculada pela mensagem em língua estrangeira (*the gist*, para usar o termo inglês). Com um nível baixo de expectativas, o desempenho meramente “suficiente” da TA cumpre a função esperada, e esta é, portanto, considerada como muito útil.

Em relação às diferenças no desempenho da TA de diferentes redes sociais, como mostra o Gráfico 37, a vasta maioria dos respondentes não sabe ou apenas usou a funcionalidade numa única rede e, portanto, não tem dados para fazer comparações. Entre os restantes participantes, as opiniões encontram-se divididas em proporções curiosamente semelhantes: 10% afirmam que o desempenho da TA de algumas redes sociais é melhor do que a de outras, e outros 10% discordam completamente.

Gráfico 37 – Diferenças no desempenho da TA entre redes sociais



Entre os 8 participantes que voluntariaram mais informação quando afirmaram haver diferenças entre redes sociais, as proporções de opiniões diametralmente opostas são também bastante semelhantes, mesmo num grupo tão pequeno, como se pode observar na Tabela 3.

Tabela 3 - Perceção da qualidade relativa do desempenho da TA das redes sociais

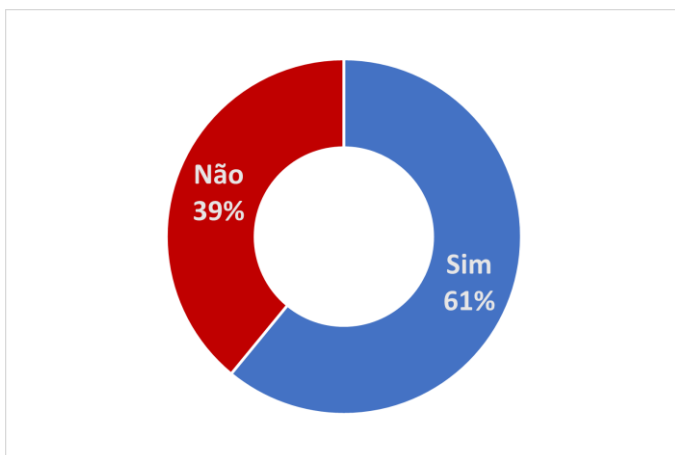
A TA do Twitter é melhor do que a do Instagram	2
A TA do Instagram é melhor do que a do Twitter	2
A TA do Instagram é melhor do que a do Youtube	2
A TA do Youtube é melhor do que a do Instagram	1
A TA do Twitter é melhor do que a do Youtube	1

Seria talvez interessante investigar se existem realmente diferenças objetivas entre o desempenho das diferentes plataformas, mesmo aquelas que pertencem à mesma empresa-mãe, recorrendo a métricas de avaliação do *output* de tradução automática, possivelmente usando uma mistura de métricas humanas e automáticas. Contudo, tal investigação de carácter qualitativo encontra-se fora do âmbito do presente estudo e, portanto, não foram colocadas aos participantes mais questões neste sentido.

Nenhum participante optou por reportar problemas de comunicação causados por erros de tradução por parte desta funcionalidade nas redes automáticas.

Por último, restam os resultados da questão B16, relativa ao uso de ferramentas de TA independentes (Google Translate, DeepL, etc.) para escrever publicações em outras línguas. Foi especulado, antes da realização deste estudo, que tal acontecesse simplesmente por ser algo *possível*; mesmo assim, tal não foi julgado como *provável* – um erro, como comprovado pelas respostas dos participantes, ilustradas no Gráfico 38.

Gráfico 38 – Uso de TA para criar publicações noutras línguas de partida



Não foram colocadas questões quanto ao número ou frequência de ocorrências deste tipo de uso, apenas se este já tinha sido feito, e inesperadamente, uma clara maioria dos utilizadores já usou ferramentas independentes para criar publicações noutras línguas, pelo menos uma vez. Tendo em conta que os outros utilizadores poderiam recorrer eles próprios à TA, porque terão estes utilizadores optado por usar tradução automática na fonte? Esta será, talvez, uma questão para estudos posteriores.

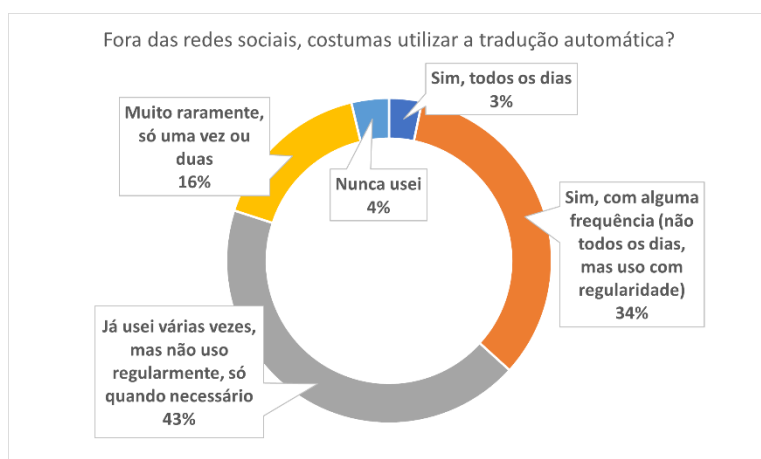
Regra geral, os utilizadores da funcionalidade têm noção da sua propensão para o erro e parecem inclinados a demonstrar ceticismo quanto aos resultados produzidos. A existência de alguns utilizadores que acreditam que a funcionalidade *nunca* comete alguns dos tipos de erros listados não é algo positivo, mas estes são claramente uma minoria.

3.2. Tradução automática (ferramentas independentes): uso e literacia

Para esta secção foram contabilizadas as respostas da totalidade dos 215 respondentes, tanto utilizadores como não utilizadores.

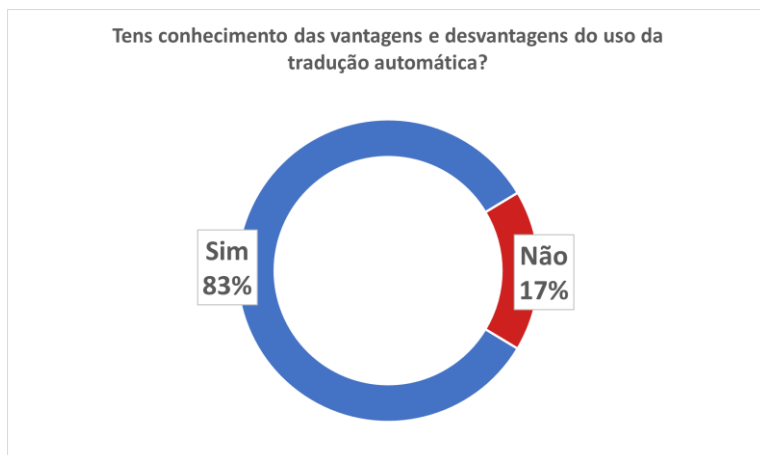
De acordo com os resultados da primeira pergunta da secção C do questionário, visíveis no Gráfico 39, a utilização de ferramentas de TA fora das redes sociais (Google Translate, DeepL etc.) parece ser relativamente frequente: 37% dos respondentes usam-nas diariamente ou, pelo menos, regularmente, enquanto apenas uma minoria de 4% nunca as usou. Quase metade dos participantes já recorreu a estas ferramentas múltiplas vezes, e presume-se que continuarão a fazê-lo conforme necessário. Restam 16%, que dizem apenas ter usado ferramentas de TA raramente, talvez uma ou duas vezes.

Gráfico 39 – Frequência de uso de ferramentas independentes de TA



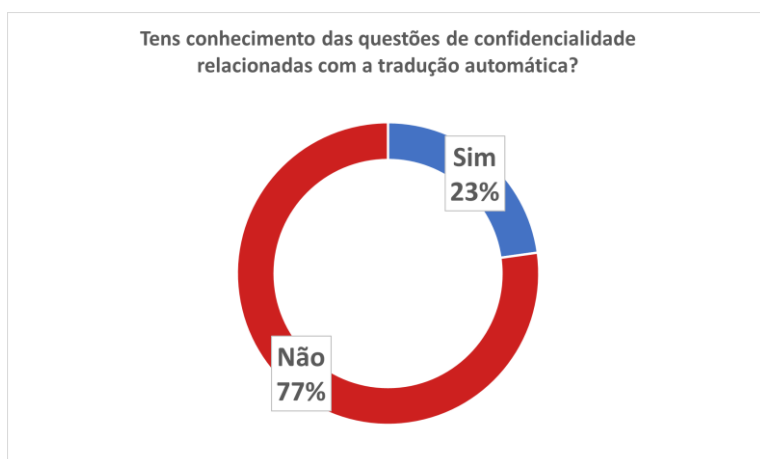
Há, portanto, um uso mais ou menos generalizado, se bem que não necessariamente frequente, deste tipo de ferramentas. Põe-se então a questão: este uso é um uso informado, feito com espírito crítico? Para responder a estas perguntas, a questão C2 visa determinar se os participantes têm conhecimento das vantagens e desvantagens associadas ao uso da TA. Como mostra o Gráfico 40, a grande maioria dos inquiridos (83%) respondeu ‘sim’.

Gráfico 40 – Percepção do conhecimento das vantagens e desvantagens associadas à TA



Como se pode ver no Gráfico 41, isto contrasta marcadamente com o resultado da questão seguinte, relativa às questões de confidencialidade associadas à TA: pouco menos de um quarto dos participantes (23%) indica ter conhecimento destas questões.

Gráfico 41 – Conhecimento das questões de confidencialidade associadas à TA

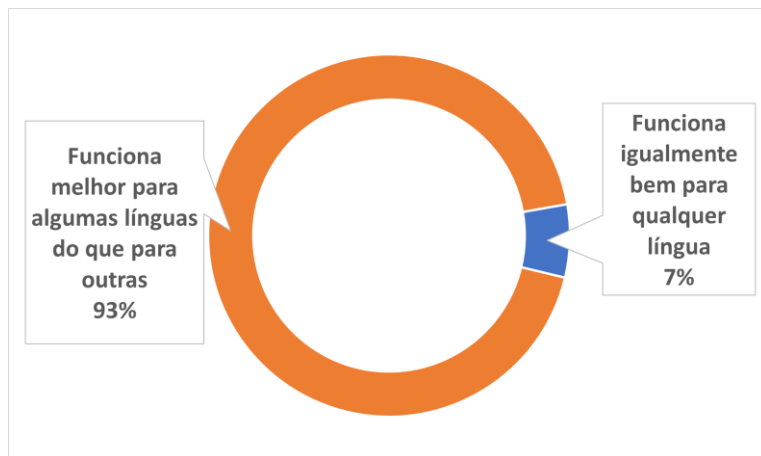


Os dados sugerem que os participantes geralmente sobrestimam o seu nível de conhecimento das vantagens e desvantagens da TA.

Por outro lado, e de forma animadora para o nível de literacia em tradução automática desta amostra, o diferente desempenho da TA para diferentes pares linguísticos parece ser de conhecimento mais ou menos geral, com apenas 7% dos participantes (14 pessoas

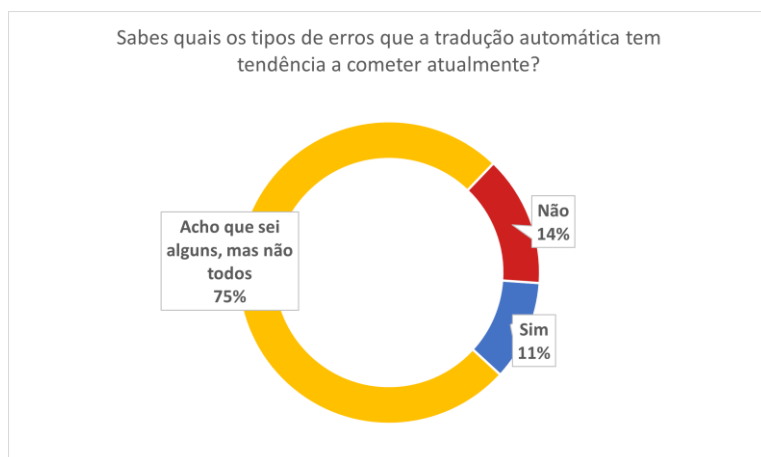
num total de 215) a afirmarem que esta disparidade não existe²⁴, como se pode observar no Gráfico 42.

Gráfico 42 – Desempenho da TA para diferentes pares linguísticos



Na questão seguinte, relativa aos tipos de erros mais frequentemente cometidos pela TA, talvez pela inclusão de uma opção intermédia, muito menos participantes afirmaram ter conhecimento completo destes (cerca de 11%), ao passo que três quartos escolheram a dita opção intermédia (têm conhecimento de alguns tipos de erros, mas não necessariamente de todos). Estes resultados estão ilustrados no Gráfico 43.

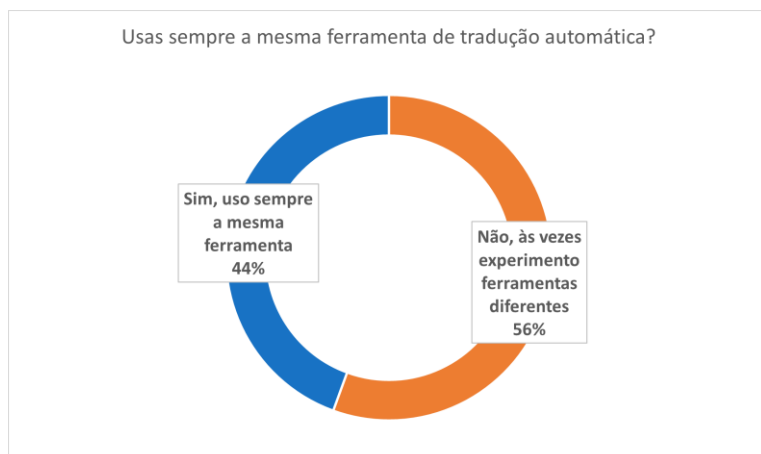
Gráfico 43 – Conhecimento dos tipos de erros frequentes da TA



²⁴ Afirmação esta que está incorreta; já Bowker e Ciro (2019) afirmam que um dado motor de tradução terá diferentes níveis de desempenho entre pares linguísticos para os quais há um grande volume de dados de treino e pares linguísticos para os quais este não é o caso (p. 88).

Relativamente à ferramenta de TA utilizada, como se pode verificar no Gráfico 44, a amostra divide-se quase igualmente entre indivíduos que usam sempre a mesma ferramenta de TA e aqueles que por vezes recorrem a outras.

Gráfico 44 – Uso da mesma/diferentes ferramentas de TA



Idealmente, dependendo de, por exemplo, em que domínio do conhecimento um dado texto se insere, seria possível usar um motor de tradução especializado nesse domínio. Estudos indicam que a especialização de um motor de TA num dado domínio resulta num melhor desempenho (Kobus et al., 2017). Tais motores existem, especializados em Medicina (Choi et al., 2022), por exemplo, mas tipicamente não estão disponíveis para o público.

Entre as ferramentas públicas, há indicações de que certos motores oferecem melhores resultados para alguns pares linguísticos; isto explica, por exemplo, porque é que o DeepL é a escolha mais frequente entre os estudantes e profissionais portugueses de tradução que preferem usar sempre a mesma ferramenta, como mostra a Tabela 4.

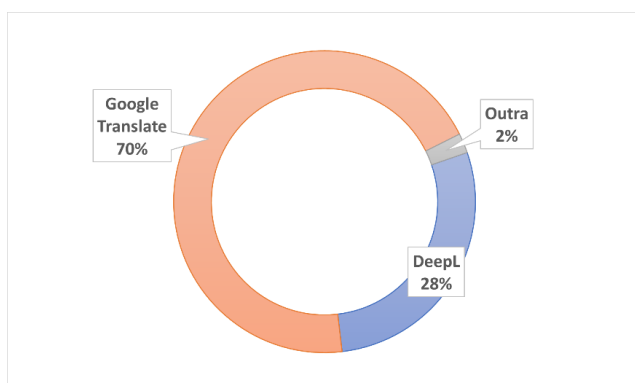
Tabela 4 - Ferramenta de preferência entre profissionais/estudantes de tradução

Número total de profissionais e estudantes de tradução na amostra			29
Que preferem usar sempre a mesma ferramenta:	DeepL	Google Translate	Outra
13	9	4	0

Apesar de não haver ainda estudos científicos sobre o Yandex Translator, há indícios de que este talvez seja a melhor escolha para traduções entre inglês e russo ou inglês e turco (Gunn, 2023).

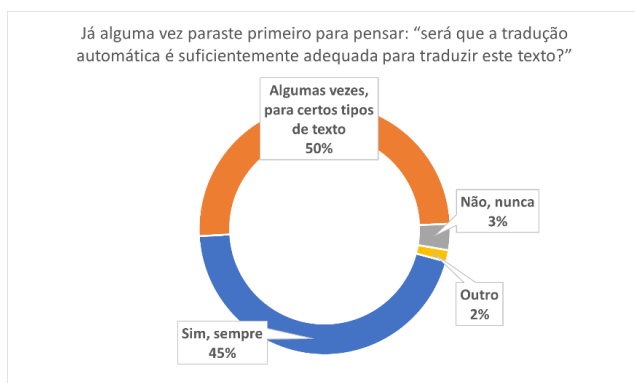
Saber adequar a ferramenta à tarefa – saber, de facto, que existem mais ferramentas para além do Google Translate e que algumas poderão oferecer resultados de maior qualidade para certos pares linguísticos – aponta para um nível mais elevado de literacia em tradução automática. A prevalência do Google Translate como única ferramenta de eleição (70%) na população analisada neste estudo (algo que se pode ver no Gráfico 45), sobretudo considerando que a dificuldade desta ferramenta em distinguir variantes do português é bastante conhecida, é algo preocupante; o facto de 4 em 13 estudantes ou profissionais da área terem a mesma preferência é ainda mais preocupante.

Gráfico 45 – Ferramenta de TA preferida



Mais encorajador é o facto de a vasta maioria dos participantes afirmarem que, antes de recorrerem à tradução automática, refletem sobre se essa solução será adequada para a situação – como ilustrado pelo Gráfico 46, metade diz fazê-lo para certos tipos de texto, mas 45% afirma fazê-lo *sempre*.

Gráfico 46 – Reflexão sobre adequação do uso de TA à situação

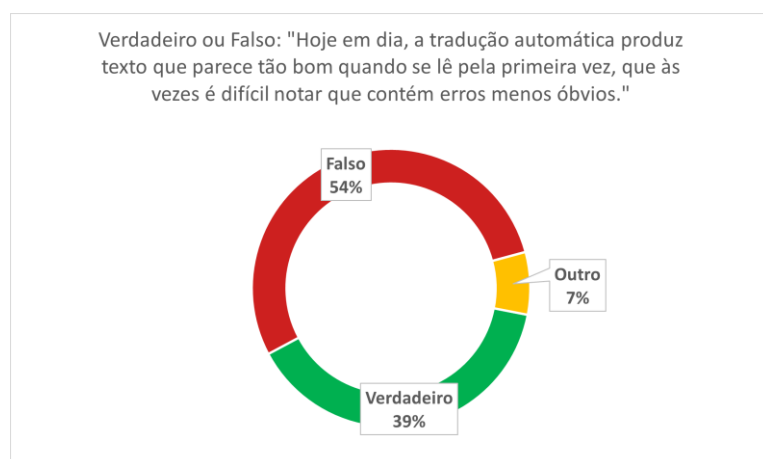


É certo que sem um conhecimento mais profundo de tradução automática, e se outras opções não forem viáveis, esta reflexão não terá efeitos práticos – não servirá de muito o utilizador parar para considerar a adequação da TA às situações se, no fim, escolher sempre usá-la, independentemente das circunstâncias.

Contudo, este é o primeiro passo na direção certa: como afirmam Bowker e Ciro (2019), o cerne da literacia em tradução automática não é saber apenas *como* utilizar esta tecnologia, mas sim *quando*, *como*, e *se* se deve sequer usá-la para a situação em questão. Assim, é positivo verificar que a maioria dos participantes tem o hábito de considerar pelo menos uma destas questões antes de recorrer à TA.

É possível que isto derive da desconfiança quanto à fiabilidade da tecnologia, como demonstrado anteriormente nos resultados evidenciados nos Gráficos 33 a 36. Mas apesar dos erros que a TA ainda comete com alguma frequência, terá o público geral alguma noção do nível de qualidade que a tecnologia *aparenta* ter alcançado com os avanços recentes? Os resultados da questão C10, onde os participantes foram convidados a classificar a afirmação “Hoje em dia, a tradução automática produz texto que parece tão bom quando se lê pela primeira vez, que às vezes é difícil notar que contém erros menos óbvios” como verdadeira ou falsa, indicam que este não será o caso, como se pode ver no Gráfico 47.

Gráfico 47 – Perceção da qualidade “enganadora” do *output* da TA atual



Como é evidenciado pelos dados no Gráfico 47, há claramente uma grande incerteza quanto ao nível de qualidade oferecido pela TA atualmente: os utilizadores dividem-se quase igualmente entre aqueles que consideram a afirmação verdadeira e aqueles que a consideram falsa. Provavelmente, isto deve-se ao facto de estes participantes não terem

conhecimento de que o elevado nível de fluência do *output* da TA pode ocultar alguns erros.

Entre estudantes de tradução, uma das queixas relativas à TA é precisamente a subtileza de alguns dos erros cometidos. Considera-se que uma das principais dificuldades na realização de pós-edição é identificar erros em frases aparentemente corretas – desde uma mera formulação tecnicamente correta, mas que é difícil de interpretar, a verdadeiros erros de tradução, concordância ou gramática que passam inicialmente despercebidos. É algo preocupante que uma percentagem tão grande dos participantes desconheça que a qualidade do *output* da TA pode ser enganadora.

Quando questionados em relação a quando não se deve recorrer à TA, na pergunta aberta C5, os participantes apresentam essencialmente exemplos pertencentes a dois grandes grupos: situações em que é extremamente importante garantir que não ocorrem erros no texto produzido e situações em que o tipo de texto a traduzir é particularmente problemático para a TA. As respostas a esta questão²⁵ foram agrupadas em categorias e contabilizadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Situações em que não se deve utilizar a tradução automática

Nenhuma	6
Contexto académico	33
Textos formais/legais/oficiais	19
Tradução especializada (técnica, científica)	12
Frases longas ou complexas/textos longos/integrais	12
Informação importante	11
Quando contexto/cultura é altamente relevante / linguagem figurativa, expressões idiomáticas, gíria	11
Assuntos emocionais, pessoais, sensíveis, interações orais entre indivíduos	10

²⁵ Estas respostas podem ser consultadas na sua totalidade no Anexo I.

Informação confidencial/privada	9
Contexto profissional	7
Tradução literária, de poesia	3
Outra(s)	9

A situação mais referida (30 menções em 122 respostas), e que não se encaixa em nenhum dos dois grandes grupos mencionados, é a do contexto académico. Uma vez que os participantes não ofereceram explicações mais elaboradas, é difícil dizer se esta resposta se deve à possibilidade de erros – que levariam a informações incorretas no trabalho académico, e provavelmente a uma penalização na classificação final – ou se estão a ser tomadas em conta questões éticas – como a transgressão de possíveis regras da instituição sobre o uso da TA, ou a possibilidade de plágio accidental. De qualquer forma, este elevado número de indivíduos que não considera permissível qualquer forma de uso da tradução automática neste contexto está em linha com os resultados de outros estudos (Henshaw, 2020; Dorst et al., 2022), como aliás foi exemplificado nas respostas dos estudantes universitários de Leiden a uma questão semelhante (Dorst et al., 2022).

Apesar da frequência da opinião de que o uso da TA deve ser totalmente proibido em contextos académicos, é preciso lembrar que a tradução automática é apenas uma ferramenta; como qualquer ferramenta, o seu uso acarreta vantagens e desvantagens. A proibição total do seu uso poderá não ser a escolha mais acertada – quando aplicada da devida forma, a TA pode ser muito útil aos estudantes. Inclusivamente, existem especialistas que defendem as potencialidades desta tecnologia enquanto ferramenta pedagógica (Lee, 2023).

Na verdade, é bastante provável que muitos dos estudantes universitários que participaram neste estudo usem esta tecnologia de diversas formas no seu dia-a-dia académico, tal como os estudantes de Leiden – possivelmente algo a investigar em estudos posteriores, replicando o estudo de Dorst, Valdez e Bouman em Leiden numa universidade portuguesa.

Voltando à questão dos dois grandes grupos em que as opiniões dos participantes podem ser divididas, o primeiro grupo refere-se a situações em que, como descreveu um dos participantes, “o assunto é importante e a tradução tem de estar correta” – o que

certamente incluirá documentos oficiais ou jurídicos, com informação oficial ou privada, ou situações profissionais (de mencionar que, curiosamente, entre os diversos temas importantes especificados nas respostas abertas desta questão, e apesar da recente pandemia de COVID-19, “informações de cariz médico” foram mencionadas por um único participante). Esta preocupação com a possibilidade de erros nos textos traduzidos é mais uma vez reveladora da incerteza quanto à qualidade e fiabilidade do desempenho da TA. Apesar dos avanços da tecnologia, especialmente no campo da Inteligência Artificial, a TA ainda é vista maioritariamente como contendo um risco considerável de erro, algo inadmissível em textos jurídicos, médicos ou outros em que é crucial evitar erros, levando à contratação dos serviços de tradutores humanos.

Como se pode ver na Tabela 6, onde se encontram as categorias em que as respostas à pergunta C6 foram divididas, parece haver mais confiança em traduções automáticas de palavras isoladas e frases simples do que de frases longas ou complexas ou textos longos, provavelmente dada a perceção de menor margem para erro.

Tabela 6 - Situações em que se “deve” utilizar a tradução automática

Assuntos informais/de baixa relevância / entretenimento /redes sociais	24
Esclarecimento de dúvidas/aprendizagem de línguas/elaboração de textos numa língua estrangeira	21
Para interações com falantes de outras línguas/apoio no quotidiano quando no estrangeiro	19
Tradução de palavras isoladas	18
Tradução de frases simples	17
Para compreender a ideia geral (<i>the gist</i>)	14
Qualquer situação/sempre que necessário	10
Apoio à tradução humana	5
Tradução técnica/científica	4
Quando se fala a língua (para poder rever)	1

Contexto académico	1
Outra(s)	4

De facto, “frases longas ou complexas/textos longos/integrais” foi uma das categorias mais mencionadas na questão C5, relativa a situações em que não se deve usar TA, com 12 menções em 122 respostas; e agora na questão C6, sobre a situação “oposta”²⁶, temos a tradução de “palavras isoladas” como uma das respostas mais frequentemente dadas, com 18 menções em 121 respostas.

Contudo, e apesar de muitos participantes mencionarem conjuntamente “frases simples e palavras isoladas”, provavelmente assumindo que apresentam um nível de dificuldade semelhante para a TA, a margem de erro não é necessariamente a mesma para frases completas e palavras isoladas. Antes pelo contrário: enquanto a simplificação de frases é de facto um dos métodos recomendados para obter resultados melhores e mais fiáveis no uso de TA (Bowker & Ciro, 2019), o que faz sentido – frases mais simples terão menos leituras ambíguas ou complexas, reduzindo a margem de erro –, palavras isoladas não oferecem à ferramenta a informação contextual necessária para seleccionar o equivalente de tradução correto quando vários existem. Geralmente, a tradução de palavras isoladas é simplesmente aquela que aparece mais frequentemente nos dados de treino da rede neuronal da ferramenta. É provável que isto seja mitigado pelo facto de [listas de opções alternativas](#) serem agora tipicamente apresentadas pelos motores de TA quando palavras isoladas são traduzidas – mas estas listas não aparecem necessariamente em todos os formatos em que estas ferramentas são disponibilizadas, ou em todos os pontos através dos quais estas ferramentas podem ser acedidas²⁷. Seleccionar a opção final correta fica a cargo do utilizador, o único interveniente com conhecimento do contexto, e que poderá ou não escolher a primeira solução apresentada pela ferramenta, podendo ou não estar a tomar uma decisão correta.

²⁶ Ver o ponto 3.4.3., “Formulação da questão C6”.

²⁷ Quando se faz uma pesquisa por, por exemplo, “Google Translate” num motor de pesquisa, muitas vezes aparece na página de resultados uma versão “miniatura” da ferramenta de TA, embutida na página de resultados. Quando esta pesquisa ocorre no motor *Google*, esta versão embutida oferece uma lista de alternativas quando se traduz uma palavra isolada ([captura de ecrã ilustrativa aqui](#)). Esta lista não aparece quando a pesquisa é feita no motor *Duckduckgo* ([captura de ecrã ilustrativa aqui](#)).

Em resumo, esta percepção da TA como sendo mais fiável relativamente a palavras isoladas do que a frases inteiras é bastante comum, mas infelizmente errónea (Henshaw, 2020).

Outro ponto interessante a notar na Tabela 6 é a posição elevada em que se encontra a categoria “tradução especializada” em comparação com “tradução literária”. Parece ser também prevalente neste grupo a noção de que documentos com linguagem especializada apresentam desafios para a TA. Contudo, esta mesma noção não se aplica à tradução literária, que recebeu apenas 3 menções – e, no entanto, a categoria de textos em que “contexto/cultura é altamente relevante/[há] linguagem figurativa, expressões idiomáticas, gíria” é uma das mais mencionadas como sendo inadequada para o uso de TA (11 menções em 122 respostas). É certo que os motores de tradução não especializados não têm um desempenho de tão boa qualidade como o de motores de tradução especializados num único domínio (Kobus et al., 2017), mas a tradução literária, com a sua linguagem subjetiva e metafórica, coloquialidade, referências culturais e o uso de diferentes registos, entre outros, é atualmente (e sempre foi) um grande obstáculo para a tradução automática (Thai et al., 2022). Para já, a tradução literária requer ainda a interpretação e criatividade humanas para serem produzidos resultados de maior qualidade (Guerberof-Arenas & Toral, 2022). Por outro lado, a linguagem geralmente mais clara e objetiva dos textos técnicos torna-os muito mais adequados ao uso de TA (Bowker & Ciro, 2019), mesmo que em muitos casos ainda seja necessário realizar pós-edição para se obter um texto final de melhor qualidade (O’Brien, 2022).

Finalmente, apesar da negação da permissibilidade do uso da TA no contexto académico na questão anterior, é curioso como a segunda categoria mais frequente na tabela 6, “Esclarecimento de dúvidas/aprendizagem de línguas/elaboração de textos numa língua estrangeira”, inclui sobretudo situações com algum valor pedagógico ou alguma probabilidade de acontecerem em contexto académico. A elaboração de textos não é necessariamente província exclusiva de estudantes (um dos participantes mencionou especificamente “escrever um email”, o que poderá ser num contexto profissional, por exemplo) mas é certamente uma tarefa típica de várias disciplinas, incluindo o ensino de línguas estrangeiras, e a maioria dos participantes – grande parte destes ainda sendo, muito provavelmente, estudantes universitários – não especificou o contexto em que estas atividades decorreriam.

3.3. Conclusões

Em resumo, é possível concluir, essencialmente, que esta amostra de utilizadores portugueses de redes sociais não é totalmente desconhecadora de alguns pontos importantes de literacia em tradução automática mas apresenta falhas em pontos vitais, como os tipos de texto em que a TA tem melhor desempenho ou até que ponto a fluência dos motores de TA atuais é capaz de mascarar erros. Há uma desconfiança geral da fiabilidade dos *output* da TA e nota-se algum espírito crítico no uso destas ferramentas, mas predomina também a opinião de que a TA “funciona razoavelmente bem para certos contextos” – mas parece haver alguma incerteza quanto a que contextos são estes. De notar, também, que muitas das noções erróneas encontradas nas populações analisadas noutros estudos estão também aqui presentes.

Na opinião da autora, corrigir perceções erradas e educar os utilizadores quanto ao uso de TA, ou mesmo inculcar competências digitais básicas em geral, exigirá que sejam tomadas medidas para a educação da população, possivelmente desde o ensino básico. Claramente, o mero uso e exposição a estas tecnologias não é suficiente para que seja adquirida literacia digital ou em TA. E com o passar do tempo, os avanços tecnológicos futuros certamente tornarão a literacia digital cada vez mais complexa e/ou mais alargada – e adquiri-la poderá tornar-se mais difícil.

Num país e num mundo cada vez mais global e mais digital, em que ferramentas como a tradução automática fazem cada vez mais parte das nossas vidas, numa economia cada vez mais baseada no conhecimento e em recursos humanos altamente qualificados (Van Laar et al., 2020), é essencial promover este tipo de literacia.

.

3.4. Limitações e pontos de melhoria

No decorrer da realização deste trabalho, especificamente durante a análise dos resultados, foram detetadas algumas debilidades e limitações, que serão discutidas nas secções seguintes.

3.4.1. “Piping logic” na secção C

Na organização da “piping logic”²⁸ do questionário na secção C, não foi estabelecido que os participantes que respondessem “nunca usei” à questão sobre o uso de ferramentas de TA independentes seriam excluídos desta secção do questionário. Ou seja, os oito participantes que nunca usaram a tradução automática responderam a toda esta secção do questionário e as suas respostas foram contabilizadas. É discutível se isto devia ter sido feito: por um lado, foram aceites respostas de indivíduos que não têm experiência prática com as ferramentas em questão; por outro, o objetivo desta secção do questionário é estimar o nível *geral* de literacia em tradução automática, logo, mesmo os não utilizadores devem ser contabilizados. Para além disto, o facto de nunca terem usado esta tecnologia antes não significa que não o venham a fazer no futuro, e é importante saber o que sabem e o que não sabem.

3.4.2. Formulação da questão B8

Na questão 8 da secção B do questionário, relativa às línguas de partida para as quais os utilizadores sentem a necessidade de recorrer à TA, a língua inglesa foi uma das opções mais escolhidas, apesar de também ter sido indicada como a L2 por parte da maioria dos participantes. É possível – se bem que não provável – que isto se deva a algum mal-entendido relacionado com a formulação da questão. Caso este estudo venha a ser repetido, deverá ser prestada atenção ao enunciado desta questão, testando-o previamente com possíveis participantes e inquirindo-os quanto à sua interpretação da questão e à sua opinião quanto à clareza da pergunta.

²⁸ Quando uma plataforma de questionários *online* permite estabelecer regras, como “se o participante responder NÃO à questão 2, então ‘salta’ para a questão 7”, e assim as questões 3 a 6 são escondidas apenas para este participante, então diz-se que esta plataforma disponibiliza a opção de estabelecer “piping logic”. Rever subcapítulo 2.2.

3.4.3. Formulação da questão C6

A questão 6 da secção C do questionário está redigida da seguinte forma: “Em que situações achas que se deve usar tradução automática?” Como um dos participantes apontou muito acertadamente, não existem necessariamente situações em que a TA *deve* ser usada. A intenção desta pergunta era averiguar em que situações os participantes julgariam *permissível* a utilização de TA, não *recomendável*, e nesta medida a formulação do enunciado da questão está incorreta.

3.4.4. Formulação da questão D11

A questão 11 da secção D, relativa aos interesses pessoais dos participantes, apresentava uma lista de respostas que incluía vários interesses/hobbies específicos, associados a línguas diferentes. As duas últimas opções visavam ser mais abrangentes, sendo elas:

Opção de resposta 11: nenhum destes, todos os meus interesses são em português e/ou inglês

Opção de resposta 12: outro interesse para o qual é difícil encontrar conteúdo/comunidades *online* em língua portuguesa/inglesa: [campo de resposta aberta]

Em relação à opção 11, é possível que esta formulação gere alguma confusão, uma vez que várias das opções anteriores se referem especificamente a interesses em inglês. Para evitar este problema, esta opção devia antes ter sido concebida da seguinte forma: “nenhum destes, **mas** todos os meus interesses são em português/inglês”.

Uma vez que ninguém está limitado a um único tipo de interesses, talvez uma formulação ainda mais apropriada fosse: “nenhum destes, **mas** os meus **principais** interesses são em português/inglês”.

De forma semelhante, a opção 12 devia ser o oposto da opção 11 e aparecer num formato claramente contrário, como “**nenhum destes, mas os meus principais** interesses são originalmente associados a línguas que não o português/inglês: [campo de resposta aberta]”.

Se fossem acrescentados exemplos entre parêntesis à opção 12 (da seguinte forma: “nenhum destes, mas os meus principais interesses são originalmente associados a línguas que não o português/inglês (exemplos: K-pop, anime/manga, filmes de Bollywood)”)

talvez fosse até possível eliminar as restantes opções de resposta. A questão D11 passaria a ter apenas estas duas opções de resposta, em vez das atuais doze. É possível que esta reformulação da pergunta oferecesse informações importantes relativamente à correlação entre o tipo de interesses de um indivíduo e a sua frequência de uso da funcionalidade de TA nas redes sociais.

3.4.5. Proficiência em inglês/L2

Ao analisar os resultados das questões relativas a línguas faladas e línguas de partida e de chegada usadas na TA, tornou-se claro que, para determinar a validade da hipótese preliminar relativa à ligação entre idade, proficiência em inglês e uso da TA, devia ter sido colocada uma questão sobre proficiência em cada L2 indicada pelos participantes.

Para cada L2 selecionada, seguir-se-ia uma questão onde o participante deveria escolher o nível adequado de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

Esta questão teria fornecido dados altamente relevantes para as hipóteses em estudo, pelo que a sua omissão é uma lacuna lamentável.

3.4.6. Situação profissional

A análise dos dados demográficos recolhidos revelou uma grande prevalência de uma faixa etária muito específica e de muitos indivíduos que dizem estar a frequentar, ou já ter concluído, algum nível de ensino superior. Isto, aliado à prevalência de participantes que indicaram ser residentes nas duas localidades (Porto e Braga) associadas às universidades em cujas listas de endereços eletrónicos o questionário foi disseminado, indica uma alta probabilidade de a maioria destes respondentes serem ainda estudantes universitários. Contudo, não é garantido que assim seja.

Trata-se de um dado importante, com influência nas conclusões retiradas e na sua possível aplicabilidade à população portuguesa geral. Torna-se evidente que não se pode assumir que os resultados deste estudo se apliquem à população portuguesa geral. Estudantes universitários são uma secção da sociedade com características muito particulares, e as tendências encontradas numa população composta sobretudo por esta categoria de indivíduos não vão ser necessariamente um reflexo das tendências da população geral.

Por este motivo, teria sido muito importante incluir uma questão que permitisse aos respondentes especificarem a sua situação: estudante de ensino secundário, estudante universitário, estudante-trabalhador ou trabalhador.

3.4.7. Literacia em tradução automática

Uma parte relevante da literacia em tradução automática – se bem que não a *mais* importante – é a forma como estas ferramentas são usadas. Ou seja, existem técnicas que podem ser aplicadas no uso de ferramentas de tradução automática para obter melhores resultados. Devido à extensão do questionário, não foram incluídas questões relativas a estas técnicas – especificamente, se os utilizadores têm conhecimento da existência de estratégias deste género e se usam alguma.

Os dados recolhidos em resposta a esta questão ajudariam a estimar o nível de literacia em tradução automática, complementando a informação recolhida neste estudo.

3.4.8. Número de participantes e resposta condicionada

Para um estudo que pretendia explorar o uso da funcionalidade de TA por utilizadores de redes sociais falantes de português, o número (e variedade) de participantes revelou-se demasiado reduzido. A maioria dos participantes tem idades e locais de residência muito semelhantes, tornando impossível determinar se há diferenças nos níveis de literacia em TA entre distritos, ou se o uso da funcionalidade de TA nas redes sociais está realmente associada a faixas etárias extremas. A disseminação do questionário em escolas básicas e secundárias, e os resultados obtidos a partir destas fontes, teriam certamente sido uma grande ajuda nestes pontos. Por outro lado, a disseminação do questionário através das redes sociais, incluindo em comunidades do Facebook dedicadas à disseminação de questionários, obviamente não foi muito bem-sucedida, não tendo tido uma adesão comparável à dos e-mails em massa enviados através das listas de endereços eletrónicos das universidades do Minho e do Porto. Claramente, a vasta maioria dos participantes teve conhecimento do questionário por esta via.

A limitação principal deste estudo é, portanto, o tamanho da sua amostra.

Outra preocupação é a influência que a resposta condicionada (*response bias* em inglês) teve no tipo de indivíduos que decidiram responder ao questionário. Uma das conclusões deste estudo é que o uso da funcionalidade de TA nas redes sociais é muito mais frequente

do que esperado, mas é possível que o próprio título do questionário – que foi publicado associado ao link, naturalmente – tenha atraído especificamente uma proporção demasiado elevada de participantes considerados utilizadores da funcionalidade, enquanto os restantes optaram por não responder ao questionário, possivelmente julgando (erradamente) que não faziam parte da população-alvo. Se este for o caso, as conclusões obtidas através deste estudo seguramente não refletem a realidade.

A repetição deste projeto de investigação a uma escala muito maior – incluindo, desta vez, escolas básicas e secundárias de todos os distritos, e também dados qualitativos recolhidos através de outros métodos, como entrevistas semiestruturadas ou *focus groups* – certamente seria uma fonte de dados extremamente rica, e ultrapassaria muitos dos problemas associados ao presente estudo.

Outras questões de possível interesse que surgiram no decorrer deste estudo são, por exemplo, se o uso de ferramentas independentes de TA é mais ou menos frequente do que o uso da funcionalidade de TA integrada nas redes sociais, assim como qual é a perceção do desempenho das ferramentas independentes em comparação com a funcionalidade integrada.

Conclusão

A nossa sociedade é atualmente, pelo menos em parte, um ambiente digital. Todos os dias, interagimos com tecnologia em diversos contextos – tanto a própria tecnologia como a nossa relação com esta são cada vez mais complexas. Para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um, manter-se a par destes avanços e garantir que se tem o conhecimento necessário para navegar neste ambiente de forma segura, correta e eficiente é cada vez mais importante.

Uma tecnologia que assumiu mais relevância e visibilidade desde que certos avanços a tornaram muito mais viável e eficiente é a tradução automática, cujo desempenho sofreu profundas alterações desde a integração das redes neuronais. Recorrer à tradução automática é agora uma possibilidade considerada viável e encontramos esta tecnologia em diversos locais, desde *websites* governamentais a redes sociais.

O objetivo principal deste estudo foi avaliar o uso que internautas na comunidade *online* falante de português fazem da funcionalidade de tradução automática disponibilizada nas redes sociais, assim como estimar o nível médio de literacia em tradução automática dos participantes no questionário.

Ao contrário das expectativas, baseadas em estudos prévios com algumas semelhanças, os portugueses recorrem à funcionalidade de tradução automática nas redes sociais com alguma frequência. Mais do que para obter traduções exatas e fiéis, este uso é sobretudo feito com o intuito de compreender a generalidade do tom e do significado de publicações. Esta funcionalidade é vista como tendo alguma tendência para cometer erros de vários tipos, mas geralmente transmitindo corretamente “o sumo” da mensagem original. Dadas as baixas expectativas dos utilizadores, o desempenho desta funcionalidade é avaliado, de uma forma geral, como suficiente ou bom. Assim, são muito poucos aqueles que classificam a funcionalidade como inútil no contexto das redes sociais.

Apesar do número relativamente reduzido de participantes e da sua relativa homogeneidade em termos de idade, proveniência e ocupação, o que oferece algumas limitações a este estudo e às conclusões que deste podem ser retiradas, os dados apontam para uma possível correlação entre uma menor proficiência em inglês (ou outras línguas que sejam particularmente relevantes para o utilizador em questão) e o uso da tradução automática. Para melhor estudar e confirmar esta relação, um novo estudo poderá ser

realizado no futuro, desta vez incluindo uma questão em que os participantes indiquem, para cada L2, o seu nível de proficiência de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

Devido à falta de participantes pertencentes a faixas etárias mais extremas (mais jovens e mais idosos), o presente estudo não permite determinar se existe uma correlação entre a idade e o uso da tradução automática. Na verdade, nesta amostra, a maior parte dos utilizadores da funcionalidade de TA das redes sociais encontra-se entre os 15 e os 25 anos, é do género feminino, reside em Braga ou no Porto e tem algum nível de ensino superior – mais frequentemente licenciatura ou mestrado. Esta combinação de dados, que muito provavelmente descreve indivíduos que são estudantes universitários, provavelmente advém do facto de a disseminação do questionário ter principalmente ocorrido através das listas de endereços eletrónicos das universidades do Porto e do Minho. As tentativas de publicitar o questionário nas redes sociais não foram tão bem-sucedidas e recolheram, comparativamente, um número muito menor de respostas.

Não foram encontradas evidências de uma relação entre interesses pessoais específicos associados a certas línguas e o uso da funcionalidade de tradução automática: utilizadores e não utilizadores distribuíram-se de forma extremamente semelhante pelos interesses listados. É possível que uma maior amostra ou uma reformulação das opções de resposta disponibilizadas para esta questão permitam obter dados mais conclusivos numa possível repetição futura deste estudo.

Em relação aos níveis de literacia em tradução automática, conclui-se que predomina ainda alguma ignorância ou opiniões erróneas quanto à tradução automática. Por exemplo, são muito comuns neste grupo de participantes as opiniões de que a tradução automática apresenta melhores resultados na tradução de palavras isoladas do que de frases inteiras ou de que os erros no *output* da tradução automática são sempre óbvios. Os tipos de texto para os quais a tradução automática é mais adequada e os géneros de situações em que o uso de tradução automática é desaconselhado também não parecem ser bem compreendidos. Além disso, os participantes parecem sobrestimar o seu nível de conhecimento das vantagens e desvantagens do uso da tradução automática.

Apesar disto, algum conhecimento básico importante parece fazer parte do conhecimento geral (que a TA não é infalível e tem tendência a cometer alguns tipos de erros, o facto

de o desempenho das ferramentas de TA ser melhor para alguns pares linguísticos do que outros...) e há indícios de uma atitude crítica generalizada relativamente a estas ferramentas.

Acresce a isto que o uso de ferramentas independentes de tradução automática como Google Translate ou DeepL é aparentemente bastante comum e relativamente frequente: 80% dos participantes usam-nas com algum nível de frequência, de diário a ocasional. Apenas os restantes 20% nunca ou raramente recorrem a estas ferramentas. Isto significa que o universo dos inquiridos usa esta tecnologia sem ter o conhecimento necessário para o fazer da forma segura. Em suma: o nível de literacia em tradução automática evidenciado não é dos mais elevados.

Apesar das limitações e debilidades descritas acima, esta investigação permitiu verificar que o uso da tradução automática nas redes sociais é muito mais frequente do que esperado, incluindo usos não convencionais (como usar uma ferramenta independente para criar uma publicação noutra língua de partida). Permitiu também obter informações relevantes sobre o nível de literacia em tradução automática de pelo menos uma parte dos portugueses, revelando que esta deixa algo a desejar.

A presente investigação representa também um bom ponto de partida para estudos futuros. O uso da tradução automática pelos portugueses é relativamente frequente, dentro e fora das redes sociais, mas este uso estará de facto relacionado com os níveis de proficiência em inglês, as línguas segundas faladas ou os interesses pessoais específicos? Se estudarmos a literacia em tradução automática dos portugueses de forma exaustiva, que outras fragilidades encontraremos? Existirão diferenças neste tipo de literacia entre distritos ou grupos etários ou outras categorias de indivíduos? A resposta a estas e outras perguntas constitui uma grande área ainda por explorar.

De acordo com o relatório do IDES 2022 para Portugal, foram “tomadas uma série de medidas para dotar a população de competências, expandir a conectividade e apoiar a adoção de tecnologias pelas pequenas empresas [mas] continuam a existir disparidades entre as empresas e as pessoas no que toca à adoção das tecnologias de informação e comunicação” (Comissão Europeia, 2022b, p. 4). E foi por esta razão que, entre outras medidas, foi executado o Plano de Ação para a Transição Digital de 2020, alargando o âmbito da Iniciativa Nacional Competências Digitais INCoDe.2030. O objetivo de todas

as ações realizadas foi, é claro, aumentar o nível de competências digitais das pessoas em geral e da população ativa em particular.

Ou seja, estão a ser envidados muitos esforços no sentido de aumentar as competências digitais – a literacia digital – dos portugueses. É de realçar, contudo, que a tradução automática, ou a literacia em tradução automática, nunca é mencionada explicitamente, e também não faz parte das orientações curriculares para as TIC no ensino básico (Direção-Geral da Educação, 2018a; 2018b; 2018c; 2018d; 2018e).

Há, portanto, possíveis avenidas de melhoria na literacia digital geral dos portugueses, e há certamente indícios de uma lacuna no que à literacia em tradução automática diz respeito, mas pouco está a ser feito em relação a esta última.

A tradução automática tem vários pontos de potencial interseção com o dia-a-dia dos portugueses – no trabalho, na escola ou universidade, durante férias no estrangeiro, durante o tempo de lazer ou quando pesquisam informação na Internet – pelo que descurar este aspeto da literacia digital é, no mínimo, imprudente.

Referências Bibliográficas

- Abbas, L., Fahmy, S. S., Ayad, S., Ibrahim, M., & Ali, A. H. (2022). TikTok Intifada: Analyzing Social Media Activism Among Youth. *Online Media and Global Communication*, 1(2), 287–314. <https://doi.org/10.1515/omgc-2022-0014>
- Aichner, T., Grünfelder, M., Maurer, O., & Jegeni, D. (2021). Twenty-Five Years of Social Media: A Review of Social Media Applications and Definitions from 1994 to 2019. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(4), 215–222. <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0134>
- Almahasees, Z., Meqdadi, S., & Albudairi, Y. (2021). Evaluation of google translate in rendering English COVID-19 texts into Arabic. *Journal of Language and Linguistic Studies*, 17(4), 2065–2080. <https://doi.org/10.52462/jlls.149>
- Alqudsi, A., Omar, N., & Shaker, K. (2019). A Hybrid Rules and Statistical Method for Arabic to English Machine Translation. *2019 2nd International Conference on Computer Applications & Information Security (ICCAIS)*, 1–7. <https://doi.org/10.1109/CAIS.2019.8769545>
- Al Sharou, K., & Specia, L. (2022, June). A taxonomy and study of critical errors in machine translation. In *Proceedings of the 23rd Annual Conference of the European Association for Machine Translation* (pp. 171-180).
- Auxier, B., & Anderson, M. (2021). *Social Media Use in 2021*. Pew Research Center. https://www.pewresearch.org/internet/wp-content/uploads/sites/9/2021/04/PI_2021.04.07_Social-Media-Use_FINAL.pdf
- Bentivogli, L., Bisazza, A., Cettolo, M., & Federico, M. (2016). *Neural versus Phrase-Based Machine Translation Quality: A Case Study*. arXiv. <http://arxiv.org/abs/1608.04631>
- Bowker, L. (2019). *Machine Translation Literacy as a Social Responsibility*. <http://ruor.uottawa.ca/handle/10393/42862>
- Bowker, L. (2020). Chinese speakers' use of machine translation as an aid for scholarly writing in English: A review of the literature and a report on a pilot workshop on machine translation literacy. *Asia Pacific Translation and Intercultural Studies*, 7(3), 288–298. <https://doi.org/10.1080/23306343.2020.1805843>

- Bowker, L., & Ciro, J. B. (2019). *Machine Translation and Global Research: Towards Improved Machine Translation Literacy in the Scholarly Community*. Emerald Group Publishing.
- Choi, Y., Shin, J., Ryu, Y., & Kim, S. (2022). SRT's Neural Machine Translation System for WMT22 Biomedical Translation Task. In Koehn, P., Barrault, L., Bojar, Ondřej, Bougares, F., Chatterjee, R., Costa-jussà, M. R., Federmann, C., Fishel, M., Fraser, A., Freitag, M., Graham, Y., Grundkiewicz, R., Guzman, P., Haddow, B., Huck, M., Yepes, A. J., Kocmi, T., Martins, A., Morishita, M., ... Zampieri, M. (Eds.), *Proceedings of the Seventh Conference on Machine Translation (WMT)* (pp. 901-907). ACL Anthology. <https://aclanthology.org/2022.wmt-1.83.pdf>
- Cinelli, M., Morales, G., Galeazzi, A., Quattrociocchi, W., & Starnini, M. (2020). *The echo chamber effect on social media*. <https://doi.org/10.1073/pnas.2023301118>
- Comissão Europeia. (2022a). *Digital Economy and Society Index (DESI) 2022 Thematic chapters*. <https://ec.europa.eu/newsroom/dae/redirection/document/88764>
- Comissão Europeia. (2022b). *Índice de Digitalidade da Economia e da Sociedade (IDES) de 2022 Portugal*. <https://ec.europa.eu/newsroom/dae/redirection/document/88757>
- Costa-jussà, M. R., & Fonollosa, J. A. R. (2015). Latest trends in hybrid machine translation and its applications. *Computer Speech & Language*, 32(1), 3–10. <https://doi.org/10.1016/j.csl.2014.11.001>
- Dahlmann, L., Matusov, E., Petrushkov, P., & Khadivi, S. (2017). *Neural Machine Translation Leveraging Phrase-based Models in a Hybrid Search*. arXiv. <http://arxiv.org/abs/1708.03271>
- Delorme Benites, A., Cotelli Kureth, S., Lehr, C., & Steele, E. (2021). Machine translation literacy: A panorama of practices at Swiss universities and implications for language teaching. In N. Zoghلامي, C. Brudermann, C. Sarré, M. Grosbois, L. Bradley, & S. Thouëсны (Eds.), *CALL and professionalisation: Short papers from EUROCALL 2021* (1st ed., pp. 80–87). Research-publishing.net. <https://doi.org/10.14705/rpnet.2021.54.1313>

Digital Literacy Courses, Programs & Resources: Microsoft Digital Literacy. Microsoft. (s.d.).

Consultado em 2 de fevereiro de 2023 em <https://www.microsoft.com/en-us/digital-literacy>

Digital literacy. (s.d.). Welcome to ALA's Literacy Clearinghouse. Consultado em 2 de fevereiro de 2023 em <https://literacy.ala.org/digital-literacy/>

Direção-Geral da Educação. (2018a). Aprendizagens Essenciais - 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico I Tecnologias de Informação e Comunicação - 5.º ano.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_tic.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018b). Aprendizagens Essenciais - 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico I Tecnologias de Informação e Comunicação - 6.º ano.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_tic.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018c). Aprendizagens Essenciais - 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico I Tecnologias de Informação e Comunicação - 7.º ano.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/tic_3c_7a_ff.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018d). Aprendizagens Essenciais - 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico I Tecnologias de Informação e Comunicação - 8.º ano.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/tic_3c_8a_ff.pdf

Direção-Geral da Educação. (2018e). Aprendizagens Essenciais - 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico I Tecnologias de Informação e Comunicação - 9.º ano.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/tic_3c_9a_ff.pdf

Dorst, A. G., Valdez, S., & Bouman, H. (2022). Machine translation in the multilingual classroom: How, when and why do humanities students at a Dutch university use machine translation? *Translation and Translanguaging in Multilingual Contexts*, 8(1), 49–66.

<https://doi.org/10.1075/ttmc.00080.dor>

- Dugonik, J., Sepesy Maučec, M., Verber, D., & Brest, J. (2023). Reduction of Neural Machine Translation Failures by Incorporating Statistical Machine Translation. *Mathematics*, 11(11), 2484. <https://doi.org/10.3390/math11112484>
- DuPont, Quinn (2018). "The Cryptological Origins of Machine Translation, from al-Kindi to Weaver." *amodern*, (8), 1–20.
- Dzogbenuku, R. K., Doe, J. K., & Amoako, G. K. (2022). Social media information and student performance: The mediating role of hedonic value (entertainment). *Journal of Research in Innovative Teaching & Learning*, 15(1), 132–146. <https://doi.org/10.1108/JRIT-12-2020-0095>
- Eurostat. (2023a). [Dados referentes ao nível de acesso à Internet de agregados familiares em Portugal entre 2017 e 2022]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/ea87fe8e-9111-40cd-a5fe-2eb406155726?lang=en>
- Eurostat. (2023b). [Dados relativos à percentagem de indivíduos europeus que acederam à Internet pelo menos uma vez nos últimos 3 meses]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/3419e1bb-f644-49cc-8981-cacfeed8d955?lang=en>
- Eurostat. (2023c). [Dados relativos às percentagens de indivíduos europeus e portugueses que acedem diariamente à Internet em 2022]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/9dbe7424-fd04-4749-9d2a-fd6a53d25693?lang=en>
- Eurostat. (2023d). [Dados relativos às percentagens de indivíduos europeus e portugueses que nunca acederam à Internet em 2022]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/b9877ec1-9de4-4ca9-8a10-405ae849bfc3?lang=en>
- Eurostat. (2023e). [Dados relativos à percentagem de agregados familiares portugueses com acesso a um computador em 2006 e 2017]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/06eebcff-fce9-4880-a33a-1f7d7f1de17d?lang=en>

- Eurostat. (2023f). [Dados relativos à percentagem de indivíduos portugueses que acederam à Internet através de um telemóvel ou *smartphone* em 2021]. Consultado em <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/8793e47c-ac22-403f-adbf-98b05366c2ea?lang=en>
- Forcada, M. L., Ginestí-Rosell, M., Nordfalk, J., O'Regan, J., Ortiz-Rojas, S., Pérez-Ortiz, J. A., Sánchez-Martínez, F., Ramírez-Sánchez, G., & Tyers, F. M. (2011). Apertium: A free/open-source platform for rule-based machine translation. *Machine Translation*, 25(2), 127–144. <https://doi.org/10.1007/s10590-011-9090-0>
- Gilster, P. (1997). *Digital literacy*. Wiley Computer Pub.
- Gunn, D. (2023, maio 10). *Yandex Translate vs Google Translate: What Should You Choose?* TranslatePress. <https://translatepress.com/yandex-translate-vs-google-translate/>
- Guzman, P., & Husa, D. (2018, 11 setembro). *Expanding automatic machine translation to more languages*. Engineering at Meta. <https://engineering.fb.com/2018/09/11/ml-applications/expanding-automatic-machine-translation-to-more-languages/>
- Henshaw, F. (2020, junho 15). *Online Translators in Language Classes: Pedagogical and Practical Considerations*. *The FLTMAG*. <https://fltmag.com/online-translators-pedagogical-practical-considerations>
- Hern, A. (2017, 24 outubro). Facebook translates “good morning” into “attack them”, leading to arrest. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/technology/2017/oct/24/facebook-palestine-israel-translates-good-morning-attack-them-arrest>
- Houaiss, A., Villar, M. S., Franco, F. M. M., de Almeida, J. A. A., & Casteleiro, J. M. (2003). Literacia. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Vol. 4, p. 2294). Círculo de Leitores.
- Humphries, M. (2020, 11 agosto). *Twitter Is Testing Automatic Tweet Translation*. PCMAG. <https://www.pcmag.com/news/twitter-is-testing-automatic-tweet-translation>
- Hutchins, W. J. (2015). Machine translation History of research and applications. In S. Chan (Ed.), *Routledge encyclopedia of translation technology* (Second edition). Routledge.

- Infopédia. (s.d.). Literacia. In *Infopédia Dicionários Porto Editora*. Consultado em 8 de agosto de 2023 em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/literacia>
- Jolley, J. R., & Maimone, L. (2022). Thirty Years of Machine Translation in Language Teaching and Learning: A Review of the Literature. *L2 Journal*, 14(1). <https://doi.org/10.5070/L214151760>
- Kapoor, K. K., Tamilmani, K., Rana, N. P., Patil, P., Dwivedi, Y. K., & Nerur, S. (2018). Advances in Social Media Research: Past, Present and Future. *Information Systems Frontiers*, 20(3), 531–558. <https://doi.org/10.1007/s10796-017-9810-y>
- Kepios. (2022). *Digital 2022: Portugal*. DataReportal. <https://datareportal.com/reports/digital-2022-portugal>
- Kennedy, D. M., & Fox, R. (2013). ‘Digital natives’: An Asian perspective for using learning technologies. *International Journal of Education and Development using ICT*, 9(1), 65–79.
- Kenny, D. (2019). Machine Translation. In P. Rawling & P. Wilson (Eds.), *The Routledge handbook of translation and philosophy* (pp. 428–445). Routledge Taylor & Francis Group.
- Kirschner, P. A., & De Bruyckere, P. (2017). The myths of the digital native and the multitasker. *Teaching and Teacher Education*, 67, 135–142. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2017.06.001>
- Kobus, C., Crego, J., & Senellart, J. (2017). *Domain Control for Neural Machine Translation*. arXiv. <http://arxiv.org/abs/1612.06140>
- Lanham, R. A. (1995). Digital Literacy. *Scientific American*, 273(3), 198–200. JSTOR.
- Lankshear, C., & Knobel, M. (Eds.). (2008). *Digital literacies: Concepts, policies and practices*. Peter Lang.
- Law, N. W. Y., Woo, D. J., de la Torre, J., & Wong, K. W. G. (2018). A global framework of reference on digital literacy skills for indicator 4.4.2. *UNESCO Institute for Statistics*. Consultado em <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/ip51-global-framework-reference-digital-literacy-skills-2018-en.pdf>

- Lee, S.-M. (2023). The effectiveness of machine translation in foreign language education: A systematic review and meta-analysis. *Computer Assisted Language Learning*, 36(1–2), 103–125. <https://doi.org/10.1080/09588221.2021.1901745>
- Lee, S. Y. (2014). How do people compare themselves with others on social network sites?: The case of Facebook. *Computers in Human Behavior*, 32, 253–260. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.12.009>
- Lucas, M., Moreira, A., & Costa, N. (2017). Quadro europeu de referência para a competência digital: Subsídios para a sua compreensão e desenvolvimento. *Observatorio (OBS*)*, 11(4). <https://doi.org/10.15847/obsOBS11420171172>
- Mahata, S., Das, D., & Bandyopadhyay, S. (2020). JUNLP@ICON2020: Low Resourced Machine Translation for Indic Languages. *Proceedings of the 17th International Conference on Natural Language Processing (ICON): Adap-MT 2020 Shared Task*, 1–5. <https://aclanthology.org/2020.icon-adapmt.1>
- Marlowe, J. (2019). Transnational crisis translation: Social media and forced migration. *Disaster Prevention and Management: An International Journal*, 29(2), 200–213. <https://doi.org/10.1108/DPM-11-2018-0368>
- Moorkens, J. (2022). Ethics and machine translation. In Dorothy Kenny (Ed.), *Machine translation for everyone: Empowering users in the age of artificial intelligence* (pp. 121–140). Language Science Press. <https://doi.org/10.5281/ZENODO.6759984>
- Noori, A. Q., Orfan, S. N., Akramy, S. A., & Hashemi, A. (2022). The use of social media in EFL learning and teaching in higher education of Afghanistan. *Cogent Social Sciences*, 8(1), 2027613. <https://doi.org/10.1080/23311886.2022.2027613>
- Marktest. (2022). *Os Portugueses e as Redes Sociais 2022: Estudos & Serviços*. Grupo Marktest. <https://www.marktest.com/wap/a/grp/p~96.aspx>
- O'Brien, S. (2022). How to deal with errors in machine translation: Postediting. In *Machine translation for everyone: Empowering users in the age of artificial intelligence*, 18, 105.
- Ott, M., Ranzato, M., & Lample, G. (2018, 31 agosto). *Unsupervised MT: fast and accurate for more languages - Engineering at Meta*. Engineering at Meta. <https://engineering.fb.com/2018/08/31/ai-research/unsupervised-machine-translation-a-novel-approach-to-provide-fast-accurate-translations-for-more-languages/>

- Patil, S., & Davies, P. (2014). Use of Google Translate in medical communication: Evaluation of accuracy. *BMJ*, 349(dec15 2), g7392–g7392. <https://doi.org/10.1136/bmj.g7392>
- Pignone, M., Amato, A., Nostro, C., Casarotti, E., Meletti, C., Quintiliani, M., & Lauciani, V. (2022). Public earthquake communication in Italy through a multi-source social media platform: The INGVterremoti experience (2010–2022). *Frontiers in Earth Science*, 10, 1003867. <https://doi.org/10.3389/feart.2022.1003867>
- Plackett, R., Sheringham, J., & Dykxhoorn, J. (2023). The Longitudinal Impact of Social Media Use on UK Adolescents' Mental Health: Longitudinal Observational Study. *Journal of Medical Internet Research*, 25, e43213. <https://doi.org/10.2196/43213>
- Reddy, P., Sharma, B., & Chaudhary, K. (2020). Digital Literacy: A Review of Literature. *International Journal of Technoethics (IJT)*, 11(2), 65–94. <https://doi.org/10.4018/IJT.20200701.oa1>
- Sabtan, Y. M. N., Hussein, M. S. M., Ethelb, H., & Omar, A. (2021). An evaluation of the accuracy of the machine translation systems of social media language. *International Journal of Advanced Computer Science and Applications*, 12(7).
- Shaw, A. (2023). Social media, extremism, and radicalization. *Science Advances*, 9(35), eadk2031. <https://doi.org/10.1126/sciadv.adk2031>
- Sidorov, A. (2017, 3 agosto). *Transitioning entirely to neural machine translation - Engineering at Meta*. Engineering at Meta. <https://engineering.fb.com/2017/08/03/ml-applications/transitioning-entirely-to-neural-machine-translation/>
- Silaban, P. H., Chen, W.-K., & Silalahi, A. D. K. (2022). The use of social media by entrepreneurial and small firms: Systematic literature review. 2022 *International Conference on Decision Aid Sciences and Applications (DASA)*, 947–952. <https://doi.org/10.1109/DASA54658.2022.9765244>
- Singer, L. M., & Alexander, P. A. (2017). Reading Across Mediums: Effects of Reading Digital and Print Texts on Comprehension and Calibration. *The Journal of Experimental Education*, 85(1), 155–172. <https://doi.org/10.1080/00220973.2016.1143794>
- Sorrentino, M. (2021, 19 outubro). *Pixel 6 and Snapchat debut Quick Tap to Snap, will add live language translation*. CNET. <https://www.cnet.com/tech/mobile/pixel-6-and-snapchat-debut-quick-tap-to-snap-will-add-live-language-translation/>

- Specia, L., Blain, F., Fomicheva, M., Zerva, C., Li, Z., Chaudhary, V., & Martins, A. F. (2021, November). Findings of the WMT 2021 shared task on quality estimation. In *Proceedings of the Sixth Conference on Machine Translation* (pp. 684-725).
- Staff, T. (2022, 14 dezembro). Argentina marks soccer win with Hebrew translate fail. *The Times of Israel*. <https://www.timesofisrael.com/we-are-finished-argentina-marks-soccer-win-with-hebrew-translate-fail/>
- Stahlberg, F. (2020). Neural Machine Translation: A Review. *Journal of Artificial Intelligence Research*, 69, 343–418. <https://doi.org/10.1613/jair.1.12007>
- Støle, H. (2018). Why digital natives need books: The myth of the digital native. *First Monday*. <https://doi.org/10.5210/fm.v23i10.9422>
- Surveyking. (s.d.). *Survey answer & variable piping*. Survey Piping Explained. <https://www.surveyking.com/help/survey-piping>
- Taira, B. R., Kreger, V., Orue, A., & Diamond, L. C. (2021). A Pragmatic Assessment of Google Translate for Emergency Department Instructions. *Journal of General Internal Medicine*, 36(11), 3361–3365. <https://doi.org/10.1007/s11606-021-06666-z>
- Tandoc, E. C., Ferrucci, P., & Duffy, M. (2015). Facebook use, envy, and depression among college students: Is facebooking depressing? *Computers in Human Behavior*, 43, 139–146. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.053>
- Tao, W., Li, J.-Y., Lee, Y., & He, M. (2022). Individual and collective coping with racial discrimination: What drives social media activism among Asian Americans during the COVID-19 outbreak. *New Media & Society*, 146144482211008. <https://doi.org/10.1177/14614448221100835>
- Thai, K., Karpinska, M., Krishna, K., Ray, B., Inghilleri, M., Wieting, J., & Iyyer, M. (2022). *Exploring Document-Level Literary Machine Translation with Parallel Paragraphs from World Literature*. arXiv. <http://arxiv.org/abs/2210.14250>
- The Canadian Press. (2018, 1 fevereiro). “Grind yourself, go kill him”: Telus apologizes for some horrendously translated French tweets. *Financial Post*.
- Thu, Y. K., Oo, T. M., Nwe, H. M., Mon, K. Z., Kyaw, N. A., Phyo, N. L., Khun, N. H., & Thant, H. A. (2021). Hybrid Statistical Machine Translation for English-Myanmar:

- UTYCC Submission to WAT-2021. *Proceedings of the 8th Workshop on Asian Translation (WAT2021)*, 83–89. <https://doi.org/10.18653/v1/2021.wat-1.7>
- TikTok. (2022, 21 julho). Discover a world of entertaining content with new accessibility and translation tools. *Newsroom | TikTok*. <https://newsroom.tiktok.com/en-us/auto-translations-and-captions>
- Tsao, S.-F., Chen, H., Tisseverasinghe, T., Yang, Y., Li, L., & Butt, Z. A. (2021). What social media told us in the time of COVID-19: A scoping review. *The Lancet Digital Health*, 3(3), e175–e194. [https://doi.org/10.1016/S2589-7500\(20\)30315-0](https://doi.org/10.1016/S2589-7500(20)30315-0)
- Udin, E. (2023, 2 junho). *What is happening to Twitter's translate feature?*. Gizchina.Com. <https://www.gizchina.com/2023/06/02/what-is-happening-to-twitters-translate-feature/>
- Vaterlaus, J. M., Patten, E. V., & Spruance, L. A. (2022). # Alonetgether:: An Exploratory Study of Social Media Use at the Beginning of the COVID-19 Pandemic. *The Journal of Social Media in Society*, 11(1), 27-45.
- Van Laar, E., Van Deursen, A. J. A. M., Van Dijk, J. A. G. M., & De Haan, J. (2020). Determinants of 21st-Century Skills and 21st-Century Digital Skills for Workers: A Systematic Literature Review. *SAGE Open*, 10(1), 215824401990017. <https://doi.org/10.1177/2158244019900176>
- Vieira, L. N., O'Hagan, M., & O'Sullivan, C. (2021). Understanding the societal impacts of machine translation: A critical review of the literature on medical and legal use cases. *Information, Communication & Society*, 24(11), 1515–1532. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1776370>
- Wang, Y., Li, X., Yang, Y., Anwar, A., & Dong, R. (2021). Hybrid System Combination Framework for Uyghur–Chinese Machine Translation. *Information*, 12(3), 98. <https://doi.org/10.3390/info12030098>
- Yelp Editorial Team. (2021, 31 agosto). Goodbye language barriers, hello mobile review translation! *Yelp - Official Blog*. <https://blog.yelp.com/news/goodbye-language-barriers-hello-mobile-review-translation/>

Apêndices

Apêndice 1 – Respostas submetidas pelos participantes em questões de resposta aberta ou campos de resposta aberta

Apêndice 2 – Formulário do questionário (versão para impressão disponibilizada pela plataforma Limesurvey)

Apêndice 1 – Respostas dos participantes a questões abertas

Nota: Cada célula contém a resposta de um indivíduo.

Questão A2 – Que redes sociais usas?

Respostas dadas na opção “outra”:

Reddit	LinkdIn	Reddit	Tiktok	LinkedIn, Tumblr
Twitch	Reddit	Tik Tok	tiktok	TikTok
tik tok	Whatssap	Linkedin	WhatsApp	Research Gate
Reddit	whatsapp	Locals.com	LinkedIn	linkedin
Reddit	Tiktok	WhatsApp	wechat	pinterest / tik tok
Whatsapp , reddit	tiktok	Reddit	Tiktok	reddit
TikTok	TikTok	twitch	reddit	Be real, tiktok, whatsapp,
Reddit	Whatsapp	tumblr	tumblr	Discord, Snapchat, Tiktok
Reddit	tik tok	Reddit	whatsapp	Reddit, TikTok, Twitch
Reddit	Linkedin	TikTok	Tiktok	TikTok, BeReal
WhatsApp	Tiktok	Tumblr, Tiktok	Discord	
Reddit	LinkedIn	LinkedIn	TikTok	
Reddit	LinkedIn	Whatsapp	TikTok	

Questão A4 – Por que razão(ões) usas redes sociais?

Respostas dadas na opção “outra”:

noticias
Como meio informativo de notícias
Recreativo

Questão B3 – Podes explicar a tua resposta à pergunta anterior? (questão B2: agora que sabes que algumas redes sociais têm tradução automática, achas que vais utilizá-la no futuro?)

Alargar de horizontes
Só procuro conteúdo em inglês.
Não tenho interesse

Questão B5 – Porque é que nunca usaste a tradução automática das redes sociais?

Respostas dadas na opção “outra”:

Porque não tenho necessidade

Questão B6 – Em que redes sociais já utilizaste a tradução automática integrada?

Respostas dadas na opção “outra”:

TikTok	tiktok	Tiktok
weibo	Tiktok	Telegram
LinkedIn	Linkedin	LinkdIn

Questão B7 – Quando usas a tradução automática das redes sociais, traduzes de uma língua estrangeira para português?

Respostas dadas na opção “Não, traduzo de português para outra língua, que é:”

mandarim

Questão B8 – Quais são as línguas estrangeiras para as quais costumás utilizar a tradução automática das redes sociais?

Respostas dadas na opção “outra(s)”:

Russo	Sueco	Italiano
Espanhol	Espanhol	mandarim e hindi
Italiano, Polaco	Ucraniano	Tudo o que não use o alfabeto normal

Italiano	italiano	Qualquer outra língua que não seja português, inglês, qualquer tipo de espanhol, francês e italiano
Russo	Russo	filandês; holandês
Grego, búlgaro	Holandês	Nenhuma em específico, a que aparecer que eu não percebo.
Espanhol	Russo	Ucraniano e Russo
Turco	Italiano	qualquer idioma, à exceção de português, espanhol ou inglês que surja num post que eu tenha interesse; ou então vejo a tradução só para confirmar que entendi o conteúdo
Português	Ucraniano	Russo, Letão, Chinês
Russo	italiano	Filandês; Sueco
		Russo, ucraniano, turco

Questão B9 – Para que propósitos achas que a tradução automática é útil em redes sociais?

Respostas dadas na opção “outro(s) propósito(s)”:

Socialmente faz muita diferença. Assim, quem não sabe inglês não terá de estar posto de parte. Haverá uma maior unificação entre as pessoas do mundo
Poder consumir conteúdos de outras línguas para entretenimento
Compreender as publicações dos meus familiares estrangeiros.

Questão B13 – Consideras que há alguma diferença na qualidade dos resultados da tradução automática de diferentes redes sociais?

Respostas dadas na opção “Sim, a tradução automática de algumas redes sociais é melhor do que a de outras (quais?):”

instagram é melhor que o twitter	Depende se usam Bing, Google translate ou outra
No Twitter é melhor que no Instagram	Youtube > instagram > twitter
Twitter	A tradução que o Instagram oferece é melhor do que a do Youtube

instagram é melhor que o youtube	O twitter normalmente tem traduções mais bem conseguidas, pelo contrário o Youtube é bastante fraco nas traduções dos vídeos
YouTube	Considero que a do Instagram é, no geral, melhor do que a do YouTube.
	A tradução automática do Twitter é melhor do que a do Instagram.

Questão C5 – Em que situações achas que não se deve usar tradução automática?

Para trabalhar oficialmente como tradutor ou para oferecer biscoitos relacionados com a área
Situações formais
Para escrever documentos confidenciais e/ou importantes, e-mails, etc...
Em situações de cariz oficial onde seja necessário uma autenticação.
para traduzir informação pessoal e sensível
Quando envolve informações sensíveis ou confidenciais. Quando desconheces completamente a língua e precisas de uma tradução para uso formal.
A fazer uma tese ou a redigir um documento académico ou em contexto profissional
Quando há problemas de confidencialidade.
Elaboração de documentos oficiais
comunicação formal, CV
Assuntos confidenciais
Textos que tencionamos publicar.
NOTA: Na questão anterior, não opção de 'não sei', o que seria a minha resposta honesta.
Informação confidencial
Coisas importantes e sem conhecimento sobre a língua que me permita saber se está correta ou não.
Nenhuma. Apesar de correr o risco de ser mal trazido.
Documentos confidenciais, conselhos de assuntos sensíveis como saúde
Notícias de grande relevância em que pode alterar o contexto da notícia.
Assuntos confidenciais
Quando se pretende traduções para uso profissional, ou pelo menos deve haver revisão
Contextos de tradução técnica e literária, tradução jurídica...
Tradução literária
Traduções de carácter científico.

Para Português, pois mete sempre o dialecto do Brasil
A maioria do software de tradução automático não tem capacidade suficiente de entender o contexto ou fatores culturais nos textos o que pode resultar em traduções de baixa qualidade. Por exemplo, a tradução de japonês para inglês é tipicamente má.
Para a tradução integral de textos
Quando for algo extritamente confidencial
Documentos Oficiais
Textos longos ou técnicos
Frases com expressões idiomáticas, com jargão ou com um vocabulário mais informal ainda não muito documentado em dicionários ou gramáticas da língua. Também em traduções em que uma língua do par não seja o inglês, por exemplo português-italiano ou português-espanhol, pois muitas vezes acaba por não prestar atenção a caracterizadores de género ou de número.
para traduzir textos muito longos
Para escrever textos elaborados ou mais formais
Escrever longas frases com palavras específicas
Para trabalhos académicos. No local de trabalho pode ser utilizada, mas com muita cautela.
Em nenhuma
Quando estão presentes várias gírias, ou conteúdos científicos
Para trabalhos académicos, em que o rigor é muito importante, não se deve confiar totalmente na tradução apresentada, por exemplo a tradução apresentada pode conter uma variante da língua: PT-BR e não PT-PT ou Inglês US e não UK.
documentos oficiais ou importantes, expressões idiomáticas
No âmbito de trabalhos académicos ou profissionais que exigem maior rigor.
Quando não se tem qualquer conhecimento da língua e se pretende ter uma conversa.
Para trabalhos e assuntos formais
Artigos académicos
Quando não se sabe a língua que estamos a traduzir
Situações formais e académicas. Não confiar 100% na tradução. Línguas menos "mainstream", visto que os tradutores automáticos são menos apurados nessas línguas.
Se não tivermos certeza que a tradução ficou bem feita.
Situações que exigem espontaneidade por parte do indivíduo.
Conteúdo com dados sensíveis
Frases abstractas, de opinião, com expressões idiomáticas, cuja tradução possa não ser fiel

Quando estamos em contexto de aprendizagem de um novo idioma (formato aula) e temos que apresentar um texto original sobre determinado tema
Tradução automática de artigos científicos na sua totalidade. Pode tirar o sentido das frases e traduzir conceitos científicos sem tradução.
Trabalhos académicos
Em citações diretas e em textos científicos, salvo melhores exemplos.
Documentação confidencial
Documentos legais
Para traduzir ideias complicadas ou que precisam de algum tipo de nuance. As traduções costumam ser mais austeras e às vezes mesmo erradas, especialmente se se estiverem a traduzir frases inteiras.
trabalhos formais, submissão de trabalhos, posts/reels/stories, ...
Não sei
Redação de trabalho e textos formais
Ao elaborar documentos profissionais, porque pode conter muitos erros.
No âmbito académico
Literatura, poesia
Não acho que não se deva usar, apenas se deve ter cuidado quando se usa, porque nem sempre a tradução é a mais correta!
Não se deve usar tradução automática, no sentido em que se copia a tradução sem reflexão crítica, em contexto escolar/académico. Apesar de ser uma ferramenta muito boa, há ainda alguns erros, nomeadamente para frases maiores e complexas, ainda que, na maioria das vezes, sejam mínimos esses erros.
Tradução de frases ou textos longos
Em situações em que as consequências de um erro sejam elevadas: situações académicas ou profissionais.
Quando se escreve textos com fins profissionais ou académicos ou quando é necessária uma maior formalidade.
Como base para produzir textos académicos
Escrita de documentos formais e oficiais. Falar sobre assuntos sensíveis.
Páginas Web
Escrita final de trabalhos académicos.
Diria em documentos legais, contratuais, algo pessoalmente relevante
Teses de mestrado

para fingir que se fala uma língua que não se fala
Trabalhos académicos, documentos oficiais
Não sei.
Em contextos mais formais, sejam de que tipo for, como são exemplos os trabalhos académicos, preparação de reuniões de trabalho, etc.
Traduzir textos inteiros
Quando para além do conteúdo, a forma é importante.
quando estamos a aprender uma língua, recorrer a um tradutor automático pode ser uma estratégia fácil para tirar alguma dúvida, contudo prejudicial na aprendizagem, no sentido em que nos pode induzir a erro
Na verdade a tradução automática é apenas uma pequena, um princípio de tradução que ademais para nada serve do que isso mesmo, princípio de tradução (ou para fazer compras na amazon.de)
Particularmente para trabalhos académicos atinentes aos cursos de línguas estrangeiras, visto que acabam por obstruir, para nós próprios e para os docentes das faculdades, o quão desenvolvido é o nosso conhecimento de línguas estrangeiras, para além de poder transtornar quem recorre a este meio, em especial no que toca aos contactos mais formais, onde há discrepâncias relativas ao léxico utilizado.
Em vídeos informais entre pessoas conversando como no cotidiano, geralmente a tradução automática peca neste sentido, alterando o sentido e até mesmo as palavras ditas.
Contextos e assuntos muito específicos
Trabalhos académicos, informação sensível, transmissão de ideias importantes
-Para realizar trabalhos académicos completos. -Com uma língua cuja não se tem conhecimento nenhum, pois não se possui a capacidade de (auto)correção.
Conteúdos educacionais, manuais explicativos, normas e procedimentos.
Qualquer trabalho científico
Trabalhos académicos.
Se quisermos traduzir algo para um trabalho, penso que não devemos usar a tradução automática, pois pode não ser a mais correta e a ideia transmitida pode acabar a ser diferente daquela que se queria
Quando por exemplo é necessário escrever um texto académico em uma língua que não se é nativo.

Trabalhos escolares/académicos, apresentações ou outras situações mais formais, devido às (muitas) falhas que ainda ocorrem
Quando se pretende utilizar o texto traduzido de forma integral, num documento oficial
Situações formais; trabalhos académicos
Quando o assunto é importante e a tradução tem de ser correta
para trabalhos ou questões académicas
Para escrever alguma coisa numa língua que não se domina de forma pública (posts nas redes sócias, traduções de menus etc)
Traduzir frases inteiras para fins profissionais ou educacionais
Quando o resultado da tradução for necessário a alguma atividade séria, como fazer uma citação em trabalho científico.
documentos formais e de trabalho. Necessitam ser revistos
Quando se escreve algo emocional e pessoal, pois a tradução automática tem linguagem mais formal.
Não conheço situações em que não deva usar
Para fazer trabalhos académicos.
Para tradução literal de textos sem a devida revisão, pois pode incorrer em desvios do sentido das frases, especialmente no que diz respeito a expressões idiomáticas.
Expressões idiomáticas
trabalhos académicos, divulgações científicas ou algum tipo de trabalho/apresentação de contexto mais formal, sem que seja revisto a mesma tradução
informação académica
Citações em trabalhos académicos
Em contexto académico.
Acho que não há "uma única" situação onde não se deva utilizar. Acredito que o mais importante é a forma como esta é utilizada. Por exemplo, para conseguir uma melhor tradução de alguns documentos, mas fazendo sempre uma confirmação e correção dos resultados obtidos.
Em frases extensas a tradução pode manifestar-me como muito pobre
Quando são informações confidenciais talvez
Trabalhos importantes.
escrita de artigos ou trabalhos universitários
Para traduzir expressões idiomáticas.

Para trabalhos formais, textos compridos, e em sites como redes sociais, em que as traduções não parecem muito legítimas.
Trabalhos importantes
Documentos confidenciais Documentos com terminologia especializada Patentes
Para traduzir textos grandes de uma só vez.
Frases extensas, complicadas - grau de sucesso da tradução diminui
Expressões do quotidiano
Para traduzir blocos de texto grandes, principalmente se for para fins formais.
Nenhuma, mas ter sempre atenção à globalidade do texto e ver se não se perdeu o contexto
Situações profissionais; quando queremos falar de tópicos sensíveis ou que podem ser mal interpretados e traduzidos

Questão C6 – Em que situações achas que se deve usar tradução automática?

Para tentar perceber publicações interessantes noutras línguas ou tentar "desenrascar" quando estamos no estrangeiro
Conversas casuais
Quando não se sabe dizer ou perceber uma ou duas palavras
Entender alguns significados de palavras
Eu vivo num país onde não domino a língua local, pelo que traduzo nomes de produtos, listas de ingredientes, sinais, notícias, cartas, e-mails, etc
Sempre que necessário
coisas banais
Quando não me lembro de uma palavra noutra língua, quando quero confirmar uma tradução que fiz. Para coisas simples
Para facilitar uma situação do nosso quotidiano
Para pelo menos ter uma ideia de conteúdos cuja língua não se sabe mas que não são de importância crítica, e portanto erros na tradução não vão importar muito (receitas, por exemplo. o pior que pode acontecer é um mau bolo)
Comunicação informal
email simples
Ajuda no dia a dia quando se quer escrever algo ou confirmar se aquilo que queremos escrever está correto

Perceber palavras e expressões que nos causam dúvidas. Compreender mensagens de línguas que desconhecemos.
Receitas culinária, pequenos excertos de frase
Para coisas menos formais.
Conversas diárias através de chat em trabalho por exemplo, mantendo dados necessários fora do plano.
Sempre que há dúvidas.
Ajuda na tradução de textos, como base inicial. Esclarecimento do significado de palavras no seu contexto e de expressões idiomáticas.
Posts mais banais.
Para ter acesso a conteúdos
No uso diário e individual
Tirada de dúvidas
Apoio na tradução
Quando se torna necessário clarificar a comunicação.
Para Inglês é raro encontrar erros
Traduções entre linguagens com factores culturais semelhantes tipicamente têm melhores resultados, tal como textos técnicos ou linguagem diária simples. Por exemplo a tradução automática de textos escrito em alemão simples para inglês é geralmente boa o suficiente para se perceber o texto.
Para compreender palavras desconhecidas ou procurar traduções alternativas de uma palavra conhecida
Em posts públicos
Posts que se focam no entretenimento
Em frases pequenas e não técnicas
Frases simples, palavras individuais.
para traduzir uma palavra isolada
Traduzir palavras soltas, procurar significados
Frases curtas, com palavras com muitos sinónimos
Para conversas rápidas ou situações pontuais.
Sempre que necessários
Fazer comentários no youtube em que, por saber que a ferramenta usada para a tradução automática é pior que o Tradutor do Google, prefiro, manualmente, através do Tradutor, fazer eu a tradução para a língua que quiser.

para compreender pequenas mensagens quotidianas, quer pessoais, quer públicas (anúncios, menus), para confirmar o significado de uma palavra/frase
Quando se pretende escrever um texto informal. Quando se pretende ter uma ideia geral de um texto ou tema.
Quando se tem algum conhecimento da língua para poder detectar erros
Traduzir pequenas coisas
Informações importantes
Nos restantes casos
Traduzir publicações para ter uma noção geral. Conferir aspectos lexicais, conceitos mais concretos (não traduzir por exemplo, poesia).
Quando se desconhece a língua para a qual queremos traduzir
Situações em que haja a necessidade de comunicar de uma forma assertiva, coerente e mais formal.
Conteúdo de livre acesso
conteúdo objectivo e simples, especialmente se for necessário divulgar uma informação rapidamente em larga escala
Quando queremos saber a tradução de uma palavra isolada ou o contexto de uma frase
Traduzir pequenas frases ou palavras para apoio no entendimento de artigos ou para situações de contacto com estrangeiros que precisam de apoio imediato.
Comunicação informal
Em emails pode ser muito útil, desde que se possa informar o(s) remetente(s) que o email foi sujeito a uma tradução automática, para precaver algumas interpretações erróneas. Pode usar em leituras rápidas de páginas web, textos (para uma leitura pouco aprofundada), notícias, etc
Questões académicas
Situações do dia a dia em que seja necessário comunicar rapidamente. Ler etiquetas de alimentos. Confirmar ortografia de palavras.
Para tradução de palavras, pontualmente. Ou para se ter uma vaga ideia do que poderá significar um texto em língua estrangeira.
apenas deve ser usada se estiver bem desenvolvida; ou como base para a compreensão (sendo que as pessoas devem ser avisadas que pode conter alguns erros)
Não sei
Mensagens informais e sem grande relevância e complexidade
Para questões do dia-a-dia em que é preciso obter uma tradução simples e rapidamente.

Quando não se entende uma frase ou palavra de um livro, por exemplo.
textos técnicos nos quais o significado seja literal e objetivo
Sempre que for necessária, pois para quem não percebe nada de línguas é uma ferramenta muito útil!
Neste momento, as ferramentas de tradução automática sofreram melhorias significativas relativamente há alguns anos, pelo que é mesmo possível traduzir textos completos com muito poucos erros, o que é uma grande vantagem. No entanto, o maior benefício tira-se na tradução de palavras soltas ou pequenas frases, na busca de sinónimos, por exemplo, quando se está a escrever numa língua que não a materna e procura-se diversidade de palavras, etc.
Tradução de palavras
Conviver informalmente com pessoas estrangeiras, tentar compreender algo (um post, um livro, um sinal) escrito numa linguagem estrangeira. Quando se está a escrever, e se esquece de uma palavra numa língua, mas se lembra dessa palavra noutra, pode-se usar tradução para obter a palavra desejada.
Quando se pretende compreender informação apenas disponível noutra língua.
Tradução de algumas palavras em específico, por exemplo, na leitura de um livro
Tradução de frases simples. Tradução de palavras. Procura de sinonimos.
Publicações Redes Sociais (comentários, descrições de publicações).
Compreensão mais rápida de conteúdos pesquisados, como artigos científicos.
Contacto rápido com estrangeiros
Tradução ou revisão de palavras
Compreender a opinião de alguém, ponto de vista, traduzir letras de músicas e conteúdo de vídeos.
Mensagens informais
quando se está num país onde não se consegue encontrar ninguém que fale alguma língua em comum connosco e precisamos de ajuda
Sempre que se considerar necessário para o entendimento de alguma coisa.
"Dever", neste caso em particular, é um modal demasiado forte, que denota obrigação. Acho que em momento algum se DEVE usar tradução automática, simplesmente concordo que pode ser útil apenas para desenrascar em situações que não exigem grande formalidade (para compreender amigos estrangeiros, para redes sociais, etc.).
Traduzir uma palavra ou duas palavras soltas
Quando o essencial é compreender ou comunicar um certo conteúdo, e a forma é pouco importante.

a tradução automática pode facilitar situações básicas do dia-a-dia, como quando estamos a lidar com alguém estrangeiro ou queremos saber o que letra de uma música estrangeira significa
Para compras em sites por exemplo alemães preciso usar, embora seja raro e como disse na resposta anterior como princípio ou, se se quiser, usando uma linguagem desportiva, como pontapé de saída de uma tradução.
A tradução automática apresenta demasiados problemas relacionados ao uso da linguagem, muitas vezes sem nexos, o que acaba por não recomendar o seu uso, exceto em circunstâncias informais e de necessidade maior.
Em posts escritos, séries, filmes e vídeos, desde que seja possível que a comunidade online opine se a tradução está correta ou não.
Palavras soltas e simples, traduções de frases em que o contexto é perceptível
Necessidade de tradução rápida, posts de celebridades, etc
-Para se poder confirmar pequenos aspetos de uma frase ou palavra que não se tem a certeza de como se escreve/pronuncia/utiliza. Contudo, considero mais eficaz consultar um dicionário quando se trata de uma palavra sozinha. -Para se entender o conteúdo de, por exemplo, um e-mail que se tenha recebido noutra língua,
Conteúdos informais (como descrições de fotos informais)
Quando se quer traduzir frases simples para comunicar com outrod
Compreensão de textos, artigos, etc.
Penso que seja uma boa ferramenta de auxílio no processo de leitura de documentos, sejam eles artigos, notícias, etc. Ainda que a tradução não seja a mais correta, pelo menos conseguimos entender o que estamos a ler
Para comunicações informais e aprendizado de vocabulário
Compreender textos importantes
Quando surgem dúvidas sobre o sentido da frase traduzida; quando se pretende variar o vocabulário com diferentes palavras para um mesmo sentido ou significado; melhorar ou utilizar expressões próprias da língua
Trivialidades; tradução rápida de ajuda a alguém
Para traduções não formais. Curiosidades
ajuda do dia a dia
Para perceber ou ter uma ideia do que foi dito numa língua que não se conheça.
Relembrar uma palavra noutra língua Procurar a tradução de uma expressão

Sempre que for preciso entender algo noutra língua
Para tradução de textos que queremos publicar ou trabalhar, servido como base, tendo de ser trabalhados posteriormente
Quando não se tem a certeza da gramática ou se uma palavra específica pode ser usada de uma certa forma.
Qualquer situação
Para compreensão de algo
Clarificar raciocínio ao elaborar traduções. As ferramentas automáticas conseguem ser um bom auxílio.
Artigos científicos
verificar se estamos a escrever bem, ajuda a "desbloquear" os nossos conhecimentos linguísticos - as vezes ver a frase traduzida ajuda-nos a conseguir traduzir o resto; quando não sabemos falar ou escrever com uma pessoa de outra nacionalidade e temos mesmo de comunicar com ela, numa emergência p.e.
conteudos de lazer
Quando é necessário comunicar com pessoas que falam outras línguas.
Acho que não há "uma única" situação onde se deva utilizar a tradução automática. Acredito que o mais importante é a forma como esta é utilizada. Por exemplo, para conseguir uma melhor tradução de alguns documentos, mas fazendo sempre uma confirmação e correção dos resultados obtidos.
A tradução em termos de vocabulário é apresenta-se na maioria dos casos muito boa
Coisas simples, tirar dúvidas, etc
Para compreender a essência do que está a ser dito, ou para facilitar a compreensão quando temos mais dificuldades. Tirar duvidas
dia a dia, turismo
Para ajudar na leitura de algum artigo ou notícia numa língua estrangeira, quando não se percebe alguma palavra ou frase.
Para palavras simples, contextos casuais
Quotidiano para desenrascar
Correspondência informal
Instruções em línguas não facilmente acessíveis (como russo)
Para obter uma compreensão geral de um texto
Frases curtas, ou para perceber o sentido de uma frase difícil de entender.

Frases curtas, palavras, quando não existe outro recurso para se perceber o que alguém pretende dizer por forma a compreendermos
Vídeos
Para esclarecer sobre a tradução de determinadas palavras soltas
Verificar como se escreve corretamente palavras individuais
para coisas fáceis e rápidas, no máximo para traduzir frases pouco complexas e que não tenham palavras polissémicas, ditados ou expressões idiomáticas

Questão C7 – Antes de usares tradução automática, já alguma vez paraste primeiro para pensar: “será que a tradução automática é suficientemente adequada para traduzir este texto?”

Respostas dadas na opção “outra resposta”:

Não, porque para quem não percebe nada de línguas o pouco que consiga traduzir já é útil.
Não penso nisso porque como já disse a tradução automática é apenas o princípio de um processo

Questão C8 – Usas sempre a mesma ferramenta de tradução automática, ou costumavas experimentar ferramentas diferentes?

Respostas dadas na opção “Sim, uso sempre a mesma (qual?):”:

DeepL	Google Translate	a da google	Google Translate
Google Translate	Google translate	google	Google tradutor
Google Tradutor	Google Translate	DeepL	google tradutor
Google Translate	Deepl	deepl	Google Tradutor
Google Translate	Google Tradutor	Linguee, DeepL	Uso duas Deepl e Google T
Google translator	Google tradutor	Google tradutor	Google translate
Deepl	Google Translate	Google	Google Translate
Google	Deeply e google tradutor	DeepL	google tradutor
Google Tradutor	Google translate	Google Translator	DeepL

Google translate	DeepL	DeepL	Google Tradutor
deepL	Google	Google translate	Google tradutor
Deepl	google translate	Google translate, DeepL	Google translate
Googke	DeepL	Deepl	Google Translate
Deepl	Google Translate	Google Translate	google translator
Browser	Google Tradutor	depply tradutor	google translate
Google Translate	Google Translate	Google Translate	google tradutor
Google Tradutor	DeepL	google	Google tradutor
Google tradutor	deepL	Google Tradutor	deepxl
Google tradutor	Google tradutor	google translate	Google Tradutor
DeepL	Google Translate	Deepl.com	Google tradutor
DeepL	Google translate	DeepL	google tradutor
Google Translate	Tradução automática do Google	DeepL	Google Tradutor
Google translate	Google Tradutor	Google Translate	

Questão C10 – Dirias que a seguinte frase é verdadeira ou falsa? "Hoje em dia, a tradução automática produz texto que parece tão bom quando se lê pela primeira vez, que às vezes é difícil notar que contém erros menos óbvios."

Respostas dadas na opção "outra resposta":

As vezes, principalmente se estivermos menos familiarizados com o tema
Depende.
Assuntos que tenho conhecimento é fácil de encontrar erros
Depende muito da ferramenta utilizada, mas regra geral, as ferramentas mais conhecidas cometem tantos erros, que se torna difícil não perceber
Terá de depender da plataforma que está a fazer a tradução. Como eu não tenho acesso a nenhuma tradução automática que efetivamente tenha uma performance exemplar, pessoalmente não vou considerar que isso seja verdadeiro até que possa ver por mim próprio

Depende da plataforma usada.
acho que é falsa simplesmente porque, pelo menos aos meus olhos, a tradução nunca parece lá muito boa quando leio pela primeira vez. mas concordo que às vezes possa ser difícil notar erros mais óbvios, especialmente quando não percebemos a língua para a qual estamos a traduzir
Depende do texto, como disse anteriormente, quando a tradução não está trabalhando em um texto/passagem formal, ela costuma errar.
Depende da língua, da complexidade das frases e do texto.
É muito relativo. Depende das línguas envolvidas, depende da complexidade das frases e, também, depende da exigência do utilizador/leitor
maioritariamente verdadeira. Falha em textos mais longos sem edição humana.
não sei bem, agora com o chatgpt acredito que sim, mas o Google Translate por exemplo tem vários erros
Em geral, verdadeiro, mas depende do software utilizado.
Em frases soltas, até é bastante aceitável. Mas no conjunto de um texto, falha em vários aspetos.
Verdadeira, em alguns casos

Apêndice 2 – Formulário do questionário



ESTUDO ONLINE

Caro(a) participante,

Este questionário surge no âmbito de um projeto de investigação para tese de mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O objetivo é estudar o uso de algumas funcionalidades disponibilizadas pelas redes sociais nas suas plataformas.

A maior parte do questionário consiste em perguntas de resposta rápida e não deverá ocupar mais do que 10 a 15 minutos.

O total anonimato e a confidencialidade das respostas são garantidos. A participação neste estudo é totalmente voluntária e, como tal, és livre de desistir a qualquer momento, se assim o desejares.

Obrigado pela colaboração!

(para mais informações, esclarecimento de dúvidas ou solicitar os resultados obtidos na presente investigação, enviar e-mail para up202100214@up.pt).

CONSENTIMENTO

Tomei conhecimento dos objetivos do estudo. De igual modo, tomei conhecimento de que os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Assim sendo, ao proceder à resposta a este questionário, consinto que as minhas informações sejam utilizadas para fins de investigação, não sendo reveladas em qualquer outra circunstância ou utilizadas para qualquer outro propósito.

Secção A: Utilização de redes sociais

A1. Utilizas alguma rede social?

Sim ☐

Não ☐



A2. Que redes sociais usas?

Este é um texto de ajuda da pergunta.

Facebook ☐

Twitter ☐

Instagram ☐

Youtube ☐

Outra(s): ☐

Outra(s):

A3. Com que frequência usas redes sociais?

Diariamente, mais do que uma vez por dia ☐

Diariamente, só uma vez por dia ☐

Algumas vezes por semana ☐

Algumas vezes por mês ☐

Algumas vezes por ano ☐

Outro ☐

Outro

A4. Por que razão(ões) utilizas as redes sociais?

Manter contacto com amigos, familiares e/ou colegas de trabalho ☐

Fazer novos amigos com interesses semelhantes ☐

Ver conteúdo relacionado com os meus interesses/hobbies ☐

Seguir criadores de conteúdos ou celebridades (músicos, escritores, artistas, youtubers, influencers, etc.) ☐

Partilhar/publicitar o meu trabalho com a comunidade online ☐

Fins educacionais (como ver vídeos do YouTube sobre conteúdos dados nas aulas, aprender novas competências, seguir especialistas em assuntos em que tenho interesse, etc.) ☐



Outra(s):



Outra(s):

Secção B: Utilização da tradução automática nas redes sociais

Já ouviste falar do Google Translate?

Esta ferramenta e outras semelhantes, como DeepL, Yandex ou Microsoft Translator, são ferramentas de tradução automática.

Hoje em dia, algumas redes sociais disponibilizam tradução automática integrada na própria interface, permitindo a tradução instantânea de publicações (*posts*, *tweets*, etc.) de outros utilizadores.

As imagens seguintes mostram exemplos desta funcionalidade no *Facebook*, no *Twitter* e no *Youtube*:

B1. Já sabias que algumas redes sociais têm tradução automática integrada?

Sim

☐

Não

☐

B2. Agora que sabes que algumas redes sociais têm tradução automática, achas que vais utilizá-la no futuro?

Sim

☐

Não

☐

Só uma vez, para experimentar

☐

B3. Podes explicar a tua resposta à questão anterior?

B4. Quando estás nas redes sociais, usas a tradução automática?

Sim, frequentemente

☐

Sim, por vezes

☐

Raramente

☐

Nunca a utilizei

☐



B5. Porque é que nunca usaste a tradução automática das redes sociais?

Só sigo contas/pessoas que falam a minha língua nas redes sociais ☐

Só sigo contas/pessoas que falam línguas que eu também falo, para além da minha língua nativa ☐

Porque não tenho interesse em publicações escritas em línguas que não falo ☐

Porque acho que a tradução automática não dá resultados de muito boa qualidade ☐

Outra resposta: ☐

Outra resposta:

B6. Em que redes sociais já utilizaste a tradução automática integrada?

Facebook ☐

Twitter ☐

Instagram ☐

Youtube ☐

Outra(s): ☐

Outra(s):

B7. Quando usas a tradução automática das redes sociais, traduzes de uma língua estrangeira para português?

Sim ☐

Não, traduzo para inglês ☐

Não, traduzo de português para outra língua, que é: ☐

Não, traduzo de português para outra língua, que é:

B8. Quais são as línguas estrangeiras para as quais costumás utilizar a tradução automática das redes sociais?

Inglês ☐



- Francês ☐
- Alemão ☐
- Árabe ☐
- Coreano ☐
- Japonês ☐
- Outra(s): ☐

Outra(s):

B9. Para que propósitos achas que a tradução automática é útil em redes sociais?

- Fazer amigos estrangeiros ☐
- Compreender os posts de pessoas estrangeiras como celebridades, músicos, artistas, políticos, etc. ☐
- Propósitos educacionais ☐
- Comunicação internacional mais rápida em caso de emergências ou situações de crise ☐
- Não acho que a tradução automática seja muito útil/necessária em redes sociais ☐
- Outro(s) propósito(s): ☐

Outro(s) propósito(s):

B10. Em geral, como avalias o desempenho da tradução automática das redes sociais?

- Muito mau ☐
- Mau ☐
- Suficiente ☐
- Bom ☐
- Muito bom ☐



B11. Por favor, avalia as seguintes afirmações com um valor entre 1 (discordo completamente) e 5 (concordo completamente).

	1	2	3	4	5
A tradução automática das redes sociais ajuda-me a perceber o conteúdo de publicações noutras línguas.	☐	☐	☐	☐	☐
A tradução automática das redes sociais é muito útil.	☐	☐	☐	☐	☐

B12. Por favor, avalia as seguintes afirmações com um valor entre 1 (nunca acontece) e 5 (acontece sempre).

	nunca	raramente	às vezes	muitas vezes	sempre	não sei
A tradução automática das redes sociais contém erros gramaticais.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
A tradução automática das redes sociais faz erros de outros tipos (como usar palavras demasiado formais, por exemplo).	☐	☐	☐	☐	☐	☐
A tradução automática das redes sociais muda o sentido das frases originais.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
A tradução automática das redes sociais mistura duas variantes do português na mesma frase (exemplo: português europeu e português do Brasil).	☐	☐	☐	☐	☐	☐

B13. Consideras que há alguma diferença na qualidade dos resultados da tradução automática de diferentes redes sociais?

Só usei a tradução automática de uma rede social, não tenho forma de comparar ☐

Não ☐

Não sei ☐

Sim, a tradução automática de algumas redes sociais é melhor do que a de outras (quais?): ☐

Sim, a tradução automática de algumas redes sociais é melhor do que a de outras (quais?):

B14. Já tiveste algum problema durante a utilização de redes sociais devido a erros da tradução automática integrada? Algum mal-entendido causado por uma tradução automática com erros?

Sim ☐

Não ☐



B15. Podes explicar que problema/mal-entendido foi esse?

B16. Já alguma vez utilizaste uma ferramenta de tradução automática para escrever uma publicação noutra língua, como demonstrado na imagem abaixo?

Sim ☐

Não ☐

Secção C: Tradução automática - uso e literacia

As perguntas desta secção não são sobre a tradução automática das redes sociais, mas sim sobre as ferramentas de tradução automática gerais, como Google Translate ou DeepL.

C1. Fora das redes sociais, costumas utilizar a tradução automática?

Sim, todos os dias ☐

Sim, com alguma frequência (não todos os dias, mas uso com regularidade) ☐

Já usei várias vezes, mas não uso regularmente, só quando necessário ☐

Muito raramente, só uma vez ou duas ☐

Nunca usei ☐

C2. Tens conhecimento das vantagens e desvantagens do uso da tradução automática?

Sim ☐

Não ☐

C3. Tens conhecimento das questões de confidencialidade relacionadas com a tradução automática?

Sim ☐

Não ☐

C4. A tradução automática funciona igualmente bem para qualquer língua, ou funciona melhor para algumas línguas?

Funciona igualmente bem para qualquer língua ☐

Funciona melhor para algumas línguas do que para outras ☐



C5. Em que situações achas que não se deve usar tradução automática?

C6. Em que situações achas que se deve usar tradução automática?

C7. Antes de usares tradução automática, já alguma vez paraste primeiro para pensar: “será que a tradução automática é suficientemente adequada para traduzir este texto?”

Sim, sempre ☐

Algumas vezes, para certos tipos de texto ☐

Não, nunca ☐

Outra resposta: ☐

Outra resposta:

C8. Usas sempre a mesma ferramenta de tradução automática, ou costumavas experimentar ferramentas diferentes?

Não, às vezes experimento ferramentas diferentes ☐

Sim, uso sempre a mesma (qual?): ☐

Sim, uso sempre a mesma (qual?):



C9. Sabes quais os tipos de erros que a tradução automática tem tendência a cometer atualmente?

Sim ☐

Acho que sei alguns, mas não todos ☐

Não ☐

C10. Dirias que a seguinte frase é verdadeira ou falsa?

"Hoje em dia, a tradução automática produz texto que parece tão bom quando se lê pela primeira vez, que às vezes é difícil notar que contém erros menos óbvios."

Verdadeira ☐

Falsa ☐

Outra resposta: ☐

Outra resposta:

Secção D: Informação pessoal

D1. Género:

Feminino ☐

Masculino ☐

Outro: ☐

Outro:



D2. Idade:

- 10 – 14 anos ☐
- 15 – 19 anos ☐
- 20 – 24 anos ☐
- 25 – 29 anos ☐
- 30 – 34 anos ☐
- 35 – 39 anos ☐
- 40 – 44 anos ☐
- 45 – 49 anos ☐
- 50 – 54 anos ☐
- 55 – 59 anos ☐
- 60 – 64 anos ☐
- Mais de 65 anos ☐

D3. Naturalidade:

- Portugal ☐
- Outro país: ☐

Outro país:

**D4. Local de residência atual:**Atualmente não vivo em Portugal ☐Açores ☐Aveiro ☐Beja ☐Braga ☐Bragança ☐Castelo Branco ☐Coimbra ☐Évora ☐Faro ☐Guarda ☐Leiria ☐Lisboa ☐Madeira ☐Portalegre ☐Porto ☐Santarém ☐Setúbal ☐Viana do Castelo ☐Vila Real ☐Viseu ☐



D5. Grau académico (último concluído, ou aquele que estás a completar agora se ainda és estudante):

- ensino básico ☐
- ensino secundário ☐
- licenciatura ☐
- pós-graduação ☐
- mestrado ☐
- mestrado integrado ☐
- doutoramento ☐
- formação profissional ☐

D6. Principal domínio científico que estudas/em que trabalhas:

- Ainda não tenho um domínio de estudo/trabalho específico ☐
- Formação de Professores/Formadores e Ciências da Educação ☐
- Artes ☐
- Línguas e Humanidades ☐
- Ciências Sociais e do Comportamento ☐
- Gestão e administração ☐
- Informação e Jornalismo ☐
- Ciências Empresariais ☐
- Direito ☐
- Ciências da Vida ☐
- Ciências Físicas ☐
- Matemática e Estatística ☐
- Informática ☐
- Engenharia e Técnicas Afins ☐
- Indústrias Transformadoras ☐
- Arquitetura e Construção ☐
- Agricultura, Silvicultura e Pescas ☐
- Ciências Veterinárias ☐
- Saúde ☐





- Serviços Sociais ☐
- Serviços Pessoais ☐
- Serviços de Transporte ☐
- Proteção do Ambiente ☐
- Serviços de Segurança ☐
- Outro ☐

Outro

D7. O português é a tua língua nativa?

- Sim ☐
- Não ☐

D8. Falas alguma língua para além da tua língua nativa?

- Sim ☐
- Não ☐

D9. Que outras línguas falas, para além da tua língua nativa?

- Inglês ☐
- Francês ☐
- Alemão ☐
- Árabe ☐
- Coreano ☐
- Japonês ☐
- Português ☐
- Outra(s): ☐

Outra(s):

**D10. Qual é o teu grau de conhecimento/interesse pela tradução?**

- Estudo tradução ☐
- Sou profissional da área ☐
- Conheço tradutores ☐
- Não costumo pensar muito no assunto... ☐

D11. Tens algum dos seguintes interesses?

- literatura em inglês ☐
- literatura estrangeira (não em inglês) ☐
- filmes estrangeiros (em inglês) ☐
- filmes estrangeiros (em línguas que não o inglês) ☐
- música de artistas falantes de inglês ☐
- música de artistas falantes de outras línguas que não o inglês ☐
- jornais de países estrangeiros ☐
- anime/manga ☐
- dramas asiáticos ☐
- telenovelas não portuguesas ☐
- nenhum destes, todos os meus interesses são em português e/ou inglês ☐
- outro interesse para o qual é difícil encontrar conteúdo/comunidades online em língua portuguesa/inglesa: ☐

outro interesse para o qual é difícil encontrar conteúdo/comunidades online em língua portuguesa/inglesa:

Muito obrigado! A tua participação foi extremamente valiosa para esta investigação (e para eu acabar o meu mestrado)! 🙏🙏 Em caso de dúvidas, ou para mais informações sobre este projeto de investigação, enviar e-mail para up202100214@up.pt.